

Norma Meireles  
Paulo Rogério Costa de Oliveira  
João Batista Ferreira Neto  
*organizadores*

# **TODOS OS RÁDIOS DO BRASIL**

*novas frequências, sintonias e conexões*





UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

REITORA

MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA DINIZ

VICE-REITORA

BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA



DIRETOR DO CCTA

José David Campos Fernandes

VICE-DIRETOR

Ulisses Carvalho da Silva



CONSELHO EDITORIAL

Carlos José Cartaxo

Gabriel Bechara Filho

José Francisco de Melo Neto

José David Campos Fernandes

Marcílio Fagner Onofre

EDITOR

José David Campos Fernandes

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL

Paulo Vieira

LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO COORDENADOR

Pedro Nunes Filho

NORMA MEIRELES  
PAULO ROGÉRIO COSTA DE OLIVEIRA  
JOÃO BATISTA FERREIRA NETO  
ORGANIZAÇÃO

TODOS OS RÁDIOS DO BRASIL  
NOVAS FREQUÊNCIAS, SINTONIAS E CONEXÕES

EDITORA DO CCTA  
JOÃO PESSOA  
2019

Projeto gráfico: José Luiz da Silva  
Capa: Beatriz Batista Durand  
Bibliotecária responsável: Suziquine Ricardo Silva

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

**T639**      **Todos os rádios do Brasil: novas frequências, sintonias e conexões [recurso eletrônico] / Organização: Norma Meireles, Paulo Rogério Costa de Oliveira, João Batista Ferreira Neto. – João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.**

**Recurso digital (2,80MB)**

**Formato: ePDF**

**Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader**

**ISBN: 978-85-9559-190-5**

**1. Rádio - Brasil. 2. Rádio e Jornalismo. 3. Rádio – História.  
4. Rádio – Aspectos sociais. I. Meireles, Norma. II. Oliveira,  
Paulo Rogério Costa de. III. Ferreira Neto, João Batista.**

**UFPB/BS-CCTA**

**CDU: 654.195(81)**

Foi feito depósito legal.

Todos os textos são de responsabilidade do(a)s autor (a)s.

Direitos desta edição reservados à: EDITORA DO CCTA/UFPB

Cidade Universitária – João Pessoa – Paraíba – Brasil.

Impresso no Brasil.

*Printed in Brazil.*

## SUMARIO

PREFÁCIO 1 – NADA FOI, É OU SERÁ LONGE PARA O CENTENÁRIO RÁDIO, SEUS PESQUISADORES E PROFISSIONAIS .....7

PREFÁCIO 2 .....11

### PARTE I

#### RÁDIO, CONVERGÊNCIA E MERCADO

REFLEXÕES SOBRE O RÁDIO CATARINENSE NO PROCESSO DE MIGRAÇÃO DO AM PARA O FM .....15

Karina Woehl de Farias

Valci Regina Mousquer Zuculoto

Beatriz Hammes Clasen

WEB RÁDIO UNEB/CAMPUS XIV - Coité /BA: Experimentalismo, Educação Online e Formação Docente .....27

Pricilla de Souza Andrade

### PARTE II

#### RADIO E JORNALISMO

ALÔ, ALÔ, OUVINTES INTERNAUTAS! INFORMAÇÕES JORNALÍSTICAS APRESENTADAS NOS SITES DAS RÁDIOS MARANHENSES .....46

Nayane Cristina Rodrigues de Brito

Valci Regina Mousquer Zuculoto

LUTA LIVRE E RADIOJORNALISMO AMERICANO: O início do ápice .....65

Carlos Cesar Domingos do Amaral

RÁDIO PARA OUVIR E ASSISTIR: As experiências das rádios gaúcha e Jovem Pan no facebook .....74

Caroline Barbosa Rangel

Cláudio Roberto de Araújo Bezerra

SENSACIONALISMO NO JORNALISMO: Um olhar sobre o programa Chumbo Grosso, da Rádio Sisal AM de Conceição do Coité .....93

Darli Lima Alves

Paulo Rogério Costa de Oliveira

### PARTE III

#### HISTÓRIA DO RADIO

A HISTÓRIA ORAL ENQUANTO FERRAMENTA DE RESGATE DA HISTÓRIA DO RÁDIO EM CACHOEIRA .....101

Marizangela Maria de Sá

RÁDIO: A VOZ DE VARGAS .....112

Luciana Antunes

Renato Teixeira

Elvis W. Santos

### PARTE IV

#### RÁDIO, GÊNERO E JUVENTUDE

A HISTÓRIA DAS MULHERES NO RÁDIO CATARINENSE: perfil e contribuições da radialista Kátia Broleis .....124

Ediane Teles de Mattos

Karina Woehl de Farias

Juliana Gobbi Betti

PROGRAMA VOZES MULHERES: Ecos de questões de gênero, sexualidade e étnico-racial no rádio .....139

Joanna Carolina Alcântara dos Santos

APONTAMENTOS SOBRE COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA .....149

Pricilla de Souza Andrade

# NADA FOI, É OU SERÁ LONGE PARA O CENTENÁRIO RÁDIO, SEUS PESQUISADORES E PROFISSIONAIS

Todo artista tem de ir aonde o povo está

Se foi assim, assim será

(Trecho da música Nos bailes da vida, de Fernando Brant / Milton Nascimento)

O rádio abriga artistas, cantoras e cantores, jornalistas, radialistas, enfim, diversos perfis de comunicadores, para levar informação, música, entretenimento, cultura e conhecimento ao povo. Ou seja, como canta Milton, tem de ir e vai aonde o povo está. Foi assim, é assim e assim será com este centenário meio de comunicação que evidencia ainda ter muito futuro pela frente. E também deve ser assim para os pesquisadores (professores e estudantes) e profissionais que estudam o rádio, buscando qualificá-lo, compreendê-lo sempre mais para aperfeiçoá-lo, preservar sua memória e sua já longa história. Foi com este entendimento, como que embalados por outro trecho de “Nos bailes da vida”, o de que “cantar era buscar o caminho que vai dar no sol”, que se organizou e se realizou o III Simpósio Nacional do Rádio, evento acadêmico promovido pelo GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, de 4 a 6 de abril de 2018, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, na cidade baiana de Conceição do Coité. A cerca de 250 quilômetros da capital Salvador, situada no sertão baiano, nasceu arraial, foi Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Coité, hoje é um município de mais de 60 mil habitantes e tem na produção de sisal um dos seus destaques econômicos.

Nossa Senhora da Conceição é padroeira do município. Levando o nome da santa na sua denominação e prestando homenagem à ela na sua bandeira, Conceição do Coité também “bota fé” na comunicação sonora: sintonizei, enquanto na cidade, quatro emissoras de rádio de antena, entre FMs, AM e comunitárias, várias web rádios,

## NADA FOI, É OU SERÁ LONGE PARA O CENTENÁRIO RÁDIO, SEUS PESQUISADORES E PROFISSIONAIS

entre as quais a da UNEB, e uma rádio poste na praça central da cidade. A paisagem sonora cotidiana do município também conta com irradiações de uma considerável quantidade de carros de som, que veiculam informações de utilidade pública, música e/ou anúncios comerciais. E se visitantes não conseguirem táxi para alguma andança, não é impossível que condutores de um desses sonoros carros gentilmente se ofereçam para fazer o transporte, prestando também este tipo de utilidade pública. A professora Nelia Del Bianco (UnB/UFG), uma das palestrantes do evento, e eu recebemos esta gentileza durante o Simpósio e, radioapaixonadas, claro que nos sentimos em casa ao sermos transportadas por um carro de som.

Também foi com este entendimento, de que a pesquisa em rádio deve se irradiar cada vez mais e para todos os cantos do país, que se escolheu o tema central do Simpósio: “Todos os rádios do Brasil: novas frequências, sintonias e conexão para a democracia”.

Afinal, à época o povo brasileiro vivia um dos seus anos mais emblemáticos dos últimos tempos para defender a democracia no país. Em 2018, o Brasil escolheu seu novo presidente, em disputadas eleições gerais, após o *impeachment* da então presidenta Dilma Roussef, o vice Michel Temer assumir e a prisão do ex-presidente Lula. Em tempos tão críticos e decisivos do país, era preciso que o rádio discutisse e confirmasse sua função social de levar cultura, conhecimento, entretenimento e informação ao povo.

A coordenação do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, naquele período integrada por mim, Valci Regina Mousquer Zuculoto (UFSC), Marcelo Kischinhevsky (UERJ/UFRJ) e Debora Lopez (UFOP), juntamente com ex-coordenadores do Grupo, definiu pela realização na UNEB de Conceição do Coité, atendendo a interesse daquela instituição, manifestado e com projeto apresentado por meio do professor Rogério Costa, a quem coube a coordenação local do evento. Um dos principais motivos para se acolher a candidatura da UNEB em sediar o evento foi a necessidade que o Grupo vinha detectando, de descentralizar e espriar os debates e investigações sobre o radiofônico. Isto não apenas para alcançar estudos e seus pesquisadores que nem sempre conseguem participar dos eventos nacionais normalmente realizados no sudeste,



centro e sul do país. Levar o Simpósio para o sertão baiano também teve a finalidade de ampliar o estímulo ao aprofundamento, aumento e iniciação à pesquisa do rádio e mídia sonora.

Com uma trajetória de quase 30 anos e já consolidado como protagonista dos estudos sobre rádio no país, o GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom aprofunda agora seu desenvolvimento, por meio de suas pesquisas e promoções como o Simpósio, rumo à internacionalização. Mas, ao mesmo tempo e com mesmo grau de importância, preocupa-se com o que entendemos como a descentralização e a interiorização. Neste sentido, a UNEB de Conceição do Coité foi pioneira na parceria para a realização do III Simpósio e toda a organização e resultados do evento vieram corroborar a certeza de que a escolha da sede e essas compreensões acerca do espraiamento da pesquisa radiofônica, estavam e continuam acertadas.

Com perto de 200 inscritos, mesmo com o quesito distância pesando entre possíveis dificuldades para o comparecimento, a programação do III Simpósio Nacional do Rádio, com a qualidade dos trabalhos apresentados e das palestras de pesquisadores e profissionais, forjou uma representatividade do campo científico do radiofônico de norte a sul e de leste a oeste do Brasil. Então e aqui, nesta publicação dos seus anais, observamos, por exemplo, trabalhos e discussões sobre o rádio na fronteira do Rio Grande do Sul, extremo-sul do Brasil, no interior de São Paulo, no interior do Maranhão, em Pernambuco, na Paraíba, entre muitos outros recantos do país. Igualmente observamos, nos debates e artigos apresentados, o quanto o rádio é necessário e pode contribuir contra a intolerância, a violência, a desigualdade de gênero, a destruição do meio ambiente; o quanto este meio, mesmo centenário, resiste e se adapta às inovações, através, por exemplo, da migração do AM para o FM, um dos seus mais importantes fenômenos na atualidade, da ocupação da web, transmitindo também via sites ou das suas exclusivas emissoras da internet. E ainda foi possível conhecer e debater mais de perto o rádio baiano, pois muitos alunos, professores, pesquisadores e profissionais, especialmente da região, expuseram e debateram seus estudos, além de participarem das palestras programadas, exatamente dentro da finalidade de mostrar as discussões mais contemporâneas sobre o radiofônico.

## NADA FOI, É OU SERÁ LONGE PARA O CENTENÁRIO RÁDIO, SEUS PESQUISADORES E PROFISSIONAIS

O rádio, o GP e seus pesquisadores só têm a agradecer à UNEB de Conceição do Coité, seus professores, funcionários e alunos, especialmente à coordenação local do evento, na figura do professor Rogério Costa. Também é de se ressaltar agradecimentos especiais à idealizadora do Simpósio e realizadora de sua primeira edição, em 2013, professora Norma Meireles Mafaldo, que agora participa da organização destes anais. O evento na UNEB de Coité alcançou - e muito - os grandes e sempre objetivos das edições do Simpósio, de levar, conhecer e aprofundar as pesquisas sobre rádio e mídia sonora no Brasil inteiro e contextualizá-lo inclusive internacionalmente.

Afinal, o centenário meio rádio vive a era digital transformado, renovado, transbordado para as mais recentes tecnologias da comunicação. O que compreendemos, nos nossos estudos, é que adquire cada vez mais sentido de permanência e importância no cenário contemporâneo em que se aprofunda a centralidade da comunicação e informação para a construção social da realidade. Sobretudo, continua um dos meios mais populares no nosso país e, a partir de suas transformações e adaptações, com potencial cada vez maior para desenvolver sua função social. Como pudemos perceber e defender, nas comunicações e reflexões do III Simpósio, justamente em acordo com o seu tema central, para que todos os rádios do Brasil, suas novas e velhas frequências, sintonias façam ou continuem a fazer conexão para a democracia.

Milton Nascimento, em mais outro trecho de “Nos bailes da vida”, diz sobre os artistas que vão aonde o povo está, que “para cantar nada era longe”. Para o rádio, seus pesquisadores e profissionais também nada foi, é ou será longe.

Valci Regina Mousquer Zuculoto  
segundo semestre de 2019

## PREFÁCIO 2

Acompanhar as transformações tecnológicas, políticas, econômicas, bem como as de ordem da linguagem radiofônica, que envolve aspectos tais como: criação, modos de produção, emissão e recepção dos conteúdos transmitidos através do rádio se constitui um desafio e uma urgência. Desde o surgimento do rádio, o veículo atravessa momentos de apogeu à crises, com avanços e adaptações. Sem dúvida, a digitalização veio alterar sobremaneira a dinâmica da existência da radiofonia em termos técnicos e de atualização/ adaptação da linguagem com novos elementos como; a imagem (fotografia e vídeo), os podcasts, links e hiperlinks nos sites, todos esses elementos chamado por Kischinhevsky (2016) de produtos parasonoros. No entanto é importante lembrar que em muitos aspectos, o rádio reforça suas características primordiais de existência tais como; oralidade, proximidade, regionalidade.

É nesse contexto de diálogo entre o tradicional e o moderno que tecnologia, linguagem e mercado buscam encontrar e experimentar novos modos de produção e distribuição de conteúdo. Com isso, nota-se que novas práticas de escuta inevitavelmente vão surgindo, pois com o surgimento de novos elementos na construção da mensagem, aumenta-se a quantidade de apelos sensoriais no que corresponde à percepção desse conteúdo pelo indivíduo (ouvinte/ouvinauta). A voz é um dos instrumentos mais emocionais na dinâmica comunicativa, pois faz vibrar o corpo inteiro ao ser expressada, o ato de ouvir também aciona, mobiliza a atenção e exige uma

## PREFÁCIO

escuta atenta. Quem ouve rádio, necessita dispor em sua escuta da mesma inteireza daquele que fala, ou simplesmente, perde a informação e por isso, repetir a mensagem no veículo radiofônico tradicional é algo tão recorrente. Pensar que essa característica discursiva da repetição se perde quando o som passa a contar com outros elementos nos meios digitais, talvez seja um equívoco. Penso que a necessidade de presença continua essencial para a compreensão da mensagem comunicativa, no entanto essa função de repetir a informação caso ela não tenha sido acessada, compreendida cabe agora ao público receptor, o ouvinauta.

Atender as demandas tecnológicas se faz tão necessário quanto atualizar as construções narrativas nas grades de programação do meio radiofônico, bem como reivindicar nesse espaço, os lugares de história e memória. Desse modo, nota-se que os textos que compõem esta publicação dividem-se em quatro partes: Rádio, convergência e mercado; Rádio e Jornalismo; História do rádio; e Rádio, gênero e diversidade.

Logo no início os estudos relatam experiências e experimentalismo em web rádios universitárias e comerciais, traz reflexões sobre a migração da AM (amplitude modulada) para FM (frequência modulada).

Na segunda parte dos estudos é possível encontrar uma análise de informações jornalísticas em sites maranhenses, em seguida retoma-se à história e memória do radiojornalismo americano nas transmissões de Luta Livre. O caráter jornalístico e o sensacionalismo também emergem nesses estudos, o primeiro, observa de que maneira o jornalismo aparece no “rádio para ouvir e assistir”, trazendo a as experiências gaúchas e Jovem PAN no facebook, o segundo traz a discussão do sensacionalismo no estudo de caso da Rádio AM Sisal, em Conceição do Coité/BA.

A história do rádio também se faz presente nas discussões aqui propostas trazendo; desde a importância da história oral na reconstrução histórica do rádio em Cachoeira/Ba, bem como a voz do rádio no período

Vargas. Temas contemporâneas latentes, que configuram reflexões sobre gênero, raça e sexualidade compõem as últimas discussões, abordam; história das mulheres no rádio catarinense e apresenta um estudo de caso do programa Vozes Mulheres, esse último levanta questões de gênero, sexualidade e étnico-racial no rádio. Por fim, as análises apontam para uma abordagem que direciona as possibilidades da comunicação não-violenta, abrangendo o rádio e propondo que esse meio sendo, essencialmente, oral integre as mudanças de paradigmas/propostas de transformações nas relações humanas através desse outro modo de comunicar.

É uma obra de múltipla, de muitos autores e muitas abordagens no cenário radiofônico, apresenta um painel de temas emergentes e objetos de grande interesse para a área.

Pricilla Andrade

*Professora e Coordenadora do Curso de Comunicação Social/ UNEB*

# **PARTE I**

## **RÁDIO, CONVERGÊNCIA E MERCADO**

# REFLEXÕES SOBRE O RÁDIO CATARINENSE NO PROCESSO DE MIGRAÇÃO DO AM PARA O FM

Karina Woehl de Farias<sup>1</sup>

Valci Regina Mousquer Zuculoto<sup>2</sup>

Beatriz Hammes Clasen<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

## INTRODUÇÃO

Ainda há um longo caminho a ser trilhado no processo de migração do rádio AM para o FM, mas os reflexos iniciais deste período de transformação começam a aparecer. Mudanças que este estudo pretende observar e discutir pensando no atual momento da radiodifusão no Brasil. O meio tem alterado a forma de sintonizar as ondas radiofônicas desde que a Migração do AM para o FM foi determinada pelo Governo Federal em 2013<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Mestre em Educação (UNESC) e professora de Radiojornalismo na Faculdade Satc, em Criciúma/SC. Membro do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa), certificado no CNPq. Email: fariaskaki@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Curso de graduação e Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Doutora em Comunicação (PUCRS), Pós-Doutora (ECO-UFRRJ), Coordenadora do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e da Rádio Ponto UFSC, Diretora da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa), certificado no CNPq. Autora de “No Ar - A história da notícia de rádio no Brasil” e “A programação de rádios públicas brasileiras”. E-mail: valzuculoto@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) e Grupo de Pesquisa Jornalismo e Conhecimento, certificados no CNPq. E-mail: clasen.beatriz@gmail.com

<sup>4</sup> BRASIL. 4 Decreto presidencial nº 8.139 – 7 de novembro de 2013. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm)

Desta forma, esta pesquisa amplia estudos anteriores sobre o processo de transformação das emissoras migrantes e identifica as adaptações iniciais na programação jornalística das três primeiras rádios catarinenses que deixaram o AM. Para isso, apresentam-se as três pioneiras na mudança de dial em Santa Catarina. São elas: a *Rádio Clube*, de Lages; a *Rádio Brasil Novo*, de Jaraguá do Sul, e a *Rádio Verde Vale*, de Braço do Norte.

É sabido que a tecnologia em AM não está presente também em novos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Isso faz com que os novos aparelhos cheguem ao mercado somente com a sintonia em Frequência Modulada, refletindo diretamente na audiência de emissoras. Também é mais um dos fatores que representam problema para as ondas em Amplitude Modulada, a indústria automobilística, que coloca no mercado veículos sem aparelhos radiofônicos compatíveis ao AM. Este preterimento do AM e as interferências nas ondas são alguns dos motivos que trouxeram redução na receita publicitária e dor de cabeça a muitas emissoras do país. Causas que, unidas à falta de continuidade nas discussões de implantação do modelo de rádio digital no Brasil, levaram radiodifusores a apoiarem a migração para o FM.

Este trabalho objetiva observar os passos iniciais da migração em Santa Catarina por meio de uma pesquisa exploratória, descritiva e de natureza qualitativa que, entre outras fontes e ferramentas de coleta, realiza entrevistas não dirigidas com gestores das estações. Embasam o referencial teórico deste estudo, a trajetória histórica do rádio (DE FARIAS e ZUCULOTO, 2017) e os avanços tecnológicos significativos que o afetaram enquanto meio de comunicação de massa.

## AS MUDANÇAS NO AM AO LONGO DA HISTÓRIA

O modo de fazer e ouvir rádio tende a mudar com o processo de transformação pelo qual o rádio vem passando durante a migração do AM para o FM. Isso inclui a programação das emissoras, entendida por Barbosa Filho (2009), como um conjunto de programas e produtos ordenados de forma lógica e que vem se modificando e seg-



mentando ao longo dos anos, visando consolidar público-alvo, linha editorial e estar em sintonia com os fatores econômicos.

A evolução do rádio está sendo estudada e analisada nas suas mais variadas formas, da invenção do transistor à chegada da televisão, do surgimento das FMs aos avanços tecnológicos que ampliaram as formas de recepção. Essas transformações são (re)visitadas com intuito de perceber a importância histórica destes avanços na trajetória da radiodifusão. Recorte necessário para a elaboração de estudos preliminares de uma das autoras deste trabalho, para embasamento da tese de doutorado em andamento que avalia as adaptações do radiojornalismo que muda do AM para o FM no cenário brasileiro. Essa periodização da evolução do meio revisa pesquisas publicadas anteriormente sobre as ondas de mudança do rádio (DE FARIAS e ZUCULOTO, 2017).

A primeira grande mudança ocorreu com a própria Implantação do Rádio nos anos 20; uma revolução tecnológica à época, quando o principal meio de informação da população, o jornal, já não era a única forma de se chegar ao público. A trajetória do rádio AM no Brasil se confunde com a história do meio no país já que as primeiras emissoras eram fundadas por clubes ou sociedades, numa reunião de apoiadores da radiodifusão. O fato das pessoas passarem a ouvir o meio no lugar de ler os jornais pode ser considerada uma das evoluções importantes do rádio.

O segundo momento de mudanças, impactando drasticamente o rádio AM da época, foi a chegada da TV e do transistor. A programação radiofônica com muitos artistas e músicos passou a dar espaço ao jornalismo e aos serviços de utilidade pública, já que os programas musicais migraram para a televisão, mudando o comportamento na recepção do público (ZUCULOTO, 2012). Artistas consagrados pelo rádio foram para os programas televisivos, esvaziando o meio radiofônico. As emissoras necessitaram se reinventar para sobreviver e reconquistar um ouvinte agora focado na TV. A segunda fase de mudança também foi marcada pela miniaturização e a redução nos preços de aparelhos, deixando o rádio AM muito mais popular e acessível. O grande invento inovador foi o transistor, que segundo Magnoni e Rodrigues (2013), foi a tecnologia criada para facilitar a transmissão e recepção dos sinais, visando a utilização portátil.

Tão importante quanto o transistor para a história do Rádio AM foi a implantação do FM no Brasil. A liberação do espectro FM às emissoras comerciais começou tardia no Brasil, com um atraso de 30 anos em relação à invenção nos Estados Unidos (PRADO, 2012). Segundo Del Bianco (2012), a nova faixa espalhou emissoras no processo de interiorização e trouxe uma audiência jovial. A implantação da nova frequência foi vista como um aspecto positivo para o meio, já que além do aumento no número de emissoras e na qualidade do som, proporcionou a segmentação na programação e a especialização de novas linguagens específicas do meio. Restou ao AM, conforme Zuculoto (2012), usar muito mais a fala do que a música, popularizando o radiojornalismo.

Na sequência, a Informatização chega com a entrada dos satélites espalhando o sinal de emissoras de grandes centros para todo o território nacional. De Farias e Zuculoto (2017), apontam que o caráter local ficou de lado, profissionais foram substituídos por redações e estúdios computadorizados. Emissoras do interior passaram a transmitir programações uniformes culturalmente, presente nas cidades grandes, mas causando estranheza nas localidades, fator que impactou diretamente as ondas de Amplitude Modulada, tradicionais na informação local.

Anos depois, a digitalização do rádio e as webrádios surgem como ferramentas do universo virtual (ZUCULOTO, 2012). A novidade anunciava mais um momento de mudança no rádio do brasileiro, com *a Internet e o Rádio Expandido* (Kischinhevsky, 2016) impactando mais uma vez o AM. Hábitos novos que alteraram o comportamento do ouvinte, como por exemplo no suporte, com a quebra da tradição de ouvir rádio por aparelhos convencionais, agora via computador.

Este novo rádio, que vem extrapolando as ondas hertzianas e se espalhando nas multiplataformas, representa também uma era de mudanças. Um novo momento marcado por qualidade sonora, transmissão simultânea entre AM e FM, uso de aplicativos para celulares, suportes digitais e demais necessidades tecnológicas que atualizam o meio e mudam a forma de consumo do rádio AM. Assim, a tecnologia a serviço do meio aumentou a possibilidade de interação do ouvinte, que agora sai de uma condição de passividade, sendo peça importante no fazer rádio e no consumir informações. Novo

rádio, porque a escuta, segundo Kischinhevsky (2016, p.279), “se dá em AM/FM, ondas curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (podcasting ou através de busca de arquivos em diretórios)”. Essa mudança no hábito de consumo dos ouvintes acaba por influenciar fortemente a migração do AM, já que ouvir rádio não ocorre mais somente no velho e bom radinho à pilha, mas nas multiplataformas.

## DO DECRETO À MIGRAÇÃO PARA O FM

A migração do rádio AM avança desde novembro de 2013, com a assinatura do decreto presidencial que autorizou as rádios a irem para a Frequência Modulada. Os motivos apontados acima foram ponto de partida para o processo de mudança no dial. Mais do que permitir a alteração, o documento do Governo Federal sentenciou as Ondas Médias ao definhamento, já que o espaço a ser deixado pelas AMs é alvo das operadoras de telefonia, mostrando um viés econômico, como menciona Curado (2015, p.74), quando aponta que um “dos interesses em tirar o rádio desse espectro é poder concedê-lo às operadoras de telecomunicações para a prestação de serviços do sistema 4G”.

Não há obrigação às emissoras para migrarem, no entanto, a estação que decidir não ir para o FM, deixará de existir. “As emissoras com essas características que optarem por não migrar nem se reenquadrar (deixar a característica de OM local para se transformar em regional), assinam na prática seu termo de desligamento” (CURADO, 2015, p.70).

O Brasil possui 1.781 emissoras AMs, conforme dados do Ministério das Comunicações. Destas, pouco mais de 1,3 mil pediram para mudar para o FM. Um terço delas depende do desligamento dos canais 5 e 6, usados pela televisão com sinal analógico. Atualmente, quase 440 destas emissoras já funcionam no novo espectro. Em Santa Catarina, das 99 emissoras em Ondas Médias, 40 já atuam em Frequência

Modulada e cerca de 50 necessitam da faixa estendida no dial. Essas rádios constituem o lote residual, que não possuem espaço no espectro onde estão situadas, o que significa a faixa estendida. A diferença do rádio atual é que o espectro estendido contará com novas faixas, entre 76 MHz a 107.9 MHz. Uma expansão necessária para abrigar a quantidade de frequências das novas FMs que não tiverem espaços livres. As rádios que necessitarem desta faixa estendida poderão transmitir simultaneamente em FM e AM por até cinco anos para que haja adaptação dos aparelhos receptores, que terão que ser fabricados com nova tecnologia.

Desta forma, para que se entenda estes primeiros passos das rádios comerciais a migrarem em Santa Catarina, este estudo escolheu observar os apontamentos iniciais por meio de análise das pioneiras no Estado, também pela importância destas emissoras nas regiões Serrana, Norte e no Sul do Estado, respectivamente. A coleta de dados para este artigo também dará suporte à investigação coletiva que resultará na publicação de um livro sobre a Migração do AM para o FM, encabeçado pelo Grupo de Rádio e Mídia Sonora da Intercom.

A primeira rádio a migrar para o FM em Santa Catarina foi a **Rádio Clube de Lages**, a segunda do país, conforme a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT). A Clube é uma das rádios mais antigas do estado, tendo seu surgimento datado em 1947. A emissora é comandada pelo empresário Roberto Amaral e faz parte do Grupo SCC (Sistema Catarinense de Comunicações). Desde junho de 2016 está funcionando na frequência de 98,3FM, manteve a programação e mudou a plástica (vinhetas e trilhas).<sup>5</sup> Antes, a Clube era acompanhada pelo 690 AM.

Dos pontos positivos destacados pelo diretor da emissora, Roberto Amaral ressaltou dois deles: o aumento no faturamento da emissora e um maior alcance de sinal após a migração para o FM. “Tínhamos ouvintes que não conseguiam sintonizar a Clube em municípios como Correia Pinto, Campos Novos, até 100 quilômetros e que hoje nos ouvem e entramos bem por lá” (AMARAL, 2017). Em relação ao faturamento, segundo o diretor, o acréscimo chegou a 20% em menos de um ano no novo dial. Ao

---

<sup>5</sup> AMARAL, Roberto. Entrevista concedida em 10 de outubro de 2017.

mesmo tempo em que vê crescer o faturamento, a Rádio Clube de Lages se preocupa com a concorrência mais acirrada no mercado publicitário. Amaral (2017) entende que a disputa de espaços tende a ser muito maior com mais emissoras em Frequência Modulada. “Só vai sobreviver quem conseguir ganhar mercado. A desculpa de pegar aqui e não pegar lá, não cola mais. No FM é outra história”.

A **Rádio Verde Vale de Braço do Norte** foi a segunda emissora catarinense a passar do AM para o FM. Há 32 anos no ar, a rádio do sul do Estado renovou plástica, com vinhetas, trilhas e até nomes de programas novos, bem como alterou parte de sua programação<sup>6</sup>. Mantendo o nome de origem, a Verde Vale trocou o espectro onde era sintonizada no 1050AM para o 91,9FM. A emissora faz parte do grupo FM3 Comunicação, empresa com outros veículos integrados como portal de notícias, jornal impresso e um instituto de pesquisas.

A Verde Vale resolveu apostar numa programação eclética, onde mescla música e informação. A grade anterior, conforme o diretor Fernando Freitas (2017), apostava em um rádio mais falado, menos musicalizado e com mais prestação de serviço. No entanto, justificando buscar um público mais jovial, a empresa resolveu investir em programas dedicados à música. Freitas (2017) admite que o momento é de testes e de adaptação para uma faixa que, até então, era desconhecida pelos ouvintes da Verde Vale. Sobre a jovialidade da programação, o diretor afirma que comunicadores foram trocados no processo de mudança na programação. “Quando migramos a nossa intenção era manter as características, mas com uma linguagem mais contemporânea”, argumentou o diretor. Neste fato, cabe ressaltar que o quadro de funcionários da emissora diminuiu em relação à programação em Amplitude Modulada, fato que poderá ser problematizado em outras pesquisas sobre os reflexos nas rotinas produtivas das rádios após o processo migratório para o FM.

A terceira rádio a deixar o AM em Santa Catarina foi a **Brasil Novo de Jaraguá do Sul**. Sintonizada até o final de 2016 em 780AM, a emissora do norte do Estado agora pode ser ouvida em 94,3FM. Meses antes de migrar, os comunicadores foram

---

6 FREITAS, Fernando. Entrevista concedida em 17 de maio de 2017.

orientados a divulgar a nova sintonia durante a programação, reforçando a nova sintonia para a audiência<sup>7</sup>. Funcionando desde 1989, a rádio mudou a plástica, alterou programas, contratou novos comunicadores e adotou um novo nome: RBN.

O chefe do setor de esportes da RBN, Anderson Gonçalves, acompanhou todo o processo de migração da empresa. Para o também comunicador, migrar significou ganhos nos mais variados aspectos, do faturamento ao alcance. “Mudamos, mudando. A migração é o rádio saindo da UTI. Hoje chegamos onde não chegávamos, Joinville e Blumenau é um exemplo disso” (GONÇALVES, 2017). Sobre a plástica da emissora, ponto que todas as migrantes entendem como fundamental para o novo dial, Gonçalves lembrou das transmissões esportivas. A Brasil Novo iniciava a jornada com músicas das consagradas bandas americanas. Agora, em FM, a RBN resolveu apostar em músicas eletrônicas, justificando que o meio em Frequência Modulada teria um público mais jovem, como também citaram a Verde Vale e a Clube de Lages.

## REFLEXÕES SOBRE AS PIONEIRAS EM SC

Parece precoce apontar transformações ocasionadas com o processo de migração do rádio AM pouco mais de um ano após a mudança de dial das primeiras emissoras catarinenses a irem para o FM. No entanto, algumas reflexões já podem ser apontadas, uma delas é o reflexo do alcance no conteúdo local e regional. Tanto a rádio de Lages como a de Jaraguá do Sul confirmaram que no FM estão atingindo municípios que com o AM não era possível. A RBN, por exemplo, passou a incluir informações sobre as cidades de Joinville e Blumenau em seus programas com intuito de contemplar estes novos ouvintes com o novo sinal. “A lupa se afastou, o foco ampliou”, destacou Gonçalves durante a entrevista.

O “local” citado por um dos entrevistados pode ser entendido como entorno social (CAMASSETTO, 2011). Ou seja, com a “lupa” em mais cidades, a informação, a notícia, precisa se expandir e contemplar este público.

---

<sup>7</sup> GONÇALVES, Anderson. Entrevista concedida em 30 de outubro de 2017.

A programação informativa local pode se definir como o conjunto ou parte da continuidade informativa de uma emissora que relata ao ouvinte a realidade do entorno mais próximo: a informação de atualidade geral, serviço e esportiva da localidade e região (MARTINEZ-COSTA (2009, p. 329).

Outro aspecto que aparece na fala dos entrevistados é a migração como uma “sobrevida” para o rádio. Todos os três gestores observaram que a qualidade de som vai permitir a oferta de um produto final melhor. Amaral (2017) comentou que o mercado publicitário sempre usou os ruídos do áudio no AM como um empecilho nas vendas comerciais. Problema sanado com o som estéreo do FM.

Aspecto interessante a ser pensado é a audiência noturna como um potencial a ser explorado neste novo dial. Das três emissoras pioneiras no processo de migração para o FM em Santa Catarina, duas delas colocaram locutores na grade de programação da noite. Atualmente forte, o período da manhã é o horário nobre do rádio, mas não foi sempre assim. O horário nobre já foi noturno, posto que a televisão roubou do rádio na década de 1960, mas que pode ser um nicho para o radiodifusores.

A presença do locutor neste horário pouco utilizado ratifica o do “rádio amigo”, em que a presença no estúdio de um apresentador que fale com o ouvinte torna o rádio mais próximo de sua audiência. Segundo Barbosa Filho (2009), o âncora reforça a tradição de parceria por meio de uma linguagem próxima e íntima, falando quase que de forma individualizada a cada um dos ouvintes. “O tom íntimo das transmissões, representado pelas expressões “amigo ouvinte”, “caro ouvinte”, “querido ouvinte”, proporciona uma aproximação e uma intimidade únicas” (BARBOSA FILHO, 2009, p.47).

Das transformações que vêm ocorrendo, também chama a atenção o formato de grade, que nem é só música, nem é só informação, mas um rádio que mescla e aposta num formato de grade que Ferraretto (2001) chamou de *mosaico*, com programas variados. Isso aparece na fala dos entrevistados, como do diretor da Verde e Vale. “Com a migração estamos redescobrimo a dose correta de entretenimento e informação” (FREITAS, 2017). Ao que se apresenta, está ocorrendo uma espécie de afastamento do formato especializado das emissoras, que se dedicavam a ser ora faladas, ora musicali-

zadas (KAPLÚN, 1978) ou temáticas e musicais (CEBRIAN-HERREROS, 2008) e que agora estão mais ecléticas, utilizando os dois formatos na grade (FERRARETTO, 2014).

Além de uma programação que mescla conteúdos, o uso de recursos de texto radiofônico sintético e objetivo apareceram na fala de Anderson Gonçalves, da rádio RBN. O comunicador afirmou que o jeito de fazer rádio AM e FM são diferentes e a orientação de transformar o texto foi repassada pela própria direção da emissora. “O que antes a gente informava em três ou quatro minutos, agora são em 30 segundos. Posso dizer que antes, no AM, nós éramos o *Facebook*, e agora somos o *Twitter*, com 140 caracteres” (GONÇALVES, 2017). A comparação do entrevistado reforça especificidades que singularizam o rádio enquanto meio, a instantaneidade e o imediatismo (ZUCULOTO, 2012) e parecem ser ratificados nesta grade AM + FM.

Por fim, o “ar jovial” que os gestores estão buscando a fim de resgatar uma audiência jovem é uma característica conquistada no nascimento das emissoras em FM, que tinham um público ligado ao rock transmitido nos anos 70 e 80 em rádios alternativas inspiradas nos modelos norte-americanos, onde os comunicadores utilizavam uma linguagem “descolada” e, por vezes, bem-humorada e voltada ao entretenimento (FERRARETTO, 2001).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As adaptações das primeiras emissoras migrantes para o FM em Santa Catarina demonstram uma expectativa de sobrevivência do meio, na visão dos gestores ouvidos, descrita como aumento no faturamento neste primeiro ano de novo dial. Novo momento muito mais caracterizado pela qualidade sonora do que por novidades no conteúdo, tendo em vista que das três emissoras analisadas, todas elas fizeram um regresso ao modelo de programação generalista.

Este é um cenário encontrado nas pioneiras catarinenses, mas não se pode ainda afirmar ser esta uma tendência do rádio brasileiro como um todo, temática que precisa,



e será ampliada em estudos futuros. No entanto, a pesquisa apresenta dados preliminares que permitem olhar este cenário de transformação do meio, como por exemplo, o aumento das produções no horário noturno das emissoras, potencial que poderá ser explorado em rádios futuramente.

A preocupação muito mais estética do que na programação inquieta e coloca em discussão uma temática importante: a necessidade de repensar formatos e modelos de jornalismo produzidos hoje em dia no rádio. A mudança, também citada por Curado (2016), encontra consonância com o que pensamos sobre esta transformação. Por isso a ampliação dos espaços de notícias pode ser um caminho a pensar pelas emissoras, visando resgatar uma audiência que vem despencando nos últimos tempos.

Por meio desta “leitura” do momento atual do rádio, é possível apontar um caminho que se mostra novo na radiodifusão do país. Destaca-se ainda, que a migração do AM pode representar um aumento da informação no rádio. A atual programação das AMs, hoje muito mais voltada à prestação de serviço, jornalismo e esporte, será deslocada para o FM, deixando a Frequência Modulada muito mais falada do que é atualmente, já ocorrido em outros momentos, como nas transmissões simultâneas entre AM e FM.

Por fim, a migração para o FM faz parte de uma mudança mais ampla, envolta por uma alteração na recepção sonora. Desta forma, estas conjecturas iniciais são o começo de questionamentos sobre tendências e potencialidades de um radiojornalismo praticado há muitos anos nas emissoras AMs e agora será produzido no FM

## REFERÊNCIAS

ABERT. **Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão, 2016.** Disponível em <http://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/24473-primeiras-migracoes-do-radio-ampara-fm-devem-ocorrer-ate-abril> . Acesso em janeiro de 2017.

AMARAL, Roberto. **Roberto Amaral.** Entrevista concedida a Karina Woehl de Farias. Criciúma, out. 2017.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2009.

BRASIL. **Decreto presidencial nº 8.139 – 7 de novembro de 2013**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm).

COMASSETTO, Leandro Ramires. **A internet como recurso para reforçar a proposta do rádio local**. Logos, v. 18, n. 2, 2011.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **A criatividade no contexto do rádio atual**. Teorias do rádio: Textos e contextos. Florianópolis, Insular, v. 2, p. 337-363, 2008.

CURADO, Camila Cristina. **Migração de rádios AM para FM**: Processos de preparação e perspectivas de mudança frente à convergência tecnológica. Trabalho de Conclusão do Curso – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2015.

DE FARIAS, Karina Woehl; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **Ondas de mudança no rádio**: do surgimento à migração do AM para FM. Rádio-Leituras, v. 8, n. 2, 2017.

DEL BIANCO, Nélia. **Rádio e o cenário da convergência tecnológica**. In: DEL BIANCO, Nélia (Org.). O rádio brasileiro na era da convergência. São Paulo: Intercom, 2012. p. 16-37. (Coleção GPs, 5)

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014

FERRARETTO, Luiz Artur **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FREITAS, Fernando. Entrevista concedida a Karina Woehl de Farias. Braço do Norte, mai. 2017.

GONCALVES, Anderson. Entrevista concedida a Karina Woehl de Farias. Criciúma, out. 2017.

KAPLÚN, Mario. **Producción de programas de radio**. Ciespal, 1978.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro, Mauad X, 2016.

MAGNONI, Antônio; RODRIGUES, Kelly. **O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação**: contextos, produção e consumo. Encontro Nacional da História da Mídia, Ouro Preto, 2013.

MARTÍNEZ&COSTA, María Del Pilar. **Información radiofónica**. Barcelona: 2009.

PRADO, Magaly. **História do Rádio no Brasil**. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar** – a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.

# WEB RÁDIO UNEB/CAMPUS XIV - COITÉ /BA: EXPERIMENTALISMO, EDUCAÇÃO ONLINE E FORMAÇÃO DO-CENTE

Pricilla de Souza Andrade<sup>1</sup>  
Universidade do Estado da Bahia/UNEB

## INTRODUÇÃO

Essa proposta de pesquisa, Web Rádio UNEB objetiva ampliar as discussões no que tange; cultura técnica, experiência, educação online e formação docente. Tudo isso trabalhando com a linguagem radiofônica em uma perspectiva digital, no meio Web Rádio. Esta proposta de meio difere de uma Rádio na Web, ou seja, da retransmissão de uma rádio tradicional via internet na qual, essencialmente significa ter o acesso da sua estação de rádio apontando seu navegador para um servidor, endereço em que se encontra a referida estação. O Território presenciou nas últimas décadas um contexto de efervescência em relação ao surgimento de rádios postes, e especialmente, das rádios comunitárias, utilizando o formato tecnológico de linguagem tradicional, por meios das ondas eletromagnéticas. Os conteúdos veiculados por essas emissoras em sua maioria, ainda hoje, são voltados para os interesses especialmente, políticos, das comunidades locais, com forte presença dos representantes de associações e movimentos sociais.

Essa proposta de pesquisa da Web Rádio UNEB objetiva ampliar essas discussões no que tange; cultura técnica, experiência, educação online e formação docente. Tudo isso trabalhando com a linguagem radiofônica em uma perspectiva digital, no

---

<sup>1</sup> Mestre em Cultura e Turismo. Docente do Curso de Comunicação, Rádio e TV/UNEB, Conceição do Coité, Campus XIV. E-mail: pricillandrade@yahoo.com.br.

meio Web Rádio. Esta proposta de meio difere de uma Rádio na Web, ou seja, da retransmissão de uma rádio tradicional via internet na qual, essencialmente significa ter o acesso da sua estação de rádio apontando seu navegador para um servidor, endereço em que se encontra a referida estação. Na proposta da Web Rádio UNEB, no que tange à tecnologia, o estudo pretende explorar a utilização do Software Livre (SL), devido a questões a serem abordadas mais adiante. Esses programas fazem uso da tecnologia de streaming (transmissão de dados que traz até sua máquina um fluxo contínuo de som que é suportado por um buffer, ou forma de armazenamento de dados).

Para melhor definição das questões técnicas e operacionais, iniciou-se em 2015, um diálogo com a GERINF (Gerência de Informática) da UNEB, Campus. No entanto, em prévio diálogo com o Coordenador de Informática do Campus XIV/Coi-té- Ba, Tarcísio Santos Queiroz constatamos que havia viabilidade técnica para que a ideia fosse executada. A infraestrutura de rede básica necessária para implementação do projeto da Web Rádio já existia na Instituição, precisando apenas de alguns ajustes e configurações adicionais que foram feitas em conjunto com o pessoal do Centro de Processamento de Dados da Gerência de Informática da Universidade, do Campus I.

Diante das especificações técnicas, cabe salientar que a produção de conteúdo desse veículo prevê a participação de todos os cursos do Campus XIV, de outros departamentos, das parcerias interinstitucionais e do envolvimento com a comunidade local. Pretende contar com a participação de professores e estudantes que tenham interesse na proposta de pensar e produzir produtos e conhecimento por meio da linguagem radiofônica, no campo das tecnologias da comunicação, com foco na educação online. Esse meio Web Rádio permite a veiculação de programas educativos nos mais variados formatos, horários e duração (transmissão ao vivo, músicas, poesias, debates, seminários, mesas redondas etc.), tem ainda por finalidade aproximar a universidade da comunidade local e todo o mundo através da rede mundial de computadores, na medida em que tornará perceptível o conhecimento produzido, as ações acadêmicas e atividades culturais que são desenvolvidas em seus diversos cursos. A realidade contemporânea aponta que, o meio social está cada vez mais conectado às mídias convergentes. Essa é a

maior relevância desse projeto. A Web Rádio UNEB se estabelece como um meio que possibilita pesquisar a convergência de linguagens, já que, além de veicular a produção sonora, permite a veiculação de fotografias, vídeos e textos escritos.

Com isso, surgiram inúmeras possibilidades de utilização do conteúdo de pesquisa e produção, para auxílio na formação do professor-pesquisador bem como a utilização desse material midiático como ferramenta de aprendizagem em sala de aula, tendo em vista que estando disponíveis na rede, podem ser baixados e/ou editados para uso em sala de aula, até mesmo em outros suportes técnicos.

O estudo da Web Rádio possibilita uma revisão conceitual dos termos; cultura técnica (MACEDO, 2014), Tecnologia (LÈVY, 1993; LEMOS, 2007), Web Rádio (PRETTO, 2010; PRETTO, 2008; BARBERO), Convergência (JENKIS, 2009) Formação Docente (PEREIRA, 2012; OLIVEIRA 2012), Educação Online, organizado pelo pesquisador Marco Silva. Metodologicamente, optamos por apontar os desafios da implantação e concomitantemente faremos análise em relação aos conceitos ressaltados acima, por meio da descrição e compreensão das etapas desde a sondagem, implantação técnica e elaboração do conteúdo para a Web Rádio UNEB, Campus XIV, por meio do experimentalismo. Acredita-se que traçando esse percurso, será possível uma análise mais próxima desde a idealização até a implantação da Web Rádio Universitária, utilizando a tecnologia do Software Livre.

## DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS TÉCNICAS NA IMPLANTAÇÃO DA WEB RÁDIO UNEB, NO CAMPUS XIV

A proposta Web Rádio na UNEB é pautada pela inserção da “tecnológica digital no meio social e educacional, portanto traz à tona a proposta da ciência no século XX, a da interdisciplinaridade, pois tem uma abordagem “híbrida” em relação aos fundamentos que a norteiam, tendo como base estudos que relacionam; tecnologia, comunicação e educação. Podemos definir Web Rádio como; “transmissão radiofônica

na internet com tecnologia streaming (processo de transmissão de áudio digital (ou vídeo) na internet que pode ser ouvido ou visto em tempo real).” (PRIESTMAN, 2006).

Nesse contexto de apelo aos sentidos, cabe situar a importância das subjetividades dos indivíduos envolvidos na escolha e produção da programação a ser veiculada na Web Rádio. São sujeitos carregados das relações de afetos que estabelecem em sala de aula e fora dela, entre professores e colegas, nota-se que nesse contexto existe espaços a serem considerados, os lugares de fala e de escuta (como aponta abaixo a pesquisadora; vai além da simples observância da audição). No texto; Educação, Afeto e Representações Sociais, a pesquisadora Maria de Lourdes Ornellas, observa;

Portanto, a fala e a escuta de professores em sala de aula encontram-se ancoradas em representações de sedução, relação transferencial, ambivalência, repressão e frustração. São as representações sociais carregadas de afetos da cor de Eros e Thanatos. O mestre da psicanálise ajuda a escutar o construto afeto: “um dos estados emocionais, cujo conjunto constitui a gama de todos os sentimentos humanos, do mais agradável ao mais insuportável (CHEMAMA, 1995, p. 10)”. Ou seja, afeto tanto pode estar no campo do prazer como do desprazer. Ambos se tecem e estruturam o sujeito. (ORNELLAS, 2009, p.289).

Considerando esses aspectos da subjetividade e da relação afetiva que ocorre na sala de aula, a nova dimensão do social na contemporaneidade está impregnada também por intervenções tecnológicas e comunicativas que, cada vez mais, agregam indivíduos, associando-os a determinados grupos. Cabe salientar que, para além dessa observação em relação aos meios de comunicação e as relações sociais, o campo educacional vem sendo diretamente afetado e desafiado pelas inovações dos meios digitais. Como apontam as pesquisadoras Cristiana Nova e Lynn Alves, o cyberspaço é um ambiente virtual de aprendizagem, portanto;

O cyberspaço surge não só por conta da digitalização, evolução da informática, e suas interfaces, própria dos computadores individuais, mas da interconexão mundial entre computadores, popularmente conhecida como Rede internet. Da máquina de calcular à internet muita coisa mudou e vem mudando no ciberespaço

ço. Tal mutação se caracteriza, dentre outros fatores pelo movimento do faça você mesmo e de preferência com outros iguais e diferentes de você. A rede é a palavra de ordem do ciberespaço!” (2003, p.148).

Segundo as pesquisadoras, “Rede” aqui está sendo entendida como todo fluxo e feixe de relações entre seres humanos e as interfaces digitais. Ainda nesse estudo, elas abordam as políticas de formação do professor para o uso das tecnologias da Informação e da Comunicação e apontam que, o professor não precisa mais absorver um universo de informação com a preocupação de transmiti-las aos alunos, pois elas estão sendo disponibilizadas pelos meios de comunicação de forma mais atualizada, comparando há 20 ou 30 anos, quando não existia ainda a disseminação da internet. Com isso;

A introdução das tecnologias na sala de aula poderá tornar o processo ensino aprendizagem sintonizado com a vida contemporânea, proporcionando aos alunos o acesso a uma nova forma de comunicação que privilegie a escolha dos próprios caminhos, como ocorre, por exemplo, quando se faz um *zapping* entre sites e canais de televisão. (2003, p.233).

Todas essas modificações culminam no surgimento do que Lèvy (1998), denomina de “Inteligência Coletiva”, “que é uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada e mobilizada em tempo real” (1998, p.30). Nesse sentido, a Web Rádio UNEB, contribui na formação científica dos discentes e do docente, para que sejam ampliadas, as reflexões acerca da utilização desse meio de comunicação e informação, enquanto um “ator” técnico ou “intermediário” dentro da sociedade midiaticizada, bem como as possibilidades de diálogo no campo da educação, pontualmente, no que corresponde a formação de professores.

Para Nelson Pretto (2010), em seu livro *Do MEB à WEB: O rádio na educação*; O papel positivo e incitador, o valor educativo cultural e político da rádio são inquestionáveis. Diante desse fato, seria possível continuar citando exemplos de casos notáveis em cada país, dentro e fora da América Latina. O MEB (Movimento de Educação de Base) é um grande exemplo sobre a utilização do rádio na educação brasileira;

O MEB tem como instrumento pedagógico básico o rádio, que possibilitou, em função de suas características, o desenvolvimento de atividades que buscavam, ao mesmo tempo, o uso das técnicas de comunicação, consideradas avançadas para a época, numa perspectiva de fazer Educação à distância, mas também a sua interação com as atividades locais, dentro das salas de aula e nas comunidades. Para tanto foram utilizados métodos e técnicas didático pedagógicas, umas já conhecidas, e outras criadas no próprio desenrolar do trabalho. Através da utilização do rádio, considerada a sua abrangência, foi possível chegar aos locais mais distantes do País, transformados em sala de aula. (PRETTO, 2010, p.23)

Dessa forma, nota-se que o MEB, de fato se apropriou do meio rádio para, por meio da oralidade, característica forte dessa tecnologia alcançar pessoas nos lugares mais distantes do Brasil, levando conteúdo educativo, através desse meio. Para Pretto (2010), o antropólogo e sociólogo latino-americano, Jesús Martín-Barbero colocou de maneira lúcida e sincera a mudança de paradigmas cognitivos e estratégias organizacionais para realizar educação, ao perceber que estamos passando de uma sociedade com um sistema educativo para uma sociedade da Educação. Nesta perspectiva, a aprendizagem e o conhecimento não só dependem da escola e das instituições educativas formais, mas também de múltiplas fontes. É importante destacar outro aspecto relevante no que diz respeito à pesquisa e a produção de conteúdo do objeto pesquisado, que é a convergência de mídias. Segundo Barbosa Filho (2003), são os tempos da convergência dos media, em que os instrumentos tornam-se cada vez mais compactos, concentrando em si, as mais diversas formas de contato temporal com a mensagem informativa sonora, audiovisual ou em texto, permitindo interatividade em sua conexão mais abrangente.

Os desafios em relação ao corpus da pesquisa configuraram-se primeiramente, pelos detalhes da estrutura técnica organizada e adequada no locus para a montagem da pretendida Web Rádio UNEB, no Campus XIV. Nesse caso, buscou-se elucidar quais os impedimentos técnicos, já que inicialmente, a “mão de obra” ou os realizadores das primeiras produções seriam os estudantes do curso de comunicação, especialmente, e também discentes dos demais cursos do departamento, além de professores, técnicos e pessoas da comunidade local que tivessem interesse pela proposta ao longo do percurso.



Desde 2014, como docente no Curso de Comunicação, na área de Rádio pude observar que havia a necessidade de implantação de um meio no qual, os alunos pudessem exercitar seus aprendizados teóricos e mais que isso, experimentar novos formatos e possibilidades de trabalhar a comunicação, mais especificamente, a linguagem radiofônica que, considerando que o conteúdo partiria do meio acadêmico, teve-se como preocupação, que mesmo o conteúdo tendo objetivo educativo-formativo pudesse também “prender” a atenção dos internautas, dos espectadores de modo geral, promovendo diálogos com os pares da academia, de outras universidades bem como da comunidade local. Para isso, deve-se considerar com centralidade, o caráter experimental dessa proposta;

O experimentalismo na comunicação, antigamente, estava associado somente a produções artísticas. Como exemplo, em 1967, o músico Glenn Gould inovou o conceito de documentário radiofônico ao montar suas peças quebrando a linearidade das produções da emissora britânica BBC. Ele usava formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, de efeitos e do silêncio, não usava narradores e construía a narrativa por meio de depoimentos. A linguagem representa uma das maneiras de experimentalismo. Bertold Brecht, em Teoria do Rádio (1932) propõe que diretores de rádio não se limitem somente a reprodução de conteúdo e a informação, mas que também haja experimentos, e que a arte e o rádio estejam ligados a fins pedagógicos. (FIGUEIREDO, 2013, p.7)

Com o advento da internet foi possível ampliar significativamente as possibilidades de experimentação, não só das produções artísticas, mas essencialmente, dos meios de informação. Com isso, são inúmeros os experimentos e projetos também com fins pedagógicos. Para a Web Rádio UNEB foi importante estabelecer contato e parceria com a Rádio FACED/ UFBA, através da coordenadora, Luciana Oliveira da UFBA. Através desse contato foi possível analisar e optar experimentar a tecnologia do Software Livre. Pois, logo no início da proposta da Web Rádio descobrimos que as “portas” da internet da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) encontravam-se fechadas para acesso da comunidade externa no que se refere às produções audiovisuais, alegando

questões de segurança, já que a política de tecnologia da Universidade funciona com softwares proprietários. O *streaming* que faz a distribuição desse material possui um alto custo, e como já foi apontado, toda a Universidade utiliza software proprietário, ainda assim optamos pelo Software Livre, pelo baixo custo e pela aproximação com as discussões ideológicas que apoiam a valorização e democratização do conhecimento, dentro das discussões que pensam o conhecimento livre.

Segundo o relatório “Panorama Básico da Infraestrutura de Rede Lógica do Campus XIV da Universidade do estado da Bahia (UNEB)”, solicitado pela GERINF e elaborado pelo coordenador de Informática Tarcísio Queiroz “O Departamento de Educação do campus XIV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) tem relevante importância como polo educacional através dos cursos oferecidos pela Instituição, foi implantado no ano de 1992. Atualmente possui quatro cursos de graduação, com um total aproximado de 519 estudantes, 40 técnicos administrativos e 70 professores” (QUEIROZ, 2016, p.6), ele acrescenta ainda a necessidade de uma reformulação e adequação da estrutura básica que abriga toda a rede de informática, além de aumentar a banda larga, ou a capacidade de acesso à internet, o que possibilitaria uma melhor transmissão e postagem do conteúdo dentro do Campus XIV.

Ainda que haja um estranhamento, quando descrevemos os processos técnicos no campo da educação, nesse caso, todas as preocupações e medidas necessárias para implantação de uma Web Rádio Universitária é necessário encarar que há um duplo desafio em relação ao campo da educação, como aponta Roberto Sidnei Macedo, em *Atos de Currículo e Formação em Ato?* Em uma análise de Guy Berger, ele aponta “falar de uma cultura técnica, em relação à educação, seria se engajar num processo de revalorização, de redescoberta, pois que a técnica foi de alguma forma colocada fora do campo educacional” (BERGER, 1989, p.11), para tanto MACEDO (2014), acrescenta;

Em síntese a escola rejeita a técnica, mas é profundamente tecnicista. Esta mesma escola, de forma preocupante, é incapaz de refletir sobre a técnica e a sua cultura, ligadas à sociedade contemporânea, às impurezas humanas, ao dinheiro, às

ideologias etc...e mesmo em relação à emancipação como possibilidade cultural e social. Nesses termos, tomando os âmbitos da cultura técnica, a educação não pode, ao refleti-la, perder de vista a reflexão crítico-cultural (p.95).

Na perspectiva de compreender que a implantação de uma Web Rádio Universitária suscita sim, para além das práticas comunicativas dos discentes e docentes do Campus, questões relacionadas à implicação, autorização e formação docente, com isso, o pesquisador elucida que;

Assim, a implicação está ligada ao ato de autorização, enquanto competência para se autorizar, fazer-se autor de si próprio, assim como do caráter ineliminável da intuição que se tornará, ela mesma, heurística, em se considerando a implicação como fonte e meio de conhecimento e formação, e não só fator de distorção, como querem os objetivistas, que percebem a condição subjetiva humana como apenas uma fonte de contaminação das verdades científicas (MACEDO, p. 122)

Observamos que para a implantação do meio em análise, o qual traz uma proposta inovadora nesse espaço acadêmico faz-se essencial a implicação dos sujeitos envolvidos; seja na elaboração dos conceitos chaves que irão nortear os objetivos, metas e resultados esperados, seja para a adequação técnica no campo da informática, bem como o diálogo da proposta, ao plano de Gestão do Departamento, o que também ocorreu em meados de 2016. Mas sem dúvida, três características fundantes determinaram de maneira efetiva a implicação e autorização dos sujeitos envolvidos. Primeiro a possibilidade de se ter um meio de comunicação para exercitar, experimentar e expor a produção dos produtos radiofônicos e eventos do curso de Comunicação Social Rádio e TV, seguindo o caráter interdisciplinar, alargando essa possibilidade aos outros cursos do Campus, inclusive às Licenciaturas e terceiro um espaço para o exercício de formação docente, no que concerne à educação online, por meio dos vários usos das linguagens da comunicação.

Outro grande desafio para se pensar a longo prazo é o efetivo amadurecimento na utilização dessa ferramenta de comunicação Web Rádio, na Educação Online, pen-

sar por exemplo, em termos de desenho didático para uso curricular dos professores, apesar de não ter sido esse, até o momento, o foco desse trabalho. (SILVA, 2008 *apud* OLIVEIRA, SALES, FILHO, 2012) afirma que; “o desenho didático supõe a estruturação dessa trama de elementos e de encaminhamentos capazes de acolher e promover a comunicação, a docência e a aprendizagem na tela do computador”. Com isso, percebemos que é possível vislumbrar um desenho didático de aprendizagem também para a Web Rádio.

## ELABORAÇÃO DA PROGRAMAÇÃO: DOCÊNCIA ONLINE, SOFTWARE LIVRE E CONVERGÊNCIAS

Observamos que desde o final da última década do século XX cresce cada vez mais a oferta de cursos técnicos, graduações e pós-graduações via internet. Importante aqui, salientar que durante o processo de implantação da Web Rádio UNEB, optamos pelo Software Livre para implantação da tecnologia de *Streaming*, a qual permite que ocorra a transmissão de dados audiovisuais pela internet, tornando possível que o conteúdo seja acessado pela comunidade externa, com maior segurança, inclusive. Sendo o Software Livre; um programa de computador com o código-fonte aberto, possibilitando que qualquer técnica possa estudá-lo, alterá-lo. adequá-lo às suas próprias necessidades e redistribuí-los, sem restrições. Geralmente os softwares livres também são gratuitos. Dessa forma, o software livre é desenvolvido por milhares de programadores espalhados por todo o mundo que se mantêm em contato pela internet. Boa parte deles trabalha por hobby ou é estudante de tecnologias. Mesmo assim, a produtividade e a criatividade chamada “Comunidade do Software Livre” consegue ser maior do que a de empresas multinacionais como a Microsoft. Desenvolvido por essa comunidade, é GNU/LINUX.

Foi utilizando a tecnologia do Software Livre que criamos um servidor Web Rádio específico para atender a Web Rádio UNEB. Ficou decidido que este servidor ficaria instalado no Campus I, devido à estrutura de rede de informática com melhor

capacidade para atender uma boa quantidade de acessos ao site do meio: [www.radiouneb.br](http://www.radiouneb.br). As primeiras reuniões para implantação dos principais da estrutura técnica e programação iniciaram em março de 2016. Já no dia 08/03/2016 Reunião sobre as possibilidades técnicas, trâmites burocráticos para hospedagem da Web Rádio na Internet e no servidor da UNEB. 20/03/2016 Reunião sobre a programação da Web Rádio que inicialmente ocorrerá nos intervalos. 11/04/2016 Reunião sobre programação da Web Rádio e configuração da Oficina para Monitores de Edição, Gravação e Mixagem. 25/04/2016 Discussão sobre Grade de Programação 03/05/2016 Propostas de Grade de Programação; 10/05/2016 **Grade Básica de Programação Musical**; 07:00 Musical de Raiz Sertanejo, 08:30 Notícias, 09:00 Musical/ Samba, 10:00 Informes, 10:30 Dica Cultural (audiovisual, literatura, música, etc), 11:00 Saúde (entrevistas, informes), 11:30 Esporte, 12:00 Notícias, 12:30 MPB, 16:00 Reggae, 17:00 Rock Nacional, 18:00 Forró, 19:00 Flash Back.

Essa programação reflete as escolhas editoriais da Web Rádio, pensando em uma proposta que contemple aspectos culturais do Território do Sisal. Junto com essa programação básica, essencialmente musical, também foram pensados blocos de interesse para a criação dos programas, a serem intercalados com a programação musical. São eles; música, literatura, poesia, movimentos sociais, interatividade, vídeos séries, filmes de bolso. Todos esses blocos, divididos em equipes pelo critério de interesse, possibilitando também construir produtos audiovisuais nos mais variados gêneros radiofônicos, tais como: entrevistas, mesas redonda, documentários, spots, vinhetas, jingles, programas musicais e radiojornalísticos.

Podemos observar que na elaboração do conteúdo para a Web Rádio privilegia-se o caráter interdisciplinar presente em sua proposta original. Dessa forma entende-se que;

A interdisciplinaridade é caminho essencial para se chegar à transdisciplinaridade, que exige que todos os educadores partam de experiências cotidianas concretas para, através delas, construir o saber válido e libertador. Impossível chegar a um currículo plenamente interdisciplinar sem uma formação contínua permanente

de professores, fazendo-os sentir descobrir a dignidade de sua profissão unida à formação como prática permanente e sistematizadora da reflexão, construída na base do diálogo. Todo diploma e certificação docente devem evoluir para a ideia de uma validade apenas transitória (ANTUNES, 2014, P.40)

Dessa forma, observa-se que a interdisciplinaridade se caracteriza como um dos conceitos chaves para a proposta de trabalho da Web Rádio, bem como outro conceito abordado no tópico acima e retomado novamente aqui, para trazer algo significativo, que é o de convergência. Anteriormente já foi dito sobre a convergência dos meios, mas JENKIS (2009) acrescenta sobre as suas possibilidades técnicas, ela vai além;

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros... a inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático. (p.30)

Essa experiência da convergência dentro dos cérebros é vivenciada pela equipe da Web Rádio, que após participação, como coordenadora deste meio, Web Rádio UNEB no maior evento de software livre do país, o 17º FISL Fórum Internacional de Software Livre, na PUC- RS em julho de 2016 retorno com muitas “convergências de ideias”. A primeira delas foi a própria consolidação junto ao setor de Informática do Campus, especificamente com o coordenador técnico administrativo, Tarcísio Queiroz em relação a utilização do Software Livre, na estrutura técnica da Web Rádio, depois participamos juntamente com membros voluntários, entre eles; estudantes e o técnico do laboratório de rádio, Paulo Enselmo do I Encontro Baiano de Mídias Livres, em Salvador/BA, um passo importante para nos inserirmos e começarmos os diálogos com componentes do grupo de midiativistas da Bahia. Mobilizamos a Gestão do Campus e organizamos, em parceria com a professora Lílian Almeida, do curso de Letras e o NUPE- Núcleo de Pesquisa, em setembro de 2016, o I SEMDSL- I Seminário de Mídias Digitais e Software Livre, no Campus XIV, com programação disponível no endereço, [www.semdsl.com.br](http://www.semdsl.com.br)

Com isso, o primeiro evento realizado pela Web Rádio tratou de estabelecer outras “convergências”, desta vez com outras instituições UFRGS, UFBA, IFBA. Tivemos uma participação massiva dos alunos e professores do Departamento que se interessaram pela proposta da Web Rádio. Contudo, o I SEMDSL marcou o Campus XIV pelas possibilidades de convergências entre tecnologias e todas as áreas do conhecimento do departamento, evidenciadas na programação, desde a Conferência, palestras e oficinas.

O II SEMDSL (Seminário de Educação, Mídias Digitais e Software Livre) pela primeira vez realizou parceria com o Festival de Cinema Kurumim que ocorre em Salvador há seis anos, organizamos uma Mostra do mesmo em conceição do Coité, para o evento. Com a Mostra Cine Kurumim pudemos inserir a temática; Produção Audiovisual Indígena, nas discussões sobre mídias livres, educação e tecnologias. Foram muito importantes as contribuições institucionais, por meio da PROEX/UNEB, as parcerias científicas com o MPED/ Mestrado Profissional de Educação da UNEB/Ba, por meio da apresentação de seus trabalhos e mais uma vez, as parcerias com a professora Cíntia Inês Boll, da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), coordenadora do Grupo de estudos Cultura Digitais e Mídias Móveis, e novamente a Rádio FACED, na troca de experiências e experimentando novas possibilidades de WEB Rádio, junto à Web Rádio UNEB/Coité. Contamos com a participação do Movimento Baiano de Mídias Livres e Coletivo Rádio Amnésia, além da parceria local, com o Projeto Revolution Reggae, que firmou parceria com a Web Rádio UNEB para oferecermos consultoria a partir do evento, o II SEMDSL. Importante também destacar a presença da Secretária de educação do Município e professores da rede municipal e estadual de ensino pelo segundo ano consecutivo.

## TECENDO NOVOS RUMOS E DIÁLOGOS PARA A WEB RÁDIO UNEB

Compreendendo que a comunicação se caracteriza por ser a ação do homem no mundo, sua forma de expressão, de se relacionar consigo mesmo e com os outros,

propomos novos rumos e diálogos entre web rádio e software livre na educação, a partir da Comunicação Não-Violenta (CNV). De acordo com Rosenberg (2006) o cerne dos princípios da CNV apontam para a necessidade se comunicar “do fundo do coração”, ou seja, se baseando em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas, “o objetivo é nos lembrar do que já sabemos, de como nós humanos, deveríamos nos relacionar uns com os outros (p.21). A Web Rádio e o software livre se apresentam nesse contexto, como meio e tecnologia, respectivamente, de comunicação que possuem relevância e se destacam no campo da Educação com a interdisciplinaridade e no campo social, com a transdisciplinaridade, principalmente. A importância dos conceitos de Software Livre, Experimentalismo, Educação Online e Formação Docente, abordados acima são necessários para atender as demandas conceituais que norteiam o funcionamento da Web Rádio, no contexto sociotécnico, interdisciplinar e transdisciplinar diante do cenário atual de tantas transformações técnicas e paradigmáticas. A Web Rádio UNEB, localizada no Campus XIV, de Conceição do Coité/Ba, tem cada vez mais firmado seus princípios norteadores, na criação de espaços e recursos educativos para experimentação, nos quais considera importante fazer durar essa necessária experiência comunicativa aberta em tempos de tecnologia digital e móvel. Transformar este espaço colaborativo para a formação e pela busca de conhecimentos aliados às formas alternativas de novos conceitos em software livre, conhecimento livre, liberdade de expressão e criação. É pautada pelo experimentalismo em tempos de cultura da convergência (JENKIS, 2009) e de tecnologia digital com software livre, utilizando o Sistema operacional GNU/Linux Etertics v7.1, no meio social e educacional desta territorialidade. Considerando que Web Rádio pode ser entendida como “transmissão radiofônica na internet com tecnologia streaming (processo de transmissão de áudio digital (ou vídeo) que pode ser ouvido ou visto em tempo real”, Priestman (2006, p.25). Entre os processos de transmissão que foram possibilitados pela digitalização está o *webcasting*, que significa um termo genérico para a transmissão na Internet de conteúdo de áudio ou vídeo por meio de um software de streaming, acompanhado de texto hospedado em



um website. No caso da Web Rádio UNEB, tanto a plataforma quanto os periféricos para seu funcionamento são livres, ainda que a política de informática da Universidade continue funcionando com softwares proprietários. Tendo como foco a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, conta com a participação de áreas do conhecimento de outras instituições e as presentes no Campus de Coité, encontra-se aberta às parcerias interdepartamentais, que tenham interesse nas áreas da tecnologia, comunicação e educação, atendendo as suas especificidades regionais. É transdisciplinar, pois tem dialogado com movimentos de mobilização social em Coité, como o Revolution Reggae e a Filarmônica de Serrinha, ambos estão sendo acompanhadas pelo projeto de extensão Web Rádio UNEB, no desenvolvimento de seus próprios meios de comunicação.

Acredita-se que a Web Rádio utilizando a tecnologia do software livre possibilita abrir mais espaços para a criação e expressão da comunicação, de forma mais clara, menos reativa, pois busca o colaborativismo e agregação de diversas formas de linguagem promovendo a capacidade de diálogos potentes em uma cultura plural. Tudo isso, sendo refletido a partir de um rumo novo, as técnicas da Comunicação Não-Violenta (ROSENBERG, 2006), conceito caro neste momento a essa proposta que vislumbra ampliação e crescimento, já que impulsiona o aprimoramento dos relacionamentos pessoais e profissionais nas mais diversas áreas do conhecimento e nos campos sociais. Tanto as discussões reflexivas, quanto o aprimoramento técnico do meio Web rádio, como é o caso da criação de seu aplicativo, para dispositivo móvel são realidades que ancoram os novos rumos e diálogos dessa proposta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Web Rádio na UNEB surge como uma idealização e vem dando certo, especialmente, porque desde o início pôde contar com importantes parcerias no âmbito institucional, como o setor de informática e apoio da gestão do departamento e grupo de pesquisa FEL (Formação, Experiências e Linguagens), do Campus XIV, bem

como a participação de grande parte de alunos interessados e voluntários, ainda que até hoje, conta com apenas um monitor de extensão.

Uma das preocupações iniciais também foi estabelecer parcerias ineterinstitucionais com a Rádio FACED/UFBA, Rádio Educadora FM/ BA, Grupo de estudo Cultura Digital e Mídias Móveis/UFRGS e Grupo de Mídias Livres de Salvador/BA, no intuito de estabelecer as produções colaborativas e de conhecimento para a implantação técnica, estabelecimento dos conceitos e programação.

Importante ter elucidado os conceitos de cultura técnica, implicação, interdisciplinaridade, docência online, formação docente, software livre e “convergências” digitais e cerebrais. Toda essa discussão se faz necessária, pois sustentam as bases de realização da Web Rádio UNEB, bem como refletem o contexto da sociedade contemporânea, na qual está inserida.

Os resultados esperados desse estudo se cumprem ao perceber que por meio do experimentalismo acadêmico, os conceitos teóricos podem se tornar aliados de sujeitos implicados e vazarem para possíveis mudanças curriculares no âmbito da formação docente em um cenário tão promissor, atualmente em expansão nos mais variados graus de ensino, apontando inúmeras possibilidades no campo da comunicação, tecnologia e da educação online. Todos imbricados em uma proposta promissora e cheia de desafios para a educação formal e não formal. O pioneirismo de uma Web Rádio na UNEB, resulta de um empenho e construção desde o início, com o domínio [www.webradio.uneb.br](http://www.webradio.uneb.br), junto ao setor de Informática do Campus XIV e à GERINF no Campus XIV. A partir de então, alunos e professores voluntários e monitores passaram a elaborar experimentalmente, produtos com; *podcasts*, série de *podcasts* e programas como Som das Letras, Tá Rolando entre outras propostas voluntárias e de estágios. Em uma perspectiva colaborativista realizamos parceria com a Educadora FM 107,5 5, para retransmissão de alguns programas e realizamos o I e II SEMDSL (Seminário de Educação, Mídias Digitais e Software Livre), sendo este último realizado por meio de edital da PROEX/UNEB. Nota-se que as ações do projeto resultaram em evidente emancipação dos indivíduos envolvidos, já que “todo saber fazer é um querer dizer” segundo (RANCIÉRE,

2007, 98). Com isso, o experimentalismo e a improvisação são caminhos fundamentais para a emancipação. Nesse sentido é que propomos neste projeto, a ampla divulgação e experimentação das produções midiáticas digitais convergentes e móveis com uso do Software Livre.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES. **Introdução à Educação**. São Paulo. Paulus, 2014.

BARBERO, Jesus Martín. **Dos Meios às Mediações; comunicação, cultura e hegemonia**/Jesús Martín Barbero. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2003

BARBERO, Jesus Martín.. *A Comunicação na Educação*. Tradutoras: Maria Inmacolata vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo. Contexto, 2014.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Martins, Fontes 2010

JENKIS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução: Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

FIGUEIREDO, Carolina (Org). *Rádio Universitária Web da UFPE: O desenvolvimento do conceito de rádio web*. Pernambuco/ UFPE. 9º Encontro Nacional História da Mídia. Ouro Preto ( MG)

LE MOS. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre. Sulina, 3ª ed., 2007.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo; Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro; Ed. 34, 1993

MACEDO. Roberto Sidnei. **Atos de Currículo Formação em Ato?: para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação**. Ilhéus: Editus, 2014.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio** – um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

PRETTO, Nelson de Luca; TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. **Do MEB a WEB—o rádio na educação.** Autêntica, 2010.

RANCIÈRE, Jacques (2007). **O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual.** Belo Horizonte: Autêntica

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação Não-Violenta:** técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais/ tradução Mário Vilela. São Paulo, Ágora,2006 **SOFTWARE LIVRE E INCLUSÃO DIGITAL.**/ Organizadores: Sérgio Amadeu da Silveira e João Cassino. São Paulo. Conrado. Editora do Brasil, 2003.

SILVA, Marco. **Formação de professores para a docência online.** São Paulo: Loyola, 2012.

PARTE II

RADIO E JORNALISMO

# ALÔ, ALÔ, OUVINTES INTERNAUTAS! INFORMAÇÕES JORNALÍSTICAS APRESENTADAS NOS SITES DAS RÁDIOS MARANHENSES

Nayane Cristina Rodrigues de Brito<sup>1</sup>

Valci Regina Mousquer Zuculoto<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

## INTRODUÇÃO

As emissoras radiofônicas antes transmitidas apenas por ondas hertzianas, atualmente podem ser acompanhadas pela web. Essa configuração incorpora novos elementos como a imagem, vídeo e o texto. Um meio tradicional que se adapta as possibilidades tecnológicas. As alterações ultrapassam essas questões tecnológicas, estabelecem ainda outras formas de consumo e comportamentos dos ouvintes.

Assim, este trabalho apresenta a seguinte questão: Quais as características das informações jornalísticas apresentadas nos sites das rádios maranhenses? A partir dessa questão central busca-se verificar o material jornalístico veiculado nos sites das emissoras radiofônicas maranhenses, a partir das sete características de webjornalismo (hiper-

---

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: nayanebritojornalista@gmail.com

2 Professora e pesquisadora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (POSJOR UFSC). Jornalista (UFRGS), doutora em Comunicação (PUCRS) e pós-doutora (UFRJ), coordenadora do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e da Rádio Ponto UFSC. É uma das líderes do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) do POSJOR. Email: valzuculoto@hotmail.com

textualidade, multimídia, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade), propostas por Canavilhas (2014).

Compreende-se a importância deste estudo na averiguação das especificidades das informações jornalísticas do rádio na web. Além disso, este levantamento corroborou para as verificações iniciais do radiojornalismo nas rádios maranhenses, objeto de pesquisa da tese de uma das autoras deste artigo, Nayane Brito, sob a orientação da coautora Valci Zuculoto.

Para a análise das informações jornalísticas inicialmente realizou-se um mapeamento dos sites das rádios maranhenses em funcionamento. O mapeamento foi sistematizado em uma tabela do Excel contendo o nome das emissoras; endereço eletrônico; informações gerais; modalidade (AM ou FM); tipo (comercial, comunitária, educativa, universitária e não identificado); e informações jornalísticas (atualizadas, desatualizadas e ausente).

A partir desses elementos registrados traçou-se um breve perfil dos sites desses veículos radiofônicos com ênfase nas distinções entre as páginas das rádios comerciais e as demais. Nesse primeiro passo da pesquisa são reveladas as poucas atualizações das informações jornalísticas nas páginas mapeadas. Para a verificação das matérias com base nas características de webjornalismo sugeridas por Canavilhas (2014) selecionou-se quatro sites de rádios entre aqueles que estavam com as notícias atualizadas.

Realizou-se também um estudo de caso com os sites de duas rádios comerciais e duas comunitárias. São elas respectivamente: Rádio Difusora Sul AM<sup>3</sup>, localizada em São Luís; situada em Imperatriz, a Rádio Nativa FM<sup>4</sup>; Rádio Alternativa<sup>5</sup>, da cidade de Barra do Corda; por fim a Rádio Itapicuru FM<sup>6</sup>, de Colinas. Quanto aos textos jornalísticos, analisou-se as publicações dos dias 15 a 20 de janeiro de 2018.

Yin (2001) apresenta o estudo de caso como uma estratégia de pesquisa que pressupõe procedimentos pré-estabelecidos para analisar um tópico. O autor complementa que trata-se de “[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especificamente quando os limites entre o fenômeno e o conteúdo não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 33).

---

3 Verificar pelo site: <http://www.ma10.com.br/difusora-680-am-ao-vivo/>

4 Verificar pelo site: <http://www.fmnativa.com.br/>

5 Verificar pelo site: <http://www.alternativadabarra.com.br/>

6 Verificar pelo site: [http://www.itapicurufm.com.br/quem\\_somos.php /](http://www.itapicurufm.com.br/quem_somos.php/)

## JORNALISMO NO RÁDIO APÓS A INTERNET

O jornalismo no rádio brasileiro inicialmente improvisava em formato e linguagem, os primeiros anos de funcionamento são marcados pelo amadorismo de um meio de comunicação recém-chegado no Brasil (ZUCULOTO, 2012). Na década de 1940 com o programa radiofônico “Repórter Esso”, a síntese noticiosa passa a ser a marca do radiojornalismo. Em 1950, chega ao Brasil a TV, uma tecnologia audiovisual, os veículos radiofônicos passam a investir mais na informação para sobrevivência do meio. Assim, a partir da década de 1960, o radiojornalismo ganhou mais destaque nas emissoras de rádio. As possibilidades tecnológicas contribuíram significativamente para novas apropriações no meio radiofônico. Nesse sentido, novos formatos são pensados, a exemplo de radiojornais produzidos especificamente para a internet, na busca de acompanhar as transformações advindas da convergência midiática. As adaptações sofridas pelo rádio com a inserção da internet não se resumem apenas ao jornalismo veiculado nesse meio, Ferraretto e Kischinhevsky (2010) ressaltam as estratégias, em diferentes momentos, diante do surgimento da televisão e da internet.

O rádio, no passado, adapta-se à televisão, fugindo da concorrência direta pela segmentação do conteúdo e pela alteração do seu prime time, que passa da noite para a manhã, e, graças à transistorização, pela modalidade do receptor. E, na contemporaneidade, usa a rede mundial de computadores como fonte de conteúdo e suporte de transmissão. (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010, p. 6)

Em 1996 surgem os primeiros sites de emissoras de rádio no Brasil especializados em jornalismo. Bianco (2004, p.23) compara essas primeiras experiências com folhetos eletrônicos, utilizados com a finalidade de apresentar a programação da emissora. No texto publicado em 2004 a pesquisadora apresentou os resultados de uma pesquisa que objetivou entender se as “rádios especializadas em notícia ao disponibilizarem conteúdo jornalístico na Internet estão produzindo jornalismo online”. Para tanto, a autora verificou as rotinas produtivas do site das emissoras paulista Jovem Pan AM e



Bandeirantes AM. Após as análises ela constatou o conservadorismo dos veículos quanto a produção de notícias em que o conteúdo veiculado nas rádios eram traspostos para o online “[...] com a mínima adaptação, sem explorar as características hipertextuais e multimídia inerentes à nova mídia” (BIANCO, 2014, p. 31).

Lopez (2010, p. 41) ressalta que, para trabalhar nesse novo contexto, é necessário repensar não apenas as relações com o público, é preciso vislumbrar ferramentas que colaborem na produção de notícias e ainda no contato com as fontes. Portanto, enfatiza a autora, ocorre uma configuração no veículo nas definições e estratégias de linguagem. “É o momento em que se configura a produção multimídia, com repórteres multiplataforma produzindo conteúdo em áudio, vídeo, texto, fotografia e infografia para a emissora” (LOPEZ, 2010, p. 112).

Diante dessas considerações parte-se para verificar o material jornalístico veiculado nos sites das emissoras radiofônicas maranhenses, a partir das sete características de webjornalismo (hipertextualidade, multimidialidade, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade) propostas por Canavilhas (2014). Assim, é oportuno teorizar esses conceitos, conforme verifica-se a seguir. Canavilhas (2014) reflete acerca da hipertextualidade nos textos inseridos na web, na condição de uma das características fundamentais do jornalismo na internet. O texto na web “[...] transforma-se numa tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações (links), ou seja, num hipertexto” (CANAVILHAS, 2014, p.4). O autor expõe algumas propostas de arquiteturas para a notícia na web, um conjunto de estratégias que orientam o trabalho dos jornalistas na produção noticiosa específica para a internet, de modo geral orienta-se que as notícias tenham uma arquitetura aberta e interativa.

Além da presença do texto nas páginas online, Salaverría (2014) comenta sobre a possibilidade de combinar a esse “tronco que sustenta a árvore multimídia”, em uma mesma plataforma e simultaneamente diferentes formatos comunicativos. “Compor eficazmente uma mensagem multimídia implica coordenar tipos de linguagem ou formatos que tradicionalmente se manipulavam em separado” (SALAVERRÍA, 2014, p.).

Alô, alô, ouvintes internautas! Informações jornalísticas apresentadas nos sites das rádios maranhenses

O autor elenca oito elementos que constituem os conteúdos multimídia, são eles: texto; fotografia; gráficos, iconografia e ilustrações estáticas; vídeo; animação digital; discurso oral; música e efeitos sonoros e vibração.

A interatividade, na perspectiva de Rost (2014) é uma das principais características da comunicação na web. Uma ligação presumível que poderá existir entre “[...] o meio e os leitores/utilizadores, porque permite abordar esse espaço de relação entre ambas as partes e analisar as diferentes instâncias de seleção, intervenção e participação nos conteúdos do meio” (ROST, 2014, p. 53).

Palácios (2014) traz o debate sobre jornalismo, memória e história na era digital. O espaço ilimitado da web para expor as informações jornalísticas é visto pelo autor como a maior ruptura após o advento da web. Ao parafrasear Machado (2002), Palácios (2014) assinala a alteração no processo de documentação e memória do jornalismo em rede, distinto das mídias tradicionais. O que era um complemento informativo passa a ser uma fonte noticiosa pela quantidade de dados possíveis arquivados. Porém, alerta o autor que

“[...] nossas marcas digitais são extremamente vulneráveis a todo tipo de apagamento” (PALÁCIOS, 2014, p. 105).

Com a velocidade da circulação de notícias através da internet o disputado furo de reportagem torna-se cada vez mais raro. “Trata-se de uma instantaneidade em publicar, mas também em consumir, e, sobretudo, em distribuir” (BRADSHAW, 2014, p. 112). Nessa intensa competitividade em ser o primeiro, em ser instantâneo, as possibilidades tecnológicas têm sido fortes aliadas.

O ato de personalizar as notícias na web altera a lógica das empresas de mídia de entreter milhões, medir o sucesso pela audiência, pontua Lorenz (2014, p. 141). O interesse passa a ser as pequenas audiências, o “grande nicho”, esclarece o autor. Assim, são definidos seis graus de personalização: capacidade de respostas, alterar com base na hora do dia, interação significativa, ajudar nas decisões, calibração e algoritmos e capacidade dos aplicativos de notícias serem adaptáveis às mudanças.

Este é o princípio sob o qual as novas ofertas de sucesso se entenderam mais rápido do que as marcas de media mais antigas. Quando o foco se coloca no mais interessante, o conteúdo volta-se para uma audiência específica, embora altamente interessada. (LORENZ, 2014, p. 141-142)

Acrescente-se a essas seis características à ubiquidade. “No contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real” (PAVLIK, 2014, p. 159). Altera-se a noção do público apenas consumir notícias, ele também pode fornecer material que irá corroborar na elaboração das notícias. Adquire-se ainda novas narrativas como o jornalismo imersivo e o jornalismo de dados.

## MAPEAMENTO DOS SITES MARANHENSES

Após o mapeamento dos sites das rádios maranhenses<sup>7</sup>, ou seja, das rádios na web, é possível traçar um breve perfil dessas páginas ao destacar as suas principais características. Para o registro considerou-se tanto os sites que estão em funcionamento seja somente pela atualização das informações, as rádios off-line, que não transmitem regularmente o áudio do veículo radiofônico, quanto as emissoras online, que fornecem ao público o sinal de áudio pela internet. Na tabela, a seguir, verificam-se os dados sistematizados.

Tabela 1 – Dados do mapeamento dos sites das rádios maranhenses.

Sites de rádios mapeados	Modulação		Modalidade				
	AM	FM	Comercial	Comunitária	Educativa	Universitária	Não identificado
90	10	80	16	47	3	1	23

Fonte: Mapeamento realizado pelas autoras

Conforme os elementos da Tabela 1 foram mapeados 90 sites de rádios maranhenses em operação. Este número certamente não corresponde ao valor total de

<sup>7</sup> Esse mapeamento foi realizado em janeiro de 2018.

Alô, alô, ouvintes internautas! Informações jornalísticas apresentadas nos sites das rádios maranhenses veículos radiofônicos transmitidos por radiação eletromagnética em funcionamento no Maranhão. A nível de estado atualmente são 448 canais de radiodifusão sonora segundo dados registrados na Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). Mas é possível que entre esses canais alguns não estejam em funcionamento e outros possam existir, mas não tem outorga para operarem. Durante a pesquisa para o mestrado<sup>8</sup>, em que foram realizadas visitas presenciais a cada cidade de que se tinha notícia da existência de rádio e suas respectivas emissoras, registrou-se a presença de veículos radiofônicos que não foram encontrados nas buscas pela internet, por não possuírem liberação para funcionamento, “[...] algumas cidades possuem apenas uma rádio como representação da comunicação local, mesmo que ainda não esteja autorizada a funcionar” (BRITO, 2017, p. 60).

Portanto, o número de sites registrados é inferior a existência de rádios hertzianas, um fator que pode ser analisado devido ao grande número de emissoras comunitárias, ou intituladas como tal, bem como aquelas que ainda não possuem registro para funcionamento. Veículos que enfrentam problemas financeiros e não tem como investir em uma página da rádio na web. Durante a busca encontrou-se vários perfis no Facebook e registros no “radios.com.br”<sup>9</sup> com a indicação de endereços eletrônicos, mas ao serem verificados estão fora do ar.

Entre as rádios mapeadas, 10 funcionam na modulação AM e 80 FM. Um indicativo do perfil das FMs em manter os ouvintes, sobretudo, os mais jovens em sintonia. Quanto a modalidade constatou-se 16 sites de emissoras comerciais, 43 comunitárias, três educativas, uma universitária e 23 não identificadas. Consideram-se não identificadas as emissoras que não foram possíveis verificar sua modalidade através do site da rádio, as demais foram identificadas pelas informações registradas ou pelo link com a história da rádio.

---

8 Um estudo denominado “Panorama do Radiojornalismo nas Emissoras Radiofônicas do Sul do Maranhão - Mapeamento, Rotinas Produtivas e Produtos Jornalísticos”. A dissertação foi apresentada em março de 2017.

9 Este é um site e também um aplicativo para celular que possibilita a escuta de algumas emissoras radiofônicas locais, regionais e nacionais.

Neuberger (2012, p, 125), em seu estudo sobre o rádio na era da convergência, destaca que as rádios de menor porte, semelhantes à maioria das emissoras encontradas no Maranhão, “[...] têm colocado apenas um link em tempo real (por streaming), enquanto as rádios com maior porte buscaram utilizar a web de forma mais completa, a fim de ampliar seus serviços e criar um vínculo mais próximo com seu público”. A autora complementa:

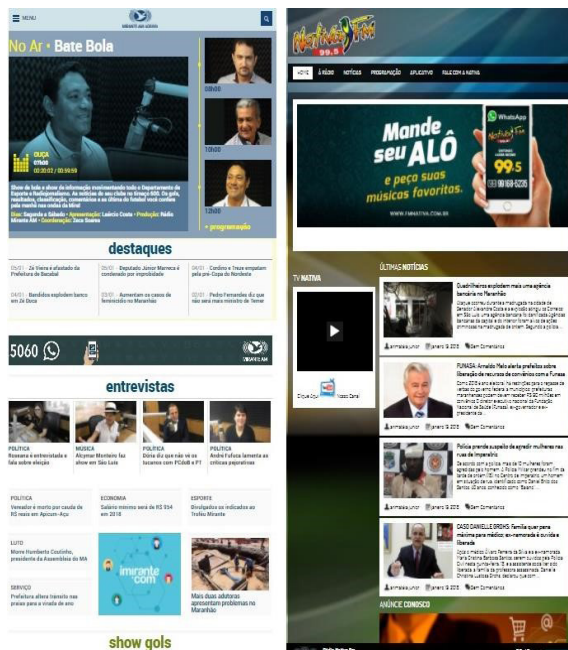
Uma das vantagens interessantes para a rádio na web é a valorização da imagem institucional da emissora, já que um site bem produzido dá oportunidades de que os usuários conheçam a história, locutores e demais membros da equipe, alguns áudios antigos, além de informações comerciais sobre como anunciar, número de ouvintes, abrangência, formação de rede e até um canal de currículos aos interessados em trabalhar na emissora. (NEUBERGER, 2012, p, 128)

Essas concepções de Neuberger (2012) foram evidenciadas após a verificação das páginas mapeadas. É perceptível a diferença no design dos sites (layout) das emissoras comerciais para as demais. Ao ter como investir em seus respectivos sites a maioria dos veículos comerciais maranhenses proporcionam ao público as páginas com os melhores layouts, com legibilidade no esquema de cores, dispõe de links e conteúdos acessíveis e com disposição para o fácil acesso do internauta, possivelmente manutenção periódica e algumas com mais possibilidades para a interação com os ouvintes internautas.

Pelos links é possível conhecer a história das emissoras, as programações, os locutores, a indicação para redes sociais e ainda o incentivo para reforçar a audiência da emissora através da utilização de aplicativos. Jenkins (2009, p.138) afirma que “[...] oferecer novos níveis de revelação e experiência renova a franquia e sustenta a fidelidade do consumidor”. Na Figura 1, a seguir, as imagens dos sites da Rádio Mirante AM, de São Luís e da Rádio Nativa FM, de Imperatriz.

Alô, alô, ouvintes internautas! Informações jornalísticas apresentadas nos sites das rádios maranhenses

Figura 1 – Imagens dos sites da Rádio Mirante AM, de São Luís e da Rádio Nativa FM, de Imperatriz.



Fonte: Mapeamento realizado pelas autoras

Destaca-se ainda que as cidades de São Luís e Imperatriz comportam o maior número de rádios comerciais, dos 16 sites registrados, entre essa modalidade, 10 são de emissoras dessas respectivas cidades. Avalia-se que esses resultados dar-se por serem dois municípios maranhenses com maior quantidade populacional<sup>10</sup> e ainda por estarem entre os cinco municípios do estado com o maior Produto Interno Bruto (PIB)<sup>11</sup>.

Destaca-se ainda que as cidades de São Luís e Imperatriz comportam o maior número de rádios comerciais, dos 16 sites registrados, entre essa modalidade, 10 são de emissoras dessas respectivas cidades. Avalia-se que esses resultados dar-se por serem

10 São Luís teve população estimada para 2017 de 1.091.868 habitantes. Dados do IBGE, disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis/panorama>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018. Imperatriz tem 253.123 habitantes. Dados do IBGE, disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>.

11 De acordo com o Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (Imesc), São Luís ocupa a primeira colocação e Imperatriz a segunda na participação do PIB. Disponível em: [http://imesc.ma.gov.br/src/upload/publicacoes/PIB\\_Municipal\\_2010-2014\\_divulga%C3%A7ao.pdf](http://imesc.ma.gov.br/src/upload/publicacoes/PIB_Municipal_2010-2014_divulga%C3%A7ao.pdf). Acesso em: 16 de janeiro de 2018.

dois municípios maranhenses com maior quantidade populacional<sup>12</sup> e ainda por estarem entre os cinco municípios do estado com o maior Produto Interno Bruto (PIB)<sup>13</sup>.

Figura 2 - Imagens dos sites da Rádio Nova Aliança FM, de Gonçalves Dias e da Rádio Dunas Mar FM, de Tutóia.



Fonte: Mapeamento realizado pelas autoras

Por outro lado, os sites da maioria das demais emissoras não apresentam bons layouts, alguns utilizam cores fortes que prejudicam a verificação dos conteúdos; outros tem excesso de informações e tornam as páginas “poluídas” visualmente; diversos exibem os links, mas ao abrir não existem informações; dos 90, seis estão em plataformas de blogs, com poucas atualizações; e ainda nota-se a ausência de manutenção em mais da metade desses sites. Verifica-se na Figura 2, a seguir, as imagens dos sites da

12 São Luís teve população estimada para 2017 de 1.091.868 habitantes. Dados do IBGE, disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis/panorama>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018. Imperatriz tem 253.123 habitantes. Dados do IBGE, disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>.

13 De acordo com o Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos (Imesc), São Luís ocupa a primeira colocação e Imperatriz a segunda na participação do PIB. Disponível em: [http://imesc.ma.gov.br/src/upload/publicacoes/PIB\\_Municipal\\_2010-2014\\_divulga%C3%A7ao.pdf](http://imesc.ma.gov.br/src/upload/publicacoes/PIB_Municipal_2010-2014_divulga%C3%A7ao.pdf). Acesso em: 16 de janeiro de 2018.

Alô, alô, ouvintes internautas! Informações jornalísticas apresentadas nos sites das rádios maranhenses Rádio Nova Aliança FM, da cidade de Gonçalves Dias e da Rádio Dunas Mar FM, de Tutóia, que ilustram as descrições mencionadas a cima.

## PERFIL DO RADIOJORNALISMO NOS SITES DAS RÁDIOS

A primeira etapa deste estudo que compreendeu o mapeamento dos sites maranhenses, estabeleceu as especificidades dessas páginas. Elementos fundamentais para compreender as características das informações jornalísticas apresentadas em tais espaços. Em uma análise geral dos dados contidos nos sites registrados organizou-se na Tabela 2 os números das páginas com informações jornalísticas atualizadas, desatualizadas e a ausência delas.

Tabela 2 – Informações jornalísticas presentes nos sites maranhenses.

Informações Jornalísticas		
<b>Atualizadas</b>	<b>Desatualizadas</b>	<b>Ausência</b>
23	47	20

Fonte: Mapeamento realizado pelas autoras

Nota-se pela Tabela 2 a pouca atualização das informações jornalísticas nas rádios maranhenses que definiram operar também no modelo online. Predomina os sites com notícias desatualizadas (47), encontra-se páginas com a última atualização em 2014, e a maioria atualizaram as notícias entre outubro a dezembro de 2017. Além disso, também é recorrente a ausência de informações jornalísticas nos sites mapeados, em 20 deles ou existe somente entretenimento sobre o meio artístico ou ausência de informação. O público desses 67 sites não será fidelizado através das notícias, o que pode os atrair é a transmissão ao vivo da programação da emissora ou algumas das estratégias de interatividade através de espaços para recados - verificado na maioria - algumas enquetes e a indicação para redes sociais e aplicativos de celular.



Portanto, o fato dessas emissoras radiofônicas estarem presentes nas plataformas digitais não é sinônimo de atualização em termos jornalísticos. Para analisar o material jornalístico veiculado nos sites mapeados, a partir das sete características de webjornalismo indicadas por Canavilhas (2014), selecionou-se quatro sites entre os 23 que mantêm suas informações jornalísticas atualizadas. As páginas são de duas rádios comerciais e duas comunitárias. São elas: Rádio Difusora Sul AM, de São Luís; Rádio Nativa FM, de Imperatriz; Rádio Alternativa, da cidade de Barra do Corda; por fim a Rádio Itapicuru FM, acompanhada pelos ouvintes de Colinas.

## HIPERTEXTUALIDADE

A maioria das matérias verificadas nas páginas das quatro rádios analisadas reproduzem textos de sites de notícias, a exceção são alguns textos da Rádio Difusora AM. No que se relaciona à presença de hipertextualidade nas matérias dos sites em análise, constatou-se que ela é mínima. No site da Rádio Difusora AM, ao final de todas elas tem a indicação para “Artigos relacionados”. Em apenas uma encontrou-se hiperligações para outras matérias, trata-se do texto postado no dia 19 de janeiro, ao se referir a agenda cultura, com o título “Confira os destaques deste fim de semana na Agenda Cultural”, nesse aparece um link com informações sobre a concentração do bloco de imprensa e outro sobre o pré-carnaval na Praça Mário Machado, localizada em São Luís.

As matérias verificadas na página da Rádio Alternativa FM todas são retiradas de sites de notícias, ao clicar no título da matéria, exibido na homepage, o leitor é direcionado para algum site de notícia, seja G1, Terra, Agência Estado, entre outros. Alguns desses textos apresentam hipertexto, principalmente, os retirados do G1. Já nas notícias postadas nos sites das rádios Nativa FM e Itapicuru FM não existem hiperligações.

## MULTIMEDIALIDADE

Na compreensão da multimedialidade enquanto uma combinação de linguagens ou de formatos, Salaverría (2014, p. 31) cita o rádio como uma monomídia, “[...] a sua única linguagem foi – e, em grande medida, continua a ser – o som. Da mesma maneira, o autor observou que apesar de não ser um meio multimídia o rádio tem caráter multisonoro, “[...] esse som se compõe de diferentes formas de expressão: palavra falada, música, som ambiente e efeitos sonoros” (SALAVERRÍA, 2014, p. 31).

Com a possibilidade de convergir para a internet o som do rádio passa a compartilhar espaço com as imagens (vídeos, fotografias, gráficos, etc.) e textos.

Conforme Jung (2007, p. 73) “o rádio que está na internet e fala para o mundo, interage com o ouvinte, oferece texto e imagem”. Esse meio não se restringe mais somente ao som, a fotografia é um elemento verificado em todas as matérias dos sites analisados. Na página da Rádio Difusora AM alguns textos sobre o Maranhão apresentam um vídeo aproveitado das matérias televisivas produzidas pelas emissoras de TV do

Sistema Difusora. Na página da Rádio Alternativa FM, por serem matérias aproveitadas de sites estaduais e nacionais, é mais comum a verificação de multimídia, um exemplo é a matéria do dia 20 de janeiro reproduzida do G1.com, com o título “Chuva faz cidade de SP entrar em estado de atenção para alagamentos neste sábado”, nela verifica-se um vídeo, uma foto e um infográfico.

## INTERATIVIDADE

O reforço da audiência nas emissoras radiofônicas, inicialmente estava pautado apenas nos sons emitidos pelo meio. A sensorialidade, uma das características do rádio, constitui uma relação diferente de outros meios com o público. Porém, com a inserção desse meio na web a interação com os ouvintes alterou-se substancialmente. Atualmen-

te sites, aplicativos, redes sociais (Facebook, Twitter, WhatsApp, entre outras), são utilizados pelas rádios para avigorar a audiência. Kischinhevsky (2012, p.429) concebe que:

A distribuição de conteúdos radiofônicos via internet, por meio de web radios, podcasts e rádio social, traz o desenvolvimento de novas práticas interacionais e de novas modalidades de recepção, em múltiplas temporalidades e ambiências, reconfigurando o rádio como instância de mediação sociocultural.

Nas matérias analisadas verificou-se espaços para comentários, porém, os únicos textos comentados foram alguns postados no site da Rádio Alternativa FM copiados do G1, ou seja, os comentários não são necessariamente do público da emissora, mas dos leitores desse site de notícia.

Com essa nova configuração de convergência midiática a interatividade no rádio é revitalizada e as rádios pesquisadas utilizam as homepages para incentivar o acesso ao Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp e o envio de mensagens pela própria página no link “Fale Conosco”, esse ausente apenas no site da Rádio Difusora AM. As emissoras comunitárias além dessas alternativas disponibilizam o mural de recados e uma enquete<sup>12</sup>. A Rádio Alternativa FM possui ainda o espaço “Ouvinte do Mês”, com a foto de um ouvinte; e a Rádio Itapicuru FM tem o “Mande seu self para o mural” com selfs dos ouvintes.

Nas abordagens de Jenkins (2009, p. 30) “A convergência não ocorre por meio dos aparelhos, por mais sofisticados que venha a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros”.

## MEMÓRIA

Uma das grandes dificuldades em pesquisar conteúdos jornalísticos radiofônicos é a ausência da maioria das rádios em arquivar os áudios dos programas. Com a introdução das rádios na internet a expectativa de memorizar os áudios ajudaria os pesquisadores e os ouvintes a verificarem informações de anos ou décadas anteriores.

Alô, alô, ouvintes internautas! Informações jornalísticas apresentadas nos sites das rádios maranhenses

No entanto, os sites das quatro rádios não dispõem de uma base de arquivos da programação ou de algumas matérias sonoras, mas eles servem como repositório dos textos que foram postados.

## INSTANTANEIDADE

Em seus estudos pioneiros sobre radiojornalismo, Ortriwano (1985) relata que o rádio foi o primeiro meio de comunicação de massa que deu imediatismo à notícia, ao divulgar um fato no momento exato que ele acontece. Logo, “[...] permitiu que o homem se sentisse participante de um mundo muito mais amplo do que aquele que estava ao alcance de seus órgãos sensoriais (...) tornou-se possível saber o que está acontecendo em qualquer lugar” (ORTRIWANO, 1985, p. 84).

Nas páginas verificadas ainda é utilizado o som das rádios transmitidas por ondas hertzianas na constatação da instantaneidade. Isso porque são cerca de três a dez matérias inseridas ao longo do dia nos sites. As rádios Difusora Sul AM e Nativa FM atualizam quatro matérias diariamente, no site da Rádio Alternativa são incluídos entre três a quatro textos e na Rádio Itapicuru FM os ouvintes internautas verificam de oito a 10 matérias.

## PERSONALIZAÇÃO

Em nenhum dos sites verificados encontram-se propriedades de Personalização.

## UBIQUIDADE

Pavlik (2004) ao se referir sobre a Ubiquidade no webjornalismo elucidada que a noção de presença simultânea vai além do acesso as notícias e entretenimento, também tem relação com a participação e fornecimento de conteúdos pelo público, “[...] o conteúdo noticioso emana de uma variedade de fontes cada vez mais ubíquas [...]” (PAVLIK, p. 160, 2004).

Essa possibilidade de receber e também de contribuir com os conteúdos é cada vez mais presente nas emissoras radiofônicas, os dispositivos móveis aproximam as rádios verificadas desta característica. As quatro emissoras sugerem a utilização de seus respectivos aplicativos, além de também poderem ser acompanhadas na página da “radios.com.br”.

A escuta simultânea também estimula a participação dos ouvintes pela rede social WhatsApp, para o envio de informações, fotos e vídeos quanto aos acontecimentos locais. As reclamações referentes as problemáticas sociais ou casos de polícias geralmente são os temas mais enviados. Segundo Jenkins (2006, p. 29-30), essa convergência midiática ultrapassa a questão tecnológica e “[...] representa uma transformação cultural, à medida que os consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as possibilidades das tecnologias de informação e comunicação as emissoras radiofônicas se adaptam em termos tecnológicos, conteúdo e recepção. Hoje, a interação é ampliada através das redes sociais utilizadas pela mídia sonora, os ouvintes internautas podem enviar textos, comentar, compartilhar informações, entre outras ações. O radiojornalismo hipermidiático estabelece outra dinâmica de trabalho e conteúdo diferenciado para atender às demandas desse momento tecnológico.

Ao mapear as rádios maranhenses na web foi possível traçar um breve perfil dessas páginas. Entre as 90 páginas mapeadas, 10 são da modulação AM e 80 FM. Quanto a modalidade, 16 são sites de emissoras comerciais, 43 comunitárias, três educativas, uma universitária e 23 não identificadas. O esforço das emissoras em se manterem online é reconhecido, porém nota-se que a maioria conserva sites com layouts simples, sem muito investimento em ferramentas de interação, jornalismo e arquivamento dos áudios veiculados na programação da emissora.

Alô, alô, ouvintes internautas! Informações jornalísticas apresentadas nos sites das rádios maranhenses

Na verificação dos sites registrados, cabe ressaltar que as páginas com os melhores layouts e funcionalidade são dos veículos comerciais. Um indicativo das dificuldades financeiras das demais emissoras em sustentarem seus sites em plataformas eficientes ou pagar um profissional que possa elaborar uma boa identidade visual. Diante dessa realidade diversos endereços, além dos que foram mapeados, encontram-se fora do ar.

Sob a perspectiva das características das informações jornalísticas apresentadas nesses sites, percebe-se que, as rádios ainda não exploram todas as possibilidades das propriedades do webjornalismo indicadas com Canavilhas (2014). A hipertextualidade e multimídia inerentes, à web, são comprometidas pelo hábito dos veículos em reproduzirem matérias de sites de notícias. É mínima a produção de notícias inseridas nos sites por esses veículos radiofônicos, um fator que também afeta a instantaneidade e a ubiquidade.

Em termos de radiojornalismo não existe uma produção multimídia, as emissoras maranhenses ainda não conjeturaram ferramentas que colaborem na produção de notícias específicas para suas páginas (LOPEZ, 2010). Semelhante aos primeiros sites de rádios especializados em jornalismo, surgidos em 1996, os veículos maranhenses oferecem somente links com informações sobre a rádio, grade de programação, os locutores, as músicas mais tocadas, notícias, etc. (BIANCO, 2004).

Nota-se que as emissoras de rádio do Maranhão precisam acompanhar as mudanças exigidas não apenas pela tecnologia, mas, principalmente, pelos consumidores e suas relações sociais e culturais (JENKINS, 2009). Transpor a programação das rádios para a web ainda é o mais comum entre os veículos radiofônicos analisados.

## REFERÊNCIAS

BIANCO, Nélia Rodrigues Del. A presença do radiojornalismo na Internet - Um estudo de caso sobre os sites da Jovem Pan e da Bandeirantes. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, vol. I Nº 1 - 1º Semestre de 2004. Disponível em: Acesso em: 12 de janeiro de 2018.

BRADSHAW, Paul. Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. CANAVILHAS, João

(Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhá: Livros LabCom, 2014.

BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de. **Panorama do radiojornalismo nas emissoras radiofônicas do Sul do Maranhão** – mapeamento, rotinas produtivas e produtos jornalísticos. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas. CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhá: Livros LabCom, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre: Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. 17, n. 3, p. 172-180, set.-dez. 2010. Disponível em: Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Traduzido do inglês por Susana Alexandria. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. 3.ed. São Paulo, contexto, 2007. Coleção comunicação.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio Social: mapeando novas práticas interacionais sonoras. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 410-437, maio/ago. 2012.  
LORENZ, Mirko. Personalização: Análise aos 6 graus.

CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhá: Livros LabCom, 2014.

LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhá: UBI, LabCom Ebooks, Livros LabCom, 2010. Disponível em Acessado em 13 de novembro de 2016.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 3. ed. São Paulo: Summus, 1985.

PAVLIK, John V. Ubiquidade: O 7.º princípio do jornalismo na era digital. CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhá: Livros LabCom, 2014.

Alô, alô, ouvintes internautas! Informações jornalísticas apresentadas nos sites das rádios maranhenses

PALACIOS, Marcos. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

ROST, Alejandro. Interatividade: definições, estudos e tendências. CANAVILHAS, João. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Livros Labicon, 2014.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e método**. 2. Ed. Bookman, 2001.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar - a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.



# LUTA LIVRE E RADIOJORNALISMO AMERICANO: O INÍCIO DO ÁPICE

Carlos Cesar Domingos do Amaral<sup>1</sup>  
Universidade São Caetano do Sul/USCS

O presente artigo visa mostrar como a Luta Livre se fez / faz importante para o radiojornalismo. A justificativa fica emancipada frente ao não-histórico da modalidade nessa mídia. Tudo foi perdido com o passar dos anos pela falta de melhor arquivamento das emissoras, assim como inexistente produção acadêmica brasileira.

A certeza fica a cargo do que os americanos fizeram e publicaram em diversos livros. Senda esse trabalho uma grande revisão bibliográfica sobre radiojornalismo e esse esporte de entretenimento

Após vasta revisão bibliográfica, Do Amaral (2016, p. 11 – 12) afirma sobre o que é a Luta Livre.

Esporte de Entretenimento: Prática esportiva que mistura ações do teatro e espetáculo em busca de levar entretenimento aos espectadores. Os resultados são determinados nos bastidores, os participantes e a empresa sabem o que irá acontecer, os fãs não. Os praticantes precisam ser atletas, pois o esforço físico é alto. Os riscos de integridade física são os mesmos que qualquer outro esporte. Objetos cortantes, cadeiras, escadas, mesas e até mesmo fogo podem ser usados na busca de maior adrenalina. O local para as exposições podem ser o ringue, tatame ou qualquer outro espaço como garagens, jardins, parques e etc (DOAMARAL, 2016, p. 11 – 12).

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação na Universidade São Caetano do Sul – USCS. Jornalista pela Universidade de Uberaba (UNIUBE), Especialista em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pela FMU Faculdades Metropolitanas Unidas. E-mail: carlaomestre@hotmail.com

Beckman (2006, p. 83) começa a apontar a importância da exposição da Luta Livre no radiojornalismo americano. “Os locutores de ringue, portanto, tornaram-se um aspecto essencial dos programas de Luta Livre”. Sendo que “funcionaram como mediadores, intérpretes e entrevistadores, assegurando que o programa funcionasse de forma harmoniosa e compreensível”. E por ter orientado o processo todas as semanas, os locutores se tornaram um aspecto familiar e reconfortante dos programas de Luta Livre” (BECKMAN, 2006, p. 83).

A metodologia aplicada está amplamente na revisão já citada em diversas obras americanas e nas em português de DoAmaral (2016), Beckman (2006) e outros.

## A PRODUÇÃO ACADÊMICA AMERICANA DE LUTA LIVRE NO RÁDIO

Dave Meltzer é um dos maiores e mais conhecidos jornalistas que trabalha com Luta Livre. Ele é o autor dessa primeira obra. Em suas experiências profissionais já menciona seu trabalho no rádio com esse esporte de entretenimento. “Desde 1999 faz um programa de rádio profissional, que por dois anos foi o mais popular programa de entrevistas gerado pela internet, e atualmente é distribuído nacionalmente pela rede de rádio Sports Byline” (MELTZER, 2004, s. p.) No decorrer da obra fala sobre entrevistas e algo muito parecido com o Brasil no quesito arquivamento dos produtos radiofônicos. “Legend gravou entrevistas de Blassie de 1961 a 1964 em um gravador de bobina a bobina, que provavelmente são as únicas cópias que ainda existem” (MELTZER, 2004, p. 16 – 17). Isso porque “os promotores de *wrestling* não salvaram nada daquela época. Ele os liberou sob o título de ‘*Geekmania*’” (MELTZER, 2004, p. 16 – 17). O que se parece ao país tupiniquim é o ato de não salvar nada ou pior usar para gravar outras coisas por cima e depois descartar sem nenhum problema. Nos EUA outros produtos também eram realizados com os lutadores, o que ajudava no crescimento da Luta Livre e dos personagens. “Ele também produziu a música de 1975 ‘*Pencil-Neck Geek*’, que ficou em primeiro lugar por um tempo no programa de rádio Dr. Demento

nacionalmente distribuído, e o filme de 56 minutos *My Breakfast with Blassie the latte Andy Kaufman*". Esse mesmo lutador também afirmou ter sido entrevistado nesse meio de comunicação. "Eu fiz um programa de rádio com o Gorgeous George. Primeiro, eles me perguntaram sobre a minha luta. E não posso dizer que fui humilde, mas não fui muito espalhafatoso" (MELTZER, 2004, p. 17).

Blassie (2004, p. 75) conta que "os caras do evento principal dividiram 8% e conseguiram 4% cada. Ela fez isso com ambos boxeadores e *wrestlers*. Eles tiveram que ir ao hotel diferente e conversar com o público". Tudo para promover os combates. "Eles tinham que fazer todos os programas de rádio para aumentar a audiência. E a audiência subiu e eles começaram a ganhar dinheiro" (BLASSIE, 2004, p. 75). O que comprova o uso do meio de comunicação para a Luta Livre e logicamente no intuito comercial.

As partes que Assael (2002) utiliza em seu livro sobre rádio trazem apenas momentos em que pessoas que eram do rádio se misturaram com a WWE – *World Wrestling Entertainment* que até então era WWF – *World Wrestling Federation*.

E isso é exatamente o que ele temia que estivesse acontecendo quando McMahon começou a receber mais sugestões de um novo escritor agressivo. Vince Russo foi um dos mais ardentes defensores do WWF em Nova York, quando ele trabalhou como apresentador de um programa de rádio AM que cobria o wrestling e ele conseguiu transformar esse apoio em um trabalho escrito para as revistas da WWF. Um homem motivado, com cabelos longos, feições magras e um sotaque durão, ficava sentado fora do escritório do chefe, esperando que ele saísse para que pudesse apresentar ideias (ASSAEL, 2002, p. 186).

Entretanto também apresenta situações em que o radiojornalismo foi usado para instigar a Luta Livre.

Foi esse tipo de loucura de última hora que levou o produtor explodir no vestiário antes de um Nitro<sup>2</sup> gravando em Las Vegas, para onde eles tinham voado após o show em Los Angeles. A semana anterior foi um constrangimento, ele gritou.

---

2 Antigo programa da WCW. Empresa que faliu anos depois e comprada pela WWE

Scott “Raven” Levy, um lutador de *midcard*<sup>3</sup> que se queixou publicamente de Hogan em um programa de rádio de Chicago, poderia dar o fora se ele não gostasse (ASSAEL, 2002, p. 229).

Esse autor finaliza suas citações de rádio e Luta Livre com o que parece ser uma troca de favores entre a WWE e essa UPN que é uma produtora de atrações internacionais. Dentre as possíveis trocas aparece espaço para participações no rádio.

Piloto de uma *storyline*<sup>4</sup> de Steve Austin, um contrato de livro com a Simon & Schuster, cinco eventos anuais em seus parques temáticos, sete especiais por ano e uma grande quantidade de promoções cruzadas em estações de rádio e outdoors. UPN também estava falando sério sobre querer um pedaço do XFL. Faltando pouco mais de um mês para que os McMahons tivessem que dar aos EUA a resposta final, eles estavam prestes a receber tudo o que sempre quiseram, incluindo o respeito de alguns pesos pesados (ASSAEL, 2002, p. 242).

Hornbaker (2007, p. 85) traz um episódio em que o rádio é usado para que equipes de Luta Livre troquem “farpas”. “Além disso, a NWA enviou Strangler Lewis para Chicago para discutir pessoalmente a situação com os jornais e um apresentador de rádio esportivo do momento”. E continua: “Lewis supostamente acusou Kohler de tentar se tornar o ‘czar’ do *wrestling*, e também ultrapassar seus limites ao nomear um campeão dos EUA”. Logicamente isso teve mais desdobramentos. “Fred apareceu no mesmo show pouco tempo depois, e reiterou o que Lewis disse: Lou Thesz ainda era campeão mundial de pesos pesados reconhecido pela *National Wrestling Alliance*” e “que Verne Gagne era apenas o campeão dos pesos pesados dos Estados Unidos, e apenas reconhecido por alguns promotores no meio oeste” (HORNBAKER, 2007, p. 85).

Racer e Tritz (2004, p. 5) contam a história de Harley Race, um antigo lutador. No início da obra o rádio é citado por ser transmissor de programas de Luta Livre.

A essa altura, meu pai ainda achava que uma carreira no *wrestling* era um sonho, mas eles estavam resignados com o fato de que eu iria tentar. No outono, fiz a

---

<sup>3</sup> Lutador que não está dentre os mais importantes dentro de uma equipe de Luta Livre

<sup>4</sup> Histórias que os lutadores de Luta Livre vivem dentro do ringue

viagem de 42 milhas até São José para me apresentar a um homem chamado Gust Karras (embora Gust fosse seu nome oficial, ele usava Gus.) Eu ouvira falar de seus programas de luta livre no rádio. Gus era um dono de carnaval de sucesso, um homem de negócios astuto e um cara legal. Mais tarde nos tornaríamos parceiros de negócios (RACER, TRITZ, 2004, p. 5).

Hauser (2002) aponta por toda sua obra ligada a Jesse Ventura os momentos em que o mesmo esteve ligado ao rádio. Ventura foi lutador e agora era governador de Minnesota. A seguir uma sátira para o desmoralizar frente ao público.

O que poderia ser mais adequado para o governador eleito não convencional de Minnesota? Ele está programado para retornar às ondas de rádio para sediar um show na KFAN pela primeira vez desde que foi forçado a sair do ar em julho. Fora do Bar e *Grill Joe Senser*, na saída da *Interstate 494*, uma música canta “Almoce com Jesse Ventura Hoje” e pisca a temperatura de 40 graus. Um policial de Bloomington está de plantão, dirigindo um engarrafamento enquanto carros tentam entrar no estacionamento. Se você o eleger, eles virão (HAUSER, 2002, p. 44 – 45).

Em outro momento Ventura é mais uma vez satirizado, agora em um livro. Ele e o autor discutem várias vezes e a rádio aparece por que os valores investidos nas estatais poderia ser menor do que o esperado. Por fim ao ser eleito é apresentado essa citação:

A introdução do Ventura pelo presidente da *National Press Club*, Larry Lippman, dá o tom para o que está prestes a seguir. “Ele mostrou seu baile inaugural em franja de couro, uma camiseta de Jimi Hendrix, uma bandana e brincos”, Lippman conta para a plateia lotada e uma plateia assistindo no *C-Span* e ouvindo na Rádio Pública Nacional. “Seu impressionante triunfo no outono passado capturou a imaginação do país, se não do mundo. Quase da noite para o dia, o ex-lutador profissional tornou-se o político mais falado do dia ... Ele era um *SEAL* da Marinha dos EUA e, em seguida, membro de uma gangue de motociclistas da Califórnia. Mas ele também era um estudante quase direto do *North Hennepin Community College* antes de usar sua força e machismo para ganhar o papel de um cara mal no circuito de Luta Livre” (HAUSER, 2002, p. 109).

Por anos o rádio era o principal meio de comunicação, mesmo em tempo que a TV já invadia as casas dos americanos. Blood e Riddle (2005, p. 466) trazem essa citação em que o aparelho de rádio era valioso. “Aos 14 anos, Rock ouviu vários rapazes falando sobre o local da noite anterior de *pro wrestling* na televisão. Eles falaram de dois *wrestlers* ameaçadores e maníacos, chamados Rip Hawk e Swede Hanson” que eram “um dos times mais reconhecidos de ‘vilões’ do país. Suas contrapartes os ‘heróis’ foram presenteados com rádios e um troféu pelo seu fã-clube na televisão ao vivo”. Por fim, “Hawk congratulou os dois, pediu para ver o rádio, levantou-o acima da cabeça e quebrou-o em pedaços no chão” (BLOOD, RIDDLE, 2005, p. 466).

O maior problema da obra de Williams (2006) é que não é paginado. O primeiro relato é sobre um programa dos anos de 1990. “O fã de Filadélfia, John Bailey, lembrou-se de ter ouvido a notícia de que o *Tri-State* estava convocando o programa para sair ao vivo no programa semanal de rádio de *wrestling* de Goodhart” e “ele fez o anúncio cerca de uma semana antes do planejado show de 25 de janeiro de 1992” (WILLIAMS. 2006, s. p.). “Essa também foi a última vez que ele estava fazendo o programa de rádio, e ele disse a todos os ouvintes que ele estava feito’, disse Bailey. ‘Achei que tinha muita coragem para fazer isso’” (WILLIAMS. 2006, s. p.). Contando assim o fim de um programa sobre Luta Livre, o autor continua. “Manor disse que viu a transmissão final como um momento de desabafar o promotor sitiado. ‘Joel começou a ficar meio frustrado’, disse Manor” (WILLIAMS. 2006, s. p.).

Aquele último programa de rádio que ele estava filmando. Ele não ficou satisfeito com o público por não apoiar sua promoção, e eu realmente não posso culpá-lo - ele estava com dezenas de milhares de dólares. Ele realmente queria dizer bem; Ele foi sincero sobre colocar algo em que ele como um fã enlouqueceria. É só quando você está tentando promover, às vezes isso simplesmente não funciona (WILLIAMS. 2006, s. p.).

Paul Heyman é atualmente um dos grandes nomes em saber promover uma luta, mas até mesmo ele já pensou em deixar a Luta Livre e trabalhar no rádio. “Depois de sua amarga partida da WCW em janeiro de 1993, Heyman estava negociando para

se tornar uma personalidade de rádio em Nova York” (WILLIAMS. 2006, s. p.). E “ele aparentemente estava tão determinado a deixar o *wrestling* que recusou uma oferta da McMahon para trabalhar na WWF” (WILLIAMS. 2006, s. p.).

Pillman também usou seu status como *former Bengal* para dar voz ao seu ângulo pessoal, pelo menos em Cincinnati. “Ele fazia rádio constantemente, e ele era uma ótima entrevista”, disse Wood. “Se ele quisesse, ele poderia ter acabado com o seu próprio show”. Uma entrevista de Pillman na ECW em fevereiro de 1996 o levou a se referir a Heyman como “*Booker Man*”<sup>5</sup> (o mesmo termo que ele usou para Sullivan). (...) Os promotores da Nova Inglaterra também organizaram entrevistas de rádio para os lutadores da ECW, bem como aparições pessoais. “Nós teríamos o Sandman entrando em um estacionamento muito para aparecer em um Hummer com sua música tocando”, disse Richard. “Tivemos uma assinatura em um mal com Shane (Douglas) e 1.000 pessoas compareceram. Eu tinha 15 anos de conexões na área e usei todas elas. Eu vi Paul Heyman nos shows e dei a ele uma sacola de artigos sobre a ECW. Nós realmente ajudamos a construí-lo do que era para o que estava prestes a ser” (WILLIAMS. 2006, s. p.).

Finalizando as citações de Williams (2006) uma fala sobre outro programa dos anos de 1990 “uma emissora de *wrestling* na rádio em Baltimore por cerca de oito meses no início dos anos 90. O show foi ao ar todos os sábados a partir das 10h da noite independente no Nordeste, que parecia estar esquentando”. A outra uma breve discussão entre WWE e ECW, a segunda que anos depois também seria comprada pela empresa de Stamford.

Muchnick (2007, p. 136) fala sobre a XFL a liga de futebol americano idealizada por Vince McMahon, presidente da WWE. De certa forma desmerece a mesma pela alta ligação da empresa com a Luta Livre mesmo que de forma indireta. Além disso em uma parte não paginada traz o relato de uma entrevista na qual foi perguntado da realidade do *Pro-Wrestling*. “Não, Virginia, o *wrestling* profissional não é o epítome da tradição greco-romana” E “eu disse e elaborei. Eu escolhi começar de forma elíptica, não porque eu me preocupasse em expor o negócio, ou como os iniciados o chamam, ‘quebrar *kayfabe*’, mas porque era tímido” (MUCHNICK, 2007, s. p.).

<sup>5</sup> Pessoa que escreve com facilidade as histórias na Luta Livre

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Resultados apontam que o Rádio foi a primeira grande mídia a dar oportunidade a Luta Livre em forma de notícia e também com entrevistas ao vivo. O rádio foi o porta-voz para um dos maiores espetáculos já desenvolvidos nos Estados Unidos.

Quando propus esse trabalho acreditei que tais materiais encontrados com tanto esforço poderiam mostrar que nos Estados Unidos a preocupação em ter seu histórico no rádio fosse maior que o descaso no Brasil. De certa forma é, pois ainda é possível encontrar as citações que usei nesse artigo, mas sem dúvida é bem pequena e sem grande profundidade.

Por tempos os Estados Unidos foram divididos em setores para apenas X empresas pudessem explorar aquele território e assim a Luta Livre criar laços. A WWE cresceu muito e conseguiu comprar todas elas. Seriamente pensei que os autores fossem trazer relatos assim, empresas falindo e os proprietários pedindo no rádio por apoio aos comerciantes locais, fãs e etc. Não achei nada assim, quase tudo fala dos anos 1990. Tempos que a WWE que era WWF já dominava tudo com seus méritos.

Até mesmo Meltzer que é um grande jornalista da área traz um breve relato desse tempo vindo de um antigo lutador.

Sem dúvidas acredito ter contado mais um capítulo da história da WWE do que mesmo do *Pro-Wrestling* Americano, esse artigo reflete o que já haviam contado e agora reunido tudo em um mesmo texto. Para o futuro é importante que outros autores busquem diretamente nos Estados Unidos histórias em museus e rádios antigas histórias da Luta Livre nos mesmos. Sendo esse o caminho para pesquisas futuras nesse ramo aqui trabalhado.

## REFERÊNCIAS

ASSAEL, Shaun. **Sex, Lies and Headlocks:** The real story of Vince McMahon and World Wrestling Entertainment. Crown Publishers, 2002.



BECKMAN, Scott. *Ringside: a history of professional wrestling in America*. Greenwood Publishing Group, 2006.

BLASSIE, Freddie; GREENBERG, Keith Elliot. **The Legends of Wrestling: “Classy” Freddie Blassie: Listen, you pencil neck geeks**. New York: Pocket Books, 2004.

BLOOD, Michele; RIDDLE, Rock. **How to become a magnet to Hollywood Success!** California: MusiVation International, 2005.

DOAMARAL. Carlos Cesar Domingos. **Luta Livre: Esporte de Entretenimento, WWE e Outras Plataformas**. Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

HAUSER, Tom. **Inside the Ropes with Jesse Ventura**. Minnesota: University of Minnesota Press. 2002.

HORNBAKER, Tim. **National Wrestling Alliance: The untold story of the monopoly that strangled pro wrestling**. Toronto: ECW Press, 2007.

MELTZER, Dave. **Tributes II: Remembering more of the world’s greatest Professional Wrestlers**. Champaign: Sports Publishing, 2004.

MUCHNICK, Irvin. **Wrestling Babylon: Piledriving tales of drugs, sex, death, and scandal**. ECW Press, 2007.

RACE, Harley; TRITZ, Gerry. **King of the Ring: The Harley Race Story**. Champaign: Sports Publishing, 2004.

WILLIAMS, Scott E. **Hardcore History: The Extremely Unauthorized Story of ECW**. New York: Sports Publishing, 2006.

# RÁDIO PARA OUVIR E ASSISTIR: AS EXPERIÊNCIAS DAS RÁDIOS GAÚCHA E JOVEM PAN NO FACEBOOK

Caroline Barbosa Rangel<sup>1</sup>

Cláudio Roberto de Araújo Bezerra<sup>2</sup>

Universidade Católica de Pernambuco, PE

## INTRODUÇÃO

As transformações tecnológicas têm alterado profundamente os modos de produção, emissão e recepção dos conteúdos transmitidos através do rádio. Desde a origem, o veículo vive uma trajetória marcada por sucessivos avanços e adaptações. O primeiro foi com a invenção do transistor (1947), em seguida a incorporação da pilha (1954), que o transformou em um veículo portátil (PRATA, 2012). Dos obstáculos enfrentados, a primeira ruptura surgiu com o advento da televisão, a segunda, com a chegada da internet e a digitalização, que indica diferentes horizontes para o meio.

No cenário do século XXI, o rádio se permite a novos avanços e supera as limitações que o definem – meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir mensagens. Há um novo ambiente sendo construído que, segundo Ferrareto (2010), tende a ampliar as ideias antes tão exploradas pelo meio e de abolir a tendência à demarcação de fronteiras.

Os caminhos que se desenham problematizam, por exemplo, a definição de rádio conceituada por Meditsch (2001, p.04), como um meio “sonoro, invisível e em tempo real”. Para este autor, se o produto radiofônico não for feito de som, não pode

---

1 Mestranda do Curso de Indústrias Criativas da Unicap-PE, email: caroline.brangel@gmail.com.

2 Professor Dr. do Curso de Jornalismo e do Mestrado de Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), email: claudiobezerra05@gmail.com

ser considerado rádio; se tiver imagens relacionadas, também não; e se não for emitido em tempo real pode ser considerado como fonografia, e não rádio. É fundamental a compreensão da nova realidade. Com o advento da web 2.0, o rádio passa a incorporar novos formatos para as transmissões de conteúdo. As *webrádios* e os *podcastings* integram-se ao veículo, antes apenas de ondas eletromagnéticas, e se inserem num cenário de múltiplas possibilidades, por meio de *bits* – zeros e uns. Faz-se presente, um novo ambiente, onde todos os meios se convergem e falam para um público mais participativo, exigente e interativo (JENKINS, 2009).

Esse processo de transformação tecnológica experienciada pelos meios tradicionais de comunicação pode ser definido com o conceito criado por Fidler, em 1991: *mediamorphosis*. A terminologia descreve as mudanças dos conglomerados de mídia em todas as suas áreas e defende o não desaparecimento dos veículos existentes, mas uma reconfiguração do uso, das linguagens, com a complementação de novos meios (FIDLER, 1997). Prata (2012) adaptou o termo para o rádio, e passou a tratar o processo de multimídia das novas experiências do veículo como radiomorfose. Por meio deste vocábulo é possível defender a tese de que em sua história o rádio passou distintas adaptações, não morreu, e se transformou.

Os novos formatos de rádio que surgem na internet revelam que as mudanças continuam e devem, cada vez mais, transbordar os limites impostos. Como observa Castells (2017, p. 554), na sociedade em rede a produção simbólica circula em “estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação”. Nesse novo cenário, a radiofonia busca uma constante readaptação e vai encontrando novos caminhos e linguagens multimídias, sem perder suas características principais.

Após as contribuições dos transistores, digitalização e convergência dos meios o rádio chegou a sua terceira transformação, a convergência multiplataforma (CEBRIAN, 2011). O rádio das ondas hertzianas agora pode ser encontrado nas redes sociais e nos aplicativos *mobile*. É possível acompanhar a programação radiofônica e participar dela

através do Twitter, Facebook, Whatsapp e aplicativos próprios de cada emissora. É uma apresentação de conteúdos escritos e visuais, além de sonoros.

O rádio integra as plataformas e multiplica seus modelos de programação generalista e multi-temática ou especializada à convergência com internet e telefonia móvel até dar origem ao pleno ciber-rádio e rádio móvel. Criam-se novos canais, incorporam-se outros conteúdos e se experimenta com uma linguagem inovadora procedente da tecnologia. (CEBRIAN, 2011, p.75)

Nesse processo de integração das plataformas e de criação de novas estruturas narrativas para o veículo, Lopez (2009, p. 82) defende que o rádio deixa de ser monomídia (apenas um som) e passa a ser um “universo de síntese”. Para o novo ambiente, ela define o veículo sonoro contemporâneo como hipermediático. “Na internet, o rádio passa a falar uma linguagem multimídia, com imagens, textos escritos, áudios, vídeos e infografia. Não há mais restrições de espaço” (LOPEZ, 2009, p. 35). Compartilhando o mesmo olhar sobre as novas possibilidades e formatos da radiofonia, Kischinhevsky (2016) redefine o veículo atual e o conceitua como rádio expandido e com elementos parasonoros, por entender que hoje ele “extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais e de música” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 13).

Para além do modelo tradicional de escuta do veículo, no novo contexto do rádio expandido é possível, por intermédio dos dispositivos móveis e multimídia, ouvir conteúdos radiofônicos “ao vivo (no *dial* ou *streaming*) ou sob demanda (*podcasting* ou através da busca em arquivos ou diretórios)” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 14).

O novo ecossistema aponta que a produção de conteúdo ganhou novos formatos e a informação tornou-se constante e instantânea (KASEKER; RIBASKI, 2015). O jornalismo vive sua terceira fase na *web*, que é caracterizada pela dinamicidade, interatividade e com produção exclusiva para as plataformas em rede (MIELNICZUCK, 2003). As notícias, no cenário retratado pela autora, apresentam recursos multimidiáticos explorando textos, sons e vídeos. O radiojornalismo na internet não poderia ser

diferente, uma vez que agrega também as seis características do *webjornalismo* propostas por Palácios (2002) – multimídia ou convergência, interatividade, hipertextualidade, a personalização, memória, instantaneidade. “No contexto de jornalismo online, multimídia refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico)” (PALÁCIOS, 2002, p.03). Ao falar da interatividade o autor traz as referências de Bardoel e Deuze (2000), considerando que a notícia na web proporciona ao usuário, o sentimento de fazer parte do processo jornalístico. Para conceituar a hipertextualidade, Palácios (2002), cita a possibilidade da interconexão dos textos através de links. O autor utiliza a personalização para tratar dos produtos jornalísticos, que são produzidos de acordo com os interesses individuais dos internautas e argumenta, sobre a memória, que no online a acumulação de informações é mais viável. Ao pontuar a instantaneidade como uma das características, ele afirma que “a rapidez do acesso, combinada com a facilidade de produção e de disponibilização, propiciadas pela digitalização da informação e pelas tecnologias telemáticas, permitem uma extrema agilidade de actualização do material nos jornais da Web” (PALÁCIOS, 2002, p.03). O que possibilita ao usuário o acompanhamento contínuo da informação que interessa ao usuário.

## O RÁDIO NO FACEBOOK

A partir da década de 2000, as emissoras de rádio *all news* e híbridas brasileiras, surgem no ambiente virtual com homepages, perfis nas redes sociais (Twitter, Facebook e Instagram), aplicativos multimídias e de mensagens (Whatsapp e Telegram). Os conteúdos para cada uma das plataformas são semelhantes: programação ao vivo; matérias já exibidas com texto e som disponíveis; espaço para interatividade com o usuário. Mais recentemente, “câmeras foram instaladas no estúdio possibilitando ao ouvinte-internauta a ver a programação, pela internet, 24 horas por dia” (VICTOR, 2016, p.5). A estratégia, utilizada por algumas emissoras *all news* e híbridas do país reforça a busca do veículo pela integração dos meios e indica novos horizontes de convergência utilizados

pelo rádio, na web. A propagação das empresas de rádio para as redes sociais e os novos recursos explorados, advindos da plataforma, também apontam para um caminho ainda mais multimídia e multiplataforma.

Mas é no Facebook, rede social capaz de integrar textos, imagens, vídeos e sons, que o rádio tenta explorar suas potencialidades. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou que em 2016, dos 206 milhões de brasileiros cerca de 116 milhões estavam conectados à internet, ou seja, mais da metade da população (56,31%). Também em 2016, um estudo feito pelo Facebook mostrou que do total de brasileiros online, 102 milhões, o que significa 87,93% da população brasileira, estava utilizando a plataforma em rede. Frente ao expressivo alcance dessa rede social e, sobretudo, das suas potencialidades para a produção de conteúdos jornalísticos radiofônicos multimidiáticos, que se coaduna com a noção de rádio expandido, optou-se por investigar como as rádios brasileiras *all news* e híbridas estão fazendo uso do Facebook.

De acordo com um levantamento realizado em 2013 pela pesquisadora Nair Prata, tendo como fonte o *site* rádios.com.br, existe no Brasil 4.479 emissoras de rádio de ondas hertzianas. A presente pesquisa fez o seu próprio levantamento, também baseado no *site* rádios.com.br, e percebeu que das 4.479 emissoras apenas 548 apresentam conteúdo jornalístico. Das rádios que veiculam notícias com regularidade, pouco mais de 200 fazem uso do Facebook.

Entre as rádios noticiosas presentes no Facebook percebe-se que algumas têm investido mais nos recursos audiovisuais para consolidar a programação na rede social. O conteúdo é o mesmo exibido em tempo real nas ondas radiofônicas, mas as transmissões na plataforma multimidiática estão sendo realizadas com elementos semelhantes aos da televisão, desde 2016. Como aponta Lopez, “ressurge o espaço da criação radiofônica, intensifica-se o espaço da análise e são apresentadas novas estratégias de envolvimento e relação com o ouvinte-internauta” (LOPEZ, 2011, p.226). Essa nova interação com o público durante a programação é provocada pelos jornalistas e apresentadores, que incitam os ouvintes e internautas à curtidas e comentários na rede social.

As mutações do rádio não cessam, apenas se fortalecem e recebem novos estímulos, devido os avanços da tecnologia. Por isso, faz-se necessário apresentar e discutir as estratégias de apresentação do radiojornalismo ao vivo, simultaneamente nas ondas hertzianas e no Facebook. Diante de um cenário de reconfigurações constantes do meio e novos conceitos, descobrir as novas tendências e perspectivas do rádio na rede social, agora com recursos tão explorados pela mídia tradicional, pode incitar novos debates referentes ao formato de apresentação radiofônica na contemporaneidade e num futuro próximo, além de possíveis discussões sobre políticas adotadas no contexto de rede social e das práticas que podem ser exploradas para fins de evolução do meio. É notável a realidade de um veículo reconfigurado que caminha demonstrando a presença de “novos elementos embaralhando a caracterização estabelecida exclusivamente a partir da sonoridade” (KISCHINHEVSK, MODESTO, 2014, p.13).

O presente artigo busca ilustrar as novas experiências praticadas pelo veículo, no Facebook, a partir de duas rádios híbridas com programação jornalística, que tem apresentado fortes características do rádio expandido e hipermediático. As emissoras Gaúcha, de Porto Alegre e Jovem Pan, de São Paulo, estão inseridas na plataforma em rede explorando não apenas os recursos sonoros do rádio, mas também o audiovisual. Elas utilizam tecnologias do universo *mobile*, novos *softwares* e formatos para falar tanto com a audiência das ondas hertzianas como da rede social.

Os programas jornalísticos que a Gaúcha e Jovem Pan transmitem, ao vivo e simultaneamente, no *dial* e no Facebook, foram objeto de uma observação sistemática entre os dias 19 a 23 de fevereiro de 2018. O objetivo foi o de identificar e analisar as estratégias de comunicação das emissoras no ambiente da rede social.

## A EXPERIÊNCIA DA RÁDIO GAÚCHA NO FACEBOOK

Fundada em 1927 a Rádio Gaúcha passou por todas as eras do rádio brasileiro. É a primeira emissora comercial de Porto Alegre e a segunda do Rio Grande do Sul. A sua história se mistura com a do próprio rádio e parece não ser possível falar dele,

sem mencioná-la. Objeto de estudo de diversas pesquisas acadêmicas e comerciais, foi escolhida para esta pesquisa por integrar uma diversidade de conceitos e aplicá-los no cotidiano, mostrando-se assim como uma rádio contemporânea, atenta às transformações que o meio radiofônico vem passando.

Desde maio de 2016, o grupo RBS, da qual a emissora faz parte, resolveu potencializar o uso de todas as plataformas utilizando a ferramenta *Live Streaming*<sup>3</sup>, do Facebook, em vários programas da rádio. A proposta era alcançar os usuários online, aumentando o engajamento e aproximação dos comunicadores com os ouvintes usuários da rede social. Hoje, a página da emissora conta com mais de dois milhões de curtidas. Suas transmissões são assistidas por aproximadamente 5 mil usuários e, em média, mais de 50 internautas compartilham o conteúdo veiculado. Dos 17 programas de sua grade de programação, exibidos no site da emissora<sup>4</sup>, sete são transmitidos simultaneamente no *dial* e no Facebook. Três deles são programas esportivos. Essa pesquisa optou por observar os quatro programas jornalísticos de conteúdo mais geral: *Gaúcha Hoje*, *Gaúcha Atualidade*, *Timeline* e *Gaúcha +*.

Ao analisar os programas foi possível identificar a presença de mais de uma câmera no estúdio da emissora e uma interação constante dos âncoras e convidados com o dispositivo. Essa interação direta com a câmera é também executada pelos repórteres na rua. Dessa forma, âncoras (ver Figura 1), repórteres (ver Figura 2), e convidados falam olhando para os usuários, criando uma relação mais próxima e individualizada, tal como na televisão.

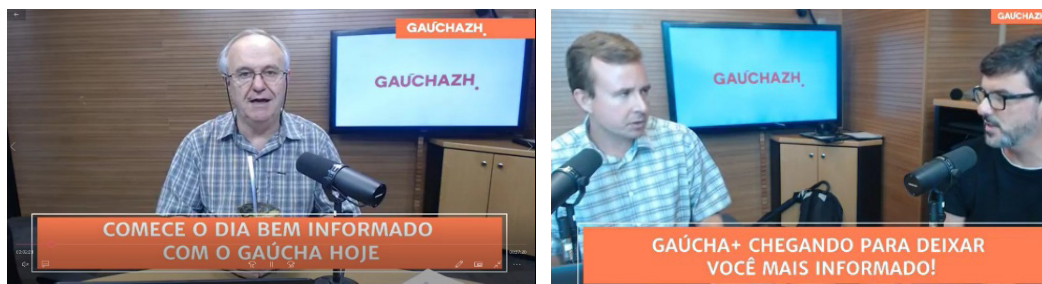
---

3 O Live Streaming do Facebook é uma ferramenta que possibilita que os usuários da rede social acompanhem ao vivo um determinado evento em formato de vídeo em qualquer dispositivo.

4 <https://gauchazh.clicrbs.com.br/programacao/>. Data de acesso: 30 jan.2018



Figura 1: Equipe de jornalistas da Rádio Gaúcha durante a transmissão ao vivo



Fonte: Facebook da Gaúcha ZH. Acesso em: 24 de nov. 2017

Figura 2: Repórter entrando ao vivo do TRF-4, em Porto Alegre.



Fonte: Facebook da Gaúcha ZH. Acesso em: 24 de nov. 2017

Ao transmitir a programação jornalística da rádio ao vivo no Facebook, a emissora também apresenta na plataforma recursos gráficos, como *templates* de abertura e gerador de caracteres, identificando os profissionais da empresa e os entrevistados, além de acrescentar, ou destacar as informações discutidas na programação.

Por meio de um dispositivo móvel conectado à rede Live Streaming, a imagem do jornalista aparece na programação do jornal exibida no Facebook ao mesmo tempo em que o som de sua voz é transmitido no rádio convencional. As notícias de trânsito também ganham vida nesse novo formato de rádio e são emitidas não apenas através de relatos de ouvintes, mas também exibindo as imagens de câmeras fornecidas pela autarquia de trânsito do município e/ou com a equipe de reportagem dentro de um

carro trafegando pela cidade, para indicar onde há engarrafamentos e qual o melhor trajeto a seguir (Ver figura 3).

Figura 3: Imagens da situação do trânsito na cidade e repórter com informações do trânsito direto do carro.



Fonte: Facebook da Jovem Pan *online*. Acesso em: 6 dez. 2017

O formato de apresentação das notícias dos quatro jornais analisados seguem o mesmo padrão. Há sempre um ou dois jornalistas no estúdio apresentando o jornal, interagindo com comentaristas que fazem parte da transmissão do mesmo local, ou numa conferência. No *Gaúcha Hoje e Atualidade*, programas matinais, os âncoras exploram com mais frequência a participação dos profissionais que estão na redação da rádio. Assim como os outros colaboradores, eles aparecem com som e imagem na programação. Os repórteres que estão nas ruas também são acionados com mais constância do que nos programas da tarde.

No *Timeline e Gaúcha +* o internauta é capaz de perceber que os programas são mais dinâmicos, conversam mais sobre entretenimento e exploram mais os comentaristas da rádio. A presença da reportagem também se faz presente, mas eles costumam aparecer diretamente do local da pauta. Em todos os programas os recursos gráficos e imagens dos colaboradores são exibidos. As fotos dos entrevistados ou jornalistas são inseridas na transmissão, quando não é possível ter a imagem de vídeo, ao vivo. Durante o intervalo, o internauta escuta a publicidade da rádio, mas costuma assistir a situação do trânsito na cidade.

Analisando os programas é possível identificar que os âncoras pouco interagem com as câmeras. Apesar delas se localizarem sempre em frente ao jornalista ou comentarista, eles não costumam olhar diretamente para elas. Normalmente, esse tipo de interação é feita quando os profissionais convidam os internautas a participar da programação enviando mensagens para o *whatsapp* da emissora. Outro aspecto observado é que o discurso é voltado para os internautas em momentos específicos do programa: na saudação, quando eles informam que também estão ao vivo no facebook; quando os convidam para interagir enviando informações através dos canais de comunicação da rádio; e no encerramento, ao se despedir da audiência.

## A EXPERIÊNCIA DA RÁDIO JOVEM PAN NO FACEBOOK

A Jovem Pan é uma das mais antigas emissoras do segmento de notícias e entretenimento da cidade de São Paulo. Fundada em 1944 como uma rádio de entretenimento que exibia radionovelas e conteúdos esportivos, foi somente a partir da década de 70 que a emissora passou a incluir conteúdo jornalístico em sua programação. Em 2014, numa pesquisa realizada pelo portal Comunique-se, foi considerada a sexta maior rede de rádio do mundo.

Recentemente, a emissora adotou um slogan que a consolida no ambiente de convergência. Com a frase “a sua rádio multiplataformas”, a Jovem Pan incorpora o conceito transmídia por estar presente nas redes sociais com conteúdos compartilhados e específicos para aquele ambiente, e com aplicativos *mobile*. Hoje, a rádio se solidifica no Facebook com as transmissões ao vivo da programação, personalizadas para mídia, com artes e interação direta dos jornalistas com o público.

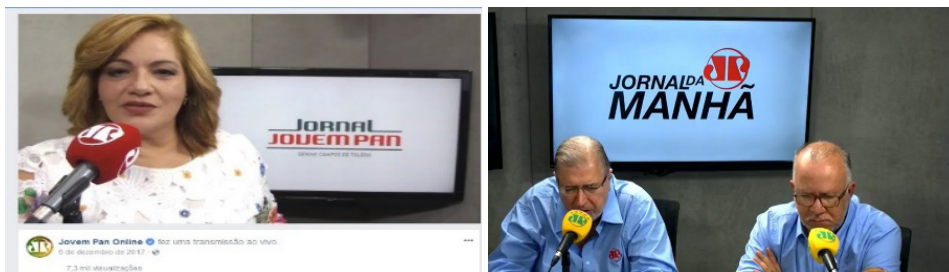
Atualmente, a página da emissora no Facebook conta com mais de um milhão de curtidas. Aproximadamente 15 mil usuários assistem à sua programação na rede social e, em média, cerca de 200 pessoas compartilham algum conteúdo transmitido. Dos oito programas relacionados na grade de programação no *site* da emissora Joven Pan,

quatro são transmitidos ao vivo também para o Facebook. O *Jornal da Manhã, Ligado na Cidade, 3 em 1* e *Os Pingos nos Is*, foram observados por esse projeto.

Os conceitos de rádio hipermediático (Lopez, 2011) e rádio expandido (Kaseker e Ribaski, 2015) foram incorporados à programação da emissora e recriados para plataforma, que hoje, oferece diferentes possibilidades para o usuário. Na mídia digital a Jovem Pan vai além das ondas hertzianas. Os programas ganham *templates*, minutos antes de começarem, para chamar a atenção do usuário. No estúdio é perceptível a presença de mais de uma câmera, o que possibilita a troca de imagens para os participantes do programa, no momento em que falam. A configuração do programa, também nos permite perceber que por trás das câmeras e estúdio de rádio, há um operador e/ou também editor de imagens, já há cortes, mudança de imagens na televisão e inserção de matérias e, entrada da reportagem ao vivo.

Quando a programação está no ar, o usuário é informado sobre o que assiste através da imagem de uma TV (ver figura 4), que revela com uma arte, o nome do programa. Os internautas são também informados sobre como participar dos programas da emissora. Quando é feita a chamada para o público, os canais de comunicação da emissora são exibidos na televisão do estúdio. Na internet, os profissionais apresentam o jornal radiofônico, seguindo o modelo da televisão: com imagens enquadrando os jornalistas em plano médio, todos olhando para câmera e a exibição da redação da emissora como imagem de fundo. Quando os comentaristas (ver figura 5), repórteres (ver figura 6) e colunistas (ver figura 7) aparecem no programa, são identificados pelo nome, assunto e local onde falam.

Figura 4: Apresentação do Jornal da Jovem Pan (imagem do programa ao fundo)



Fonte: Facebook da Jovem Pan online. Acesso em: 6 dez. 2017

Figura 5: Apresentador e do programa “Pingo nos is”

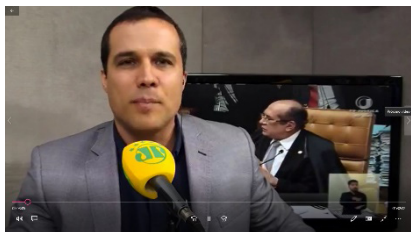


Figura 6: Repórter entra ao vivo na programação do jornal, direto do Rio de Janeiro na cobertura de uma pauta externa



Fonte: Facebook da Jovem Pan online. Acesso em: 6 dez. 20117

Figura 7: Entrada ao vivo do colunista da emissora



Fonte: Transmissão ao vivo da página do Facebook da Jovem Pan Online. Acesso em: 6 dez. 20117

É uma frequência na programação, ter o repórter informando aos ouvintes sobre algum fato, no exato local do acontecimento, também com imagens. Pela proximidade da câmera e do repórter, da qualidade da imagem e postura do jornalista, é possível perceber que a transmissão é feita através de um celular. Assim como na TV, eles utilizam microfones com canoplas, que possuem a logomarca da emissora.

Os quatro jornais, objetos deste estudo, apresentam formatos semelhantes de apresentação. Os jornalistas abrem o programa olhando para a câmera e interagindo com o público das ondas hertzianas e do Facebook, informando que também podem ser ouvidos e vistos através de imagens, pela rede social. No *Jornal da Manhã*, programa jornalístico de maior duração da emissora (aproximadamente 2h30), os recursos audiovisuais costumam ser mais explorados. As matérias produzidas pelos repórteres entram

na programação não apenas com sons. Elas são exibidas no formato das telereportagens (ver figura 8) (com *off* coberto por imagem, entrevista com créditos e passagem). O texto pode ser entendido nos dois ambientes, rádio e internet, porém os que estão online, podem ouvir e ver. Os repórteres também entram da redação passando informações que podem ser cobertas por imagens no momento em que os fatos estão sendo narrados. Durante esse tipo de transmissão, os profissionais costumam ter o cuidado de informar que os ouvintes-internautas também estão vendo imagens do assunto abordado.

Figura 8: Reportagem exibida na programação da rádio Jovem Pan no Facebook.



Fonte: Facebook da Jovem Pan online. Acesso em: 6 dez. 2017

Outra semelhança com os telejornais, percebida nos programa *Jornal da Manhã*, é o formato da transmissão da previsão do tempo (ver figura 9). Quem escuta a programação via ondas hertzianas se informa sobre o boletim meteorológico, mas quem escuta e assiste através do Facebook, também tem a oportunidade de ver um mapa e uma jornalista indicando as temperaturas de cada uma das regiões exibidas na tela.

Figura 9: Jornalista do tempo apresentando a previsão do tempo.



Fonte: Facebook da Jovem Pan online. Acesso em: 6 dez. 2017

O *Ligado na Cidade*, programa que tem aproximadamente 30 min de duração e presta serviço à população informando sobre buracos nas ruas e outros problemas da cidade. Nele, o apresentador informa aos ouvintes do rádio tradicional, que quem está no Facebook não apenas pode ouvir sobre o problema que está sendo narrado, mas também pode ver através das imagens (ver figura 10), que eles exibem na televisão do estúdio, os problemas noticiados.

Figura 10: Apresentador do programa *Ligado na Cidade* mostra a situação de uma via de São Paulo.



Fonte: Facebook da Jovem Pan online. Acesso em: 6 dez. 20117

Os programas 3 em 1 (1h30) e Os Pingos nos Is (50 minutos) seguem um formato semelhante de programação. Apresentador e comentaristas conversam ao longo do programa. Os participantes dos programas, na maioria das vezes, não estão no estúdio. Mas a cada entrada, as imagens são exibidas com gerador de caracteres informando nome e profissão, além do assunto conversado (ver figura 11). Nos programas imagens do aplicativo waze também são utilizadas para dar informações de trânsito.



### Ver figura 11: Comentarista fora do estúdio



Fonte: Facebook da Jovem Pan online. Acesso em: 6 dez. 20117

Durante os intervalos, os comerciais ouvidos no rádio são os mesmos ouvidos pelos ouvintes-internautas. Para os usuários do Facebook, no momento em que são transmitidos, um *template* informando que o programa volta em breve é exibido. Além dele, quando a Jovem Pan faz uma propaganda institucional, quem está na rede social pode assistir à um vídeo produzido para o canal. Ao longo da exibição dos programas os usuários fazem comentários nas postagens, mas na maioria das vezes não há interação dos jornalistas, com os internautas do Facebook. Apenas no momento de informar que o programa está sendo veiculado com imagens através da plataforma ou matérias e conteúdos, é possível perceber a interatividade. Além disso, o olhar dos profissionais para as câmeras, os formatos de exibição das matérias e alguns conteúdos jornalísticos, nos permitem a perceber interação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise do radiojornalismo começou com a chegada da televisão, mas foi a partir daí que o veículo provou ser capaz de encontrar caminhos que o personificassem e lhe dessem qualidade para ganhar força e se renovar. Com a chegada da internet e da convergência dos meios, as ondas radiofônicas mostraram-se versáteis, dispostas a adaptações e críticas. O conceito de rádio expandido nos deixa atentos para um novo olhar sobre o veículo. Um rádio novo, multiplataforma, que é regido pela sonoridade,



mas que não se furta em adotar características de outros veículos de comunicação, a exemplo da televisão, para agregar valor ao seu produto.

As matérias exibidas com o apoio de imagens em movimento para comprovar a narração do jornalista, os meteorologistas apresentando o mapa do tempo, o jogo de câmeras durante os programas, as imagens dos repórteres na rua e as de trânsito podem confundir os ouvintes mais tradicionais, ou mesmo suscitar questionamentos teóricos se o que está sendo feito pode ainda ser chamado de rádio. Mas ao mesmo tempo indicam que aquele é um novo formato de programação, com o mesmo conteúdo, mas uma nova proposta de veicular a notícia e se aproximar de uma nova audiência nas redes sociais.

Apesar de usar dos recursos da imagem e da internet, na contemporaneidade o meio permanece com a sua marca de imediatista e móvel. Do ponto de vista técnico, ainda é necessário muito pouco para fazer uma entrevista ou passar uma informação. Basta uma linha telefônica e um transmissor. As novas tecnologias, que chegaram com a sociedade em rede, só aprimoraram o “veículo do tempo”.

Os novos formatos de apresentação da notícia do rádio no Facebook ainda são recentes. As emissoras ainda estão se adaptando as possibilidades ofertadas pela nova plataforma de transmissão e ainda há muito para avançar. Os profissionais, por exemplo, ainda interagem pouco com o usuário da rede social. Os ouvintes convencionais ainda são o principal público-alvo das empresas, deixando os que assistem à programação na rede em segundo plano.

Contudo, é notório que a Gaúcha e Jovem Pan incorporam novos conceitos à sua programação e seguem em busca da integração dos meios. Esse novo modelo de radiofonia ainda merece estudos, análises, ajustes e reflexões, mas já anuncia e reforça a necessidade de mudanças para uma comunicação mais ampla e interativa com a audiência. É mais uma vez o rádio se adaptando à nova realidade e incorporando o conceito da sociedade em rede, onde uma das propostas é integrar cada vez mais o velho e o novo, recriar e construir novos formatos que afirmam e desenvolvem ainda mais os conceitos de rádio hipermediático e expandido.

## REFERÊNCIAS

- BUFARAH, Álvaro. **O pioneirismo do rádio levado à Internet brasileira**. In: HAUSSEN, Dóris Fagundes e CUNHA, Málda. *Rádio brasileiro: episódios e personagens*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- CEBRIÁN HERREROS, Mariano. *La radio en la convergencia multimedia*. Barcelona: Gedisa, 2001.
- CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- DEL BIANCO, Nélia. **Rádio e o cenário da convergência tecnológica**. In: DEL BIANCO, Nélia. (Org.) **O rádio brasileiro na era da convergência**. São Paulo: Intercom, 2012.
- DOMINGUES, Diana. **A arte no século XXI: A humanização das tecnologias**. São Paulo: Unesp, 1999.
- FERRARETTO, Luiz Arthur. **Alterações no modelo comunicacional radiofônico: perspectivas de conteúdo em um cenário de convergência tecnológica e multiplicidade da oferta**. In: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 32º Congresso Brasileiro de Comunicação. Curitiba, 5 set. 2009. 15f.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21**. Santos: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, 2007. Disponível em: <<https://radioleituras.files.wordpress.com/2012/04/3-cebrian-herreros-pt.pdf>>. Data de acesso: 20/10/2017.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Editora ALEPH, 2014.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo e MODESTO, Cláudia. **Interações e mediações – Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação XXIII. Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Pará, 27 a 30 de maio de 2014.
- KISCHINHEVSKY, M. **O rádio sem onda: convergência digital e novos desafios na radiodifusão**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio**. In: Enciclopédia Intercom de Comunicação – vol. 1. São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p. 1.009- a p. 1.010, 2010.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio Social** – Uma proposta de categorização das modalidades radiofônicas. In: NÉLIA, Del Bianco [org]. O Rádio Brasileiro na Era da Convergência. São Paulo: INTERCOM, Coleção GP'S: Grupo de pesquisa; vol 5, 2012.

LOPEZ, Debora. **Rádio Com Imagens**: um estudo sobre o uso de vídeos em páginas de emissoras de rádio brasileiras e espanholas. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, (Rio de Janeiro, ECOUniversidade Federal do Rio de Janeiro), novembro de 2011.

LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermidiático**. Corvilhã: Livros LabCom, 2010.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo rádiojornalismo. Coimbra: Editora Minerva, 1999.

PANKE, M. T. **Ouvintes do Gaúcha Hoje** – um estudo de caso. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

PRATA, Nair (Org.). **Panorama do rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2011.

PRATA, Nair. **Webradio**: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

QUADROS, M. R. **As redes sociais no jornalismo radiofônico**: as estratégias interativas adotadas pelas rádios Gaúcha e CBN. Dissertação. (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

QUADROS, M. R., Lopez, D. C. (2013), **A interatividade no rádio hipermidiático e expandido**: uma proposta de classificação, em Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus (Brasil), 4-7 de setembro, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. 4a. ed. São Paulo: Experimento, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Georgia. **A mudança nas rotinas de produção do radiojornalismo a partir do uso do twitter:** o caso da rádio Gaúcha. Dissertação. (Mestrado em Comunicação) – Potifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

SHIRKY, C. **A cultura da participação:** criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

SILVA, L. V.; LOPEZ, D.C. **Construção de Narrativas Transmidia Radiofônicas:** aproximações ao debate. 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0725-1.pdf>>. Data de acesso 20/11/2017.

VICTOR, Renata. **No ar:** Sorria você está sendo filmado! Percepções sobre a transmissão do rádio em vídeo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, São Paulo, setembro, 2016.

# SENSACIONALISMO NO JORNALISMO: UM OLHAR SOBRE O PROGRAMA CHUMBO GROSSO, DA RÁDIO SISAL AM DE CONCEIÇÃO DO COITÉ

Darli Lima Alves<sup>1</sup>  
Universidade do Estado da Bahia/UNEB

Paulo Rogério Costa de Oliveira<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Bahia/UFBA

## INTRODUÇÃO

Após nove décadas desde o surgimento das primeiras transmissões radiofônicas, o rádio continua exercendo grande influência no seu papel social e cultural dentro das comunidades, pois este, por ser um meio de comunicação considerado de baixo custo, atinge todas as classes de uma sociedade, e busca ser o reflexo deste povo. Como ele pensa, seus costumes, anseios e projetos de vida. É por meio do conhecimento da capacidade de alcance do rádio e da importância dos programas jornalísticos que nos atraiu a atenção o programa “Chumbo Grosso” que vai ao ar de segunda à sexta-feira na Rádio Sisal AM, situada na cidade de Conceição do Coité, no interior da Bahia.

O jornalismo, traz como protagonista dois elementos indissociáveis: o fato e o ouvinte. Entretanto, o elemento fundamental do segmento jornalístico é a notícia. E numa descrição bem ampla, a notícia pode ser considerada como objeto capaz de conduzir a público um fato àquele que não o vivenciou. No entanto, para narrar os acontecimentos se faz necessário o compromisso com valores – quer dizer, valores éticos

1 Graduada em Comunicação Social Rádio e TV/UNEB. E-mail: darli.limalves@gmail.com

2 Doutorando em Cultura e Sociedade/UFBA. Email: radialistama@yahoo.com.br

que os profissionais de comunicação trazem consigo - que acarretarão a produção de qualidade na veiculação da notícia, e entre eles há: objetividade, interesse do público, multiplicidade das fontes, etc. Salvo de quando este programa nasce com o propósito de entreter o ouvinte com elaborações humorísticas sobre histórias reais, isto é, a forma de apresentação também representando o conteúdo.

Inicialmente, a preocupação dos meios de comunicação é levar a público aquilo que lhe será relevante, que lhe atrai a atenção, para assim lhe garantir a construção de uma opinião sobre os acontecimentos, e também proporcionar a estes, informações da comunidade onde vive. Sendo assim, foi para o ouvinte do rádio que o radiojornalismo foi elaborado.

Porém, com o advento das novas tecnologias de comunicação, e da facilidade de acesso a informações - o que antes era papel apenas do rádio - o público ficou mais exigente, e nessa tentativa de agradar ao público os programas tem buscado estratégias para não perder espaço. E sob a justificativa de alcançar a fidelidade deste público, nota-se que os programas utilizam cada vez mais de elementos que vão além da voz do comunicador.

Observou-se também que por relatar os fatos de maneira superficial, e explorando outros elementos comunicativos como: vinhetas, jargões e música, podemos compreender que o Chumbo Grosso se trata de um programa que segue dentro dos padrões do *jornalismo informativo*, pois “retrata o fato com o mínimo de detalhes necessários à sua compreensão como notícia.” (FERRARETO, apud LOPEZ, 2010: 69).

Compreende-se também que o programa ao elencar notícias que causam choque, horror ou despertam a curiosidade no ouvinte, carrega um objetivo, tornando “a escolha da estratégia narrativa e, junto a isso, do gênero adotado para transmitir um acontecimento levam à criação de uma identificação e a uma fidelização do ouvinte.” (LOPEZ, 2010: 68).

Executaremos nosso trabalho por meio da escuta do programa de rádio citado, e através de um levantamento bibliográfico, com pesquisadores que nos apresentam

mais claramente estas discussões, procuraremos compreender o sensacionalismo no programa de rádio que se optou por observar.

## PARA ALÉM DE UMA ÉTICA MORALISTA

Antes de mais nada, a intenção não é fazer julgamentos, ou seja, os elementos constituintes do programa que vem a ser considerado certo ou errado, pois “não é possível a existência de alguma coisa que, tendo significado humano, não possua alguma conexão, por remota que seja, com uma moralidade constituída precisamente pelos homens em sua trajetória” (KARAM, 2014: 388, 389), seguindo esta linha de raciocínio,

Só é possível abordar a problemática ética se nos colocarmos uma finalidade, isto é, se estivermos baseados em pressupostos, se levarmos em conta que o gênero humano, apesar de sua diversidade, é precisamente humano; que, apesar de suas particularidades sociais e singularidades individuais, possui um traço de universalidade; que sua ação, conhecimento e cultura, na escala contemporânea de conexões, têm uma totalidade que se interpenetra e, dialeticamente, nunca está acabada e completa (KARAM, 2014: 413, 414).

No entanto, o que observamos é que o programa de rádio necessita analisar sua forma de executar o programa, seja explorando os elementos do sensacionalismo e humor ou de programa informativo, já que no rádio a comunicação imediata, isto é, acontece quase sempre ao vivo, e o ouvinte pode não compreender a nossa forma de expressão, se esta forma não for clara e o mais objetiva possível. No rádio falamos pra pessoas isoladas, aliás, escutar rádio é um exercício pessoal mesmo quando se estando em grupo.

## JORNALISMO NO RÁDIO

O produto radiojornalístico tende a trazer uma linguagem que aproxima a comunidade e a mantém atualizada pois traz a notícia quase sempre com instantaneidade,

e com o desenvolvimento das novas tecnologias dentro dessas comunidades o ouvinte deixou de ser passivo para exigir cada vez mais reconfigurações das grades de programação da rádio que escuta, e na atualidade é fato que programas que trazem notícias impactantes obtém maior alcance, mas como a linguagem na rádio é rápida e definitiva, não permitindo o apresentador reexplicar sua fala, é compreensível que este utilize dos elementos que relacionam os temas do cotidiano com uma linguagem que se tornou popular no rádio, fazendo-nos rememorar o radioteatro, quando este trazia as radionovelas, que prendia o ouvinte nos horários que veiculava no ar e ao usar de variados elementos sonoros, o rádio mesmo que no segmento jornalístico permanece despertando sensações no ouvinte sejam elas positivas ou negativas, o que se faz preciso atentar é o cuidado com as distorções do gênero que consideramos que o programa se encontra enquadrado, pois estes equívocos podem ocasionar o modo como divulgamos, aliás:

Deve-se levar em conta que toda informação no rádio é transmitida pela fala e que a fala apresenta implicações que vão além do texto escrito. A entonação, os silêncios, as demais ferramentas informativas sonoras, como os efeitos, trilhas ou som ambiente podem alterar o sentido do que se informa. Neste caso, a informação não assumiria necessariamente um papel interpretativo, mas opinativo, alterando sua definição como gênero jornalístico (LOPEZ, 2010: 69).

Levando em consideração os cuidados que se precisa observar ao veicular uma notícia, o comunicador carece ter contato com essa parte teórica da sua profissão, aliás o profissional de comunicação como outro ser humano qualquer carrega suas crenças e experiências adquiridas ao longo de sua trajetória, e estas formulam seus conceitos e ideais de vida, no entanto, o profissional ter acesso ao conhecimento de que “a classificação de gêneros jornalísticos, então, é importante para que o jornalista conheça e compreenda os caminhos que pode seguir de acordo com seus objetivos em um determinado momento.” (LOPEZ, 2010: 70), o que tornará o seu programa mais compreensível por quem escuta.



## JORNALISMO POLICIAL E HUMOR

O registro mais próximo que temos deste formato de programa radiojornalístico é na rádio Sociedade da Bahia, que inaugura no ano de 1968 o programa intitulado “Sociedade contra o crime”, as notícias veiculadas no programa citado, tratavam-se de fatos policiais com doses de humor e puro sarcasmo. Foi este programa o responsável por criar o personagem que até hoje ficou conhecido em programas deste tipo, o personagem “*mão branca*,” a partir de 1971 o programa passou a ser apresentado por Edmundo de Carvalho e Ed Carlos e também apresentou para o público ouvinte alguns personagens (Cecéu e Zé Grilo, Maricota, Jatobá e Massaranduba, além de Manda Ver, Françonete e Miguelina) que com seus pseudônimos faziam parte das atuações e dos casos que cada dia trazia um novo promovendo ligações com fatos chocantes para apresentar humoristicamente, porém já traziam essa consciência de jornalismo policial travestido de sensacionalismo, o que nos leva a pontuar que “a classificação de gêneros jornalísticos, [...], é importante para que o jornalista conheça e compreenda os caminhos que pode seguir de acordo com seus objetivos em um determinado momento.” (LOPEZ, 2010: 70).

Portanto, eles definiram sua forma de apresentação, e trazem o compromisso com a notícia divulgada neste sentido, explorando as informações de maneira sarcástica, mas o ouvinte tem consciência disso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa Chumbo Grosso é considerado um programa policial no rádio, que tem como apresentadores os comunicadores conhecidos por Valter Silva e Piter Júnior. O programa vai ao ar de segunda à sexta-feira, das 11:45 até 12:30.

O programa foi desenvolvido com o propósito de trazer as notícias policiais da cidade de Conceição do Coité e, da região denominada como Território do Sisal<sup>3</sup>,

expandindo para veicular notícias de assuntos diversificados que se verificam na atualidade.

O que nos chamou atenção é que o programa foi desenvolvido com o foco na divulgação da notícia de maneira humorística, característica que podemos considerar o chumbo grosso como um objeto que é fruto da cultura do espetáculo, sendo assim, desde sua origem, seus criadores carregavam o vislumbre de que este se tratava de um programa jornalístico com enfoque espetacular, na qual pode-se notar que a notícia é veiculada com a junção de elementos dramáticos, procurando explorar no ouvinte a sua emotividade, ou seja, a notícia não é o foco, “o espetáculo como sua finalidade” (DEBORD, 2003).

Sendo assim pode-se afirmar que o programa chumbo grosso se trata de mais um produto espetacular, pois,

O espectáculo, compreendido na sua totalidade, é ao mesmo tempo o resultado e o projecto do modo de produção existente. Ele não é um suplemento ao mundo real, a sua decoração readicionada. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares, informação ou propaganda, publicidade ou consumo directo de divertimentos, o espectáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação omnipresente da escolha já feita na produção, e o seu corolário o consumo. Forma e conteúdo do espectáculo são identicamente a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espectáculo é também a presença permanente desta justificação, enquanto ocupação da parte principal do tempo vivido fora da produção moderna. (Ibidem, 2003. 15)

Juntamente com a dupla que trabalha no estúdio da rádio, há uma equipe de colaboradores que fazem o papel de correspondentes que trazem informações de localidades diferenciadas, no programa não foi identificado uma pauta propriamente dita, mas o que foi verificado é que a preocupação da equipe é veicular o máximo de informações que satisfaçam os ouvintes que consomem o tipo de notícia banalizam os fatos, afirmando mais ainda que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.” (DEBORD, 2003).

O que não se pode concluir é que o programa não tem um formato específico de apresentação, o que denuncia uma falta de estrutura na pauta, pois este apresenta as notícias ora com humor, ora com seriedade, o que aliás, essa indecisão de como seguir a apresentação do programa pode confundir o ouvinte ao fazer uso dos elementos secundários (música, jargões) e assim desencadear que por parte do apresentador há uma falta de sensibilidade com a dor alheia, provocando no ouvinte esclarecido, questionamentos em torno da ética profissional.

## REFERÊNCIAS

DEBORD, Guy; **A sociedade do espetáculo**. eBooks Brasil; 2003. Disponível em: [www.geocities.com/projetoperiferia](http://www.geocities.com/projetoperiferia): Acesso em 04 de março de 2017 às 21:15.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus: 2014.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático**; 2010.

SILVA, José Joaquim Santos. **Para ler e pensar** Disponível em: [http://www.paralerepensar.com.br/paralerepensar/texto.php?id\\_publicacao=7308](http://www.paralerepensar.com.br/paralerepensar/texto.php?id_publicacao=7308): Acesso em 18 de abril de 2018.

PARTE III  
HISTÓRIA DO RADIO

# A HISTÓRIA ORAL ENQUANTO FERRAMENTA DE RESGATE DA HISTÓRIA DO RÁDIO EM CACHOEIRA

Marizangela Maria de Sá<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

## INTRODUÇÃO

A recuperação da história do rádio em Cachoeira recebeu pouca atenção nos últimos anos. Em contrapartida ele continua sendo o veículo de comunicação mais importante e presente na cidade, visto que se apresenta como, basicamente, o único meio de se obter notícias do município.

Assim, o objetivo deste artigo é apresentar a história oral como uma ferramenta fundamental para a recuperação da história do rádio no município de Cachoeira, através da coleta dos depoimentos daqueles que vivenciaram as experiências radiofônicas.

História oral aqui é pensada como uma metodologia que:

[...] apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho - tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho -, funcionando como uma ponte entre teoria e prática. [...]. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. (AMADO; FERREIRA. 1996, p. XVI).

---

<sup>1</sup> Mestranda no PPGCOM/UFRB. E-mail: marizangela.pa@gmail.com

Para Lia Calebre (2014), a conexão entre o campo de estudos da história dos meios de comunicação de massa e a história oral enquanto uma metodologia de trabalho precisa ser posta, visto que os relatos pessoais (orais ou escritos) são sempre fonte de todos os trabalhos nesta área - sendo que em algumas vezes são a principal fonte, principalmente quando se trata do rádio.

Partindo deste pressuposto, escolheu-se a história oral como ferramenta metodológica para recuperação da história do rádio no município de Cachoeira.

## A HISTÓRIA DO RÁDIO EM CACHOEIRA

Atualmente, o rádio está presente não só nos aparelhos convencionais, mas também em celulares, MP3, MP4 e smartphones, entre outros equipamentos disponibilizados aos consumidores pelas novas tecnologias. De acordo com o Levantamento Socioeconômico (LSE) do IBOPE Media, pesquisa anual que mapeia as características sociais, demográficas e econômicas das famílias em nove das principais regiões metropolitanas do país, o rádio está presente em nove de cada dez lares brasileiros. Segundo Perfilino Neto (2009), o rádio na Bahia surgiu quase que conjuntamente à própria instituição do veículo no Brasil, já que a Rádio Sociedade da Bahia, AM, instalada em Salvador, no ano de 1924, caracteriza-se como sendo a terceira emissora do país.

De acordo com Rachel Neuberger (2014), antes da chegada da televisão, o rádio representou um espaço signficante para a transmissão e movimentação de padrões de comportamento, dos hábitos, dos valores, das manifestações artísticas e intelectuais. Ele foi capaz de transpor tanto as barreiras geográficas como ampliou a capacidade de percepção, acesso à informação, entretenimento, e à cultura de milhões de pessoas, ou seja, em uma época considerada como a mais importante, o rádio deixou marcas expressivas no ambiente social que permanecem imbuídas nas memórias daqueles que até hoje se sentem muito bem acompanhados por este veículo de comunicação.

A região do Recôncavo da Bahia, com ressaltos para Cachoeira, tem uma importância particular para o país no que concerne à sua história e à história da imprensa na Bahia. De acordo com Péricles Diniz (2009), Cachoeira foi o segundo município do Estado a possuir periódico impresso: o *Independente Constitucional*, no ano de 1823. Diniz (2009) destaca que o município já apresentava assinantes do primeiro jornal baiano, O *Idade D'Ouro* do Brasil, que começou a circular em 1811, quando na época era segunda cidade mais rica da Bahia, o que indicava a presença de uma demanda de leitores capaz de sustentar seus próprios jornais locais.

Jeremias Macário Oliveira (2005), confirma que “até 1937, Cachoeira foi a campeã na Bahia em circulação de periódicos, com 141 jornais de existência efêmera” (OLIVEIRA, 2005, p. 49). Após seu surgimento, o rádio passou a ser o mais forte concorrente do jornal impresso.

Neuberger (2014) aponta para o fato de que o início desse veículo em Cachoeira se deu com a instalação do primeiro serviço de alto-falantes, implantado em 1940, e fundado pelo mecânico Elias Cardoso sob o nome de “Vozes do Norte”. O estúdio funcionava em Cachoeira, mas as transmissões também chegavam até São Félix, cidade vizinha. Só em 1998, 75 anos depois do surgimento da primeira rádio em Salvador, distante 120 km de Cachoeira, é que a primeira emissora com transmissor foi implantada nessa cidade: A Rádio Magnífica, uma emissora comunitária vinculada à Igreja Católica, logo depois veio a Rádio Paraguassu FM, e a Rádíoweb Olha a Pititinga. Devido a questões financeiras, a Rádio Magnífica-FM, foi desativada no dia 30 de agosto de 2017. A partir desse contexto, surge a necessidade de resgatar a história desse veículo de comunicação, que foi e continua sendo tão importante para os moradores do município de Cachoeira.

No presente momento, os únicos meios de comunicação que a população cachoeirana tem para obter notícias do município são o jornal impresso O *Guarany*, com periodicidade mensal; um blog do jornal supracitado; a rádíoweb Olha a Pititinga; e a rádio Paraguassu FM, e seus respectivos sites. Dentre eles, o único veículo de comuni-

cação que transmite notícias diárias e factuais sobre o que acontece no município são as rádios

Segundo Sergio Mattos (2014), historicamente, os principais jornais do país começaram a registrar queda nas suas tiragens há décadas, isso ocorreu não só devido à situação econômica financeira do Brasil, que estimulou ou retirou o consumo e publicidade, mas também devido à situação política ao longo do período, do surto da industrialização e do nível de desenvolvimento alcançado por algumas regiões.

## A HISTÓRIA REVELADA PELA ORALIDADE

Segundo Sônia Maria de Freitas (2002, p. 18), “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” Nesse sentido, a autora destaca que a História Oral na atualidade está firmada em diversos países além dos EUA: Grã-Bretanha, Itália, Alemanha, Canadá, França, entre outros.

Já no Brasil, o primeiro laboratório de História Oral, foi implantado em 1975, na Universidade Federal de Santa Catarina. Porém, a experiência mais importante e enriquecedora tem sido a do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), ligado à Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, o qual desfruta de um setor de História Oral desde a sua fundação, em 1975 (FREITAS, p.19, 2002).

De acordo com Lia Celebre (2014), só a partir da década de 1990 começaram a aparecer, com mais frequência, estudos sobre a história do rádio no Brasil. Todavia, em Cachoeira ainda são poucos os estudos relacionados à história desse veículo tão importante para o município, a exemplo de: Em Sintonia: o papel do rádio na formação da identidade de ouvintes de Cachoeira e Rádio no Recôncavo da Bahia – do alto falante às transmissões radiofônicas um estudo de caso em Cachoeira e São Félix. Por isso, há uma necessidade de reconstruir a história do rádio no município.



Entre as referências adotadas para esse levantamento metodológico estão os estudos de Pierre Nora (1994), quando destaca que, diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória nos acompanham por toda a nossa vida: as paisagens, as datas e personagens históricas, de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e também a música. Essas características também podem ser consideradas na construção da memória coletiva e social, o que é destacado por Paul Thompson (1998), ao perceber que tanto a memória dos sujeitos anônimos quanto do sujeito entrevistado, ao contar histórias sobre o passado, era uma alternativa perfeita para história social.

Sob essas perspectivas da História Oral, a reflexão é importante por considerar a multiplicidade e as diferenças dos narradores na construção da memória coletiva, estreitando as fronteiras sócio culturais, o que pode ser evidenciado por Michael Pollak (1989). Para ele, “o que é comum a um grupo e o que, o distingue dos outros, justifica e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio culturais” (POLLAK, p.3,1989).

Para reforçar esse entendimento, Freitas (2002) avalia que novas versões da história, ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores, possibilita o registro das lembranças das memórias individuais. No entanto, essa pluralidade tanto oportuniza o registro da construção da memória individual como da coletiva.

Esses formatos são distintos quando se trata do resgate através da escrita, como pontua, James Fentress. “A forma como o conhecimento social é conservado na memória coletiva é sempre muito diferente da forma como ela aparece, por exemplo, num código. Este ponto é muito importante” (FENTRESS, 2003, p.23).

Nesse sentido, Bruno Ribeiro Nascimento (2014), destaca que a escrita não reforça a memória, não aumenta o saber, nem educa as pessoas. Apenas ajuda a trazer à lembrança as coisas já conhecidas.

A partir desse entendimento, parece ser inevitável não ver a oralidade da linguagem como um fenômeno na construção da história oral por meio da memória, o que destaca Mágda Rodrigues da Cunha (2011), ao afirmar que entre os procedimen-

tos adotadas pelos historiadores para buscar os registros na memória das pessoas está a História Oral.

Neste contexto, a História Oral favorece a recuperação do vivido a partir das formas interpretativas e da reconstrução da memória de quem o viveu. Seguindo tal raciocínio, Verena Alberti (2004) destaca que o encanto do vivido é uma das principais razões do sucesso acadêmico da história oral. As entrevistas de História Oral “têm valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam” (ALBERTI, p. 19, 2004).

Partindo desta perspectiva, o processo de preparação da entrevista será uma etapa fundamental para obtenção das respostas desejadas sobre o nascimento e trajetória das rádios. segundo Paul Thompson (1992, p. 41), “o gravador tem permitido que a fala da gente comum – sua habilidade narrativa, por exemplo - seja, pela primeira vez, seriamente compreendida.”

Nesta projeção, Pollak, chama atenção para dizer justamente que o entrevistado deve estar convencido a respeito da “própria utilidade de falar e transmitir seu passado”, caso contrário, não há razão para falar de si, pois o processo de memória depende do interesse do entrevistado no tema (POLLAK, 1989, p.13).

Thompson (1992), também pontua que, a confiabilidade das fontes orais é uma credibilidade diferente. Muitas vezes a relevância de um relato oral está no processo de construção peculiar do acontecido vivido pelo depoente.

Neste sentido Lia Celebre (2014), também orienta que para obter informações históricas importantes é preciso saber a maior quantidade possível de dados. Deste modo, será necessário o processo de preparação das informações básicas sobre as rádios no município de Cachoeira para delimitar o tema e as perguntas.

Verena Albeti (2004) complementa que o entrevistador precisa ser um excelente ouvinte. As perguntas têm que ser diretas e da maneira mais simples possível. “A entrevista de história oral não é uma conversa ou um diálogo, pois o que interessa nesse caso é que o entrevistado fale” (CALEBRE, 2014).

Sobre a área de investigação da história oral Verena Alberti (2014), relaciona alguns dos campos de pesquisa em que ela pode ser útil. Tendo como eixo os estudos sobre o rádio podemos destacar três deles. O primeiro seria a história do cotidiano, onde as entrevistas de história oral permitem reorganizar processos e práticas diárias que não se encontram registradas em outras plataformas.

Freitas (2002) faz algumas considerações importantes sobre a importância da oralidade e destaca a linguagem auditiva, que se baseia primeiramente no uso da voz e exercerá um papel fundamental. “Pois é como discurso que a memória evidencia todo um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente. Além disso, a voz é um elemento em si mesmo” (FREITAS, 2002, p. 47).

O segundo campo seria a história das emissoras que, nesse caso, permite a reconstrução da formação dos funcionários, composição do funcionamento, construção da programação, conteúdo dos programas, além da própria estrutura da emissora, por exemplo. Para Lia Celebre (2014), as maneiras de ouvir rádio, as relações que se estabeleceram entre os ouvintes e o meio, a concepção de novas práticas culturais são algumas das questões que podem ser libertadas através de tais estudos.

Outro campo destacado por Verena Alberti (2014), em que a história oral pode ser útil é o das biografias, visto que a coleta de depoimentos pode auxiliar na reconstituição das trajetórias de vida que se deseja recuperar e estudar. Nesta perspectiva, Sérgio Mattos (2015) destaca que a biografia já é identificada como micro-história, onde valoriza-se a participação das pessoas no progresso histórico.

Outro autor que traz considerações importantes acerca da oralidade é Thompson (1998), destacando que, mediante a história, diz ele, as pessoas comuns procuram compreender os ciclos e mudanças por que passam em suas próprias vidas.

Janaina Amado e Marieta Ferreira (1996), também compartilham das reflexões no que concerne a linguagem oral. “Narrativas orais relacionam-se tanto ao passado quanto ao presente, organizando-os e agregando-os, e ao mesmo tempo apontam para o futuro” (AMADO; e FERREIRA, p. XXI, 1996).

Em relação à metodologia da História Oral, Freitas (2002) esclarece que essa metodologia abre novas possibilidades para o entendimento do passado recente, pois amplia vozes que não se fariam ouvir. Além de nos permitir o conhecimento de diferentes “versões” sobre determinada questão, os depoimentos podem abalizar continuidade, descontinuidade ou mesmo contradições no discurso do depoente. “A maior habilidade deste tipo de fonte é a probabilidade de resgatar o indivíduo como sujeito no processo histórico. Consequentemente, reativa o conflito entre liberdade e determinismo ou entre estrutura social e ação humana” (FREITAS, p.49, 2002).

De modo especial, a história oral pode dar ao indivíduo como sujeito a oportunidade de participar do processo histórico na reconstrução de um passado que aponta para o futuro sentido para sua própria natureza de mudança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode observar ao longo deste trabalho, a História Oral, conceitualmente, se caracteriza como uma ferramenta metodológica adequada para construção da história temporal, tantos dos meios de comunicação como de outras instituições.

Também referente ao uso da História Oral como ferramenta de reconstituição da história, Lia Celebre (2014) aborda que a recomposição do cotidiano radiofônico e a dos meios de comunicação de massa em geral podem ser feitas por meio da interpretação do conjunto das memórias individuais. Essa técnica permite-nos o resgate dos aspectos múltiplos que formavam aquele cotidiano.

Ainda na perspectiva da História Oral como metodologia de objeto de pesquisa, Ferreira (2002), afirma que a história do tempo presente, no aspecto temporal por nobreza da história oral, é legitimada como objeto da pesquisa e da concentração histórica. Para ela, tanto a história oral quanto a pesquisa empírica de campo e a reflexão teórico-metodológica estão inseparavelmente interligadas, confirmando de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de uma composição, ou seja, que a história é sempre construção.

Também nesta concepção, Janaina Amado e Marieta Ferreira (1996), pontuam que:

Pensar a história oral dissociada da teoria é o mesmo que conceber qualquer tipo de história como um conjunto de técnicas, incapaz de refletir sobre si mesma [...]. Não só a história oral é teórica, como constituiu um corpus teórico distinto, diretamente relacionado às suas práticas (AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta, p.XIII,1996).

Neste contexto, Freitas (2002), é ainda mais enfática quando afirma que:

A História Oral privilegia, enfim, a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou “vencidos” da história. À história que, tradicionalmente, esteve voltada para os heróis, os episódios, as estruturas, Walter Benjamin responde que qualquer um de nós é uma personagem histórica (FREITAS, P.50, 2002).

A História Oral até aqui é estudada como um suporte de lembranças que evidencia uma memória coletiva, que somada à memória individual, podem ser utilizadas como fontes históricas.

Desta forma, a História Oral pode ser utilizada como instrumento metodológico no campo de pesquisa dando conta de maneira peculiar da reconstrução da história do rádio no município da Cachoeira. Estamos cada vez mais convencidos que seu uso, enquanto metodologia, está sendo gradativamente reconhecido nos campos acadêmicos mais tradicionais, principalmente por dar voz ao cidadão comum, considerando sua multiplicidade, possibilitando novas versões da história e dando voz aos excluídos, onde conseguem compreender as mudanças por que passam suas próprias vidas dentro da história.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**. Textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CALEBRE, Lia. **A história oral como ferramenta fundamental na reconstrução da história do rádio**. 2008.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. **A Memória na era da reconexão e do esquecimento**. 2011.

DINIZ, J. Péricles. **Uma breve trajetória da imprensa no Recôncavo da Bahia durante o século XIX**. 2009.

FENTRESS, J. e wickham. **Memoria Social**. Editorial Teorema, dezembro de 1994.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

MATTOS, Sergio. **Dilemas do jornalismo impresso na busca de um novo modelo de negócio**. Revista Eptic online: volume 16. 2014.

MATTOS, Sérgio. **A narrativa biográfica e o cidadão comum**. In Revista do Instituto Histórico da Bahia, Salvador, v. 110, jan./dez. 2015, p. 77-100.

NASCIMENTO, Bruno Ribeiro. **Mídia e Memória: uma breve análise do uso dos meios de comunicação na construção da memória coletiva e individual**. 2014.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo:1993.

NEUBERGER, Rachel. **O rádio na era da convergência das mídias**. Cruz das Almas: EDUFRB, 2012.

OLIVEIRA, Jeremias Macário. **A imprensa e o coronelismo no sertão sudoeste**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2005.

**Panorama cultural da Bahia**. / Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia; Secretaria da Cultura. – Salvador: SEI, 2012.

PERFILINO NETO. **Memória do Rádio**. Salvador: dez 2009.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**, Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1989 .

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

# RÁDIO: A VOZ DE VARGAS

Luciana Antunes<sup>1</sup>

Renato Teixeira<sup>2</sup>

Elvis W. Santos<sup>3</sup>

Universidade Paulista - UNIP

## INTRODUÇÃO

Objetivamos nesse trabalho entender a trajetória histórica do rádio brasileiro enquanto instrumento de reprodução da ideologia política de Getúlio Vargas. Inventado na Europa no final do século XIX, o rádio segundo com Costa (2007), foi certamente um dos mais poderosos instrumentos de difusão político-ideológica em grande parte do mundo.

A primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil, foi como aponta Tavares (1999), no dia 7 de setembro de 1922 com o discurso do então presidente da república Epitácio Pessoa, em seu discurso de celebração do Centenário da Independência, do alto do Corcovado no Rio de Janeiro, quando desde então o rádio só veio a evoluir e cada vez mais fazer parte de nossas vidas.

O professor e pesquisador Roquette Pinto<sup>4</sup>, entendendo a importância do mais novo meio, interveio junto ao governo para a aquisição de equipamentos à fim de inaugurar a primeira estação de rádio do Brasil, a PRA-2 Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1923, que a princípio tinha uma programação totalmente

---

1 Mestranda em Comunicação pela Universidade Paulista – UNIP. E-mail: lulutunes1973@gmail.com

2 Mestrando em Comunicação pela Universidade Paulista – UNIP. E-mail: renatoteixeira65@hotmail.com

3 Doutorando em Comunicação pela Universidade Paulista – UNIP. E-mail: elviswsantos@gmail.com

4 Edgard Roquette-Pinto (Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1884 — Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1954) foi um médico legista, professor, escritor, antropólogo, etnólogo e ensaísta brasileiro. Membro da Academia Brasileira de Letras, é considerado o pai da radiodifusão no Brasil.



informativa. “Os primeiros anos do rádio foram difíceis, com muita música clássica, muita ópera, muita conversa fiada e a colaboração graciosa de alguns artistas” (MURCE, 1976, p. 19). As emissoras pioneiras tinham junto aos seus nomes os termos “clube” ou “sociedade”, pois eram formadas por idealistas que acreditavam no potencial do novo meio (ORTRIWANO, 1985, p.14).

No início de sua história, o rádio ainda não era utilizado por políticos em função da baixa penetração. Porém, com o passar dos anos, o rádio veio a ser um meio de massa, que de acordo com Campo (2006), tornou-se uma arma na batalha pelo apoio das populações, impulsionando forças que até o momento poderiam ser refratárias às causas colocadas pelos estados. Assim sendo, as emissoras de rádio viraram aliados político que, como aponta Costa (2007), “em sua maioria, sempre serviram como instrumento de manutenção e reprodução do Estado”.

## OS PRIMEIROS ELOS ENTRE RÁDIO E VARGAS

Logo após a primeira transmissão radiofônica no Brasil, começou a fase de experimentações do rádio que se estendeu até o início da década de 1930, surgindo assim, apenas 17 emissoras no território nacional, em 10 anos, conforme dados do Anuário Estatístico do Brasil – IBGE<sup>5</sup>. Então, as emissoras “eram mantidas basicamente através da contribuição de seus associados, que pagavam uma taxa mensal, além de doações de entidades privadas”. (HAUSSEN, 2001, p. 23) época que poucas pessoas podiam adquirir os aparelhos receptores por seu custo elevado.

Esse panorama começa a mudar quando seu potencial é percebido e o rádio se torna um meio de comunicação de massa, que de acordo com Santos (2014), é quando ele começa a se firmar como meio comercial, e os anúncios passam a ser inseridos na programação, momento em que houve o avanço técnico do sistema de transmissão e consequentemente a popularização dos aparelhos. É diante desse novo cenário que o

---

5 Anuário estatístico do Brasil 1938. Rio de Janeiro: IBGE, v. 4, 1939.

rádio começa a se destacar como aliado do governo, tornando-se sua voz para com o povo, como salienta Ortriwano (1985):

O rádio brasileiro vai encontrando seu caminho, definindo sua linha de atuação e assumindo um papel cada vez mais importante na vida política e econômica do país. Getúlio Vargas foi o primeiro governante brasileiro a ver no rádio grande importância política. E passa a utilizá-lo dentro de um modelo autoritário (ORTRIWANO, 1985, p.17).

No entanto, o início da relação entre Getúlio Vargas e o rádio iniciou antes dos anos 1930, quando como salienta Jambeyro (2003, p.111), Getúlio, em 1926, era deputado federal, antes de ser Presidente, aprovou o Decreto no. 5.492, que determinava o pagamento de direitos autorais pelas empresas que veiculassem músicas em sua programação. Esse decreto que ficou conhecido como “Lei Getúlio Vargas” era uma maneira de impulsionar o desenvolvimento e a repercussão do rádio.

O impulso para a grande transformação do rádio foi a revolução de 1930. No entanto, após a revolução, ocorreram mudanças na programação das rádios, momento em que essas ganharam força e houve uma explosão no número de novas emissoras, e que segundo Ciaccia e Manhanelli, “o meio passou a ser intermediário entre os interesses dos grupos que detinham o poder e a população”. Tornando-se desta forma, o intermediário entre governantes e o povo, e dando início ao poder ideológico do rádio, sendo esse um instrumento capaz de promover interesses, quando de acordo com Ferrareto (2001), Getúlio Vargas tinha como objetivo transmitir a imagem de unificação nacional e de conciliação entre as classes sociais.

Assim sendo, houve mudanças na economia, bem como o crescimento dos centros urbanos e também o surgimento das classes assalariadas, que passam a ter poder de consumo. Como consequência dessas mudanças, em 1932, viria a legalização da veiculação de anúncios publicitários. Os Decretos de Lei no. 20.047, de maio de 1931, e no. 21.111, de março de 1932, regulamentavam o setor radiofônico, estabelecendo que 10% do tempo total de programação fosse direcionado para a veiculação de pro-

pagandas (CALABRE, 2004). Nesse cenário, a veiculação de anúncios asseguravam a sobrevivência do rádio.

Nesse período, iniciou-se disputa do mercado entre as emissoras, procurando desta maneira visar lucro. Em 1934, tempo designado para propaganda foi ampliado, pelo governo, para 20% do total de cada programa (REIS, 2008). Ademais, como aponta Jambeyro (2004), “o desenvolvimento da radiodifusão, assim como ocorria com jornais, revistas e outras publicações, sofria rigoroso controle do governo Vargas”.

A inserção de comerciais modifica todo o cenário do rádio, que de educativo, erudito e cultural, passa a ser “popular” e voltado ao lazer. Período em que o domínio passa a ser da música popular e dos programas humorísticos, pois o comércio e a indústria fazem com que a programação agora seja focada no público.

Com o crescimento de setores como a indústria e o comércio que, segundo Ortriwano (1985), passam a querer colocar seus produtos no mercado interno, é o contexto que favorece a radiodifusão: “o rádio mostra-se um meio extremamente eficaz para incentivar a introdução de estímulos ao consumo” (ORTRIWANO, 1985, p.15).

Agora visto como um veículo de comunicação de massa, torna-se nítida a possibilidade de utilizar o rádio para promover interesses segmentados. Como aponta Santos (2014), essa apropriação é feita por personalidades políticas com fins partidários e eleitorais. “Prova disso é que ainda em 1932 evidencia-se mais um momento de mobilização política do rádio no Brasil, com a Revolução Constitucionalista (SANTOS, 2014)”. No período da Revolução do 1932, o rádio conclamou o povo em favor da causa política, quando César Ladeira ganhou fama nacional como locutor oficial da revolução. Nessa mesma época, segundo Ortriwano (1985), a Rádio Record iniciou uma programação política ao trazer políticos aos microfones da emissora, para palestras que eles denominavam de “instrutivas”.

Santos (2014) salienta que, em 1935 o então presidente Getúlio Vargas, demandou que as emissoras abrissem um espaço oficial em suas programações para a implantação da “Hora do Brasil”, um programa transmitido diariamente em âmbito nacional, Vargas pretendia através dessas transmissões, divulgar notícias visando

seus interesses políticos, nos conceitos e valores morais, intelectuais e políticos que acreditava e defendia. Contudo, somente em 1939, a “Hora do Brasil” atinge todo o território nacional, período em que passa a ser produzido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP (MOURA, 2009).

Entretanto, antes disso acontecer, em 10 de novembro de 1937, o presidente “comunicou à nação a instalação do Estado Novo e a nova Constituição” (HAUSSEN, 1997, p. 22-23). O golpe que institucionalizou o Estado Novo<sup>6</sup> e a nova constituição, que não contou com o apoio do Congresso Nacional. O novo documento, produzido pelo jurista Francisco Campos, estava fundamentado na necessidade de conter a revolta e a instabilidade social, evitando assim uma possível guerra civil. A Constituição de 1937 também conhecida como Polaca, nome que os adversários políticos e críticos de Vargas utilizavam como referência ao líder, marechal Jozef Piłsudski (1867–1935), do golpe militar na Polônia. Como relata Contijo (1996):

O estado novo estava em toda parte, tudo ouvia, tudo controlava, tudo arbitrava. Não abdicava do papel de pai, mas pretendia ser Deus. Faltava ao nacionalismo um caráter, uma identidade. Até isso nos foi dado. Ao perceber essa lacuna o governo tratou de estimular uma produção cultural voltada para os símbolos de brasilidade. Patrocinou peças teatrais, incentivou os programas radiofônicos, os shows nos cassinos, o cinema e até mesmo as escolas de samba, desde que fossem obviamente, divulgadores dos símbolos nativistas do nacionalismo populista de Getúlio (CONTIJO, 1996, p.25).

As propagandas políticas do Estado Novo foram inspiradas nas propagandas nazistas, que faziam uso dos meios de comunicação de massa para difundir suas ideologias. No governo de Vargas, a proposta era conquistar apoio para legitimação do poder a partir do golpe de 1937.

Em 1939, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável não apenas pela radiodifusão, como também do teatro e do cinema. O DIP

---

<sup>6</sup> Sistema político de caráter ditatorial que foi implantado no país, na pessoa do Presidente Getúlio Vargas, a partir de 10 de novembro de 1937.

tinha a função de fiscalizar tudo o que era transmitido. Foi colocado um censor em cada emissora para evitar que determinadas informações chegassem ao povo. De acordo com Ferraretto (2001), notícias sobre as reivindicações trabalhistas, mobilizações, passeatas, notícias sobre presos políticos e organizações estudantis e críticas ao governo, eram todas vetadas.

Outros órgãos precederam o DIP: o Departamento Nacional de Propaganda (DNP) criado em 1938, o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) de 1934 e o Departamento Oficial de Propaganda (DOP) que funcionou em 1931. De estrutura nazista, o DIP era composto por filiais nomeados Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda (DEIPs) que vigiavam as impressas e emitiam “listas de assuntos proibidos” (LOPES, 2008, p.1).

Em 08 de março de 1940, a Rádio Nacional no Rio de Janeiro, uma das rádios mais importantes do Brasil na época, foi estatizada por Getúlio Vargas, vindo a ser a rádio oficial do Governo. Tendo o interesse inteiramente voltado à propaganda, o Estado Novo concordou que os lucros provenientes de publicidade, fossem utilizados para que melhorias acontecessem na estrutura da emissora. Para Ortriwano (1985), Miriam Goldfeder realizou uma análise da Rádio Nacional, com o objetivo de identificar “seu significado político-ideológico”, compreendendo-se desta maneira a legitimação ideológica acionados direta ou indiretamente pelo sistema de dominação política e a mesma deveria atuar como mecanismo de controle social. Entretanto, é interessante ressaltar, que em pleno Estado Novo, mais precisamente em julho de 1941, a Rádio Nacional transmitiu a primeira radionovela no país, “Em busca da felicidade”, de origem cubana e totalmente apolítica.

Outro fato que merece destaque, foi que a primeira transmissão do noticiário chamado Repórter Esso, patrocinado pela empresa americana Standard Oil Company of Brazil, com o slogan “O Primeiro a Dar as Últimas Notícias e Testemunha Ocular da História” foi ao ar em 28 de agosto de 1941. O Repórter Esso revolucionou o radiojornalismo, por ser o primeiro noticiário do país a não se limitar a apenas ler as notícias retiradas de jornais, como era feito pelos outros, pois recebiam as informações

que iriam transmitir, através de uma agência norte-americana. O Repórter Esso fez sua última transmissão no dia 31 de dezembro de 1968, após 27 anos no ar.

Por outro lado, conforme cita Contiço (1996), diferentemente do noticiário Repórter Esso, o jornal a Noite, não poupava elogios ao governo de Getúlio, referindo-se a ele como o “salvador” da imprensa brasileira. O jornal dizia:

Nenhum governo no Brasil deu tanta atenção à propaganda como o atual. Compreendendo o poder do jornal na formação da opinião pública, um dos primeiros cuidados do presidente Getúlio Vargas foi liberar a imprensa de certas contingências econômicas, que a desvirtuavam, não raro, fazendo-a oscilar entre interesses individuais e ambições partidárias. A situação instável dos trabalhadores da imprensa, resultado do forçoso dos períodos de desafogo e crise em que oscilavam a maioria das empresas jornalísticas, foi também objeto de atenção por parte do governo, que cuidou, resolutamente de estender aos jornalistas os benefícios das leis de proteção ao trabalho. Por outro lado, nenhum outro presidente soube tão bem usar a propaganda como elemento de unificação nacional, orientador da opinião pública, revelador do Brasil, no Brasil e no estrangeiro” (CONTIÇO, 1996, p.31).

Demonstrando assim a influência de Vargas sobre os meios de comunicação e a imprensa, no que diz respeito à utilizá-los em seu favor.

## UM NOVO CAPÍTULO PARA O RÁDIO E PARA O BRASIL

O rádio atingiu o auge entre as décadas de 1940 e 1950. Nesse período, as emissoras promoviam programas de auditório e radionovelas, além dos programas de humor. Ademais, o início da consolidação de um rádio jornalismo mais estruturado, que a princípio, transmitia principalmente informações da II Guerra Mundial.

A partir daí, começa a existir uma maior concorrência entre as emissoras de rádio, dando início a uma guerra pela conquista do público, com o intuito de garantir seu faturamento. Isto é, visando lucro. Conforme aponta Ortriwano (1985), as rádios querem mostrar maior popularidade, para que os anunciantes optem pelos investimen-

tos de suas verbas. Assim sendo, o clima fica propício para que o IBOPE<sup>7</sup> inicie suas atividades. A princípio com pesquisas bastante simplificadas, o IBOPE foi fundado em 13 de maio de 1942.

Como salienta Gontijo (1996), a singular história de Auricélio Penteado, que foi sócio da rádio Kosmos em São Paulo, preocupado com a possibilidade de conhecer o tamanho da audiência da emissora, viajou para os Estados Unidos com o intuito de aprender a fazer pesquisas, foi ao *American Institute of Public Opinion*, criado por George Gallup. Quando de volta ao Brasil realizou seu primeiro levantamento para saber o tamanho da audiência da emissora Kosmos. Ao constatar que a audiência era baixa, vendeu sua parte da emissora e fundou o IBOPE. Naquele período, além da pesquisa de audiência de rádio, passou a prestar serviços fornecendo pesquisas de mercado para agências de publicidade multinacionais, que estavam se instalando no Brasil, a fim de conhecer o perfil do consumidor brasileiro, em função das marcas internacionais que estavam entrando em nosso mercado.

Em 1945 aconteceu o fim do Estado Novo, e com ele foram dados os primeiros passos para a redemocratização que puseram fim também ao DIP e à censura prévia. Entretanto, a “Hora do Brasil” continuou no ar, mudando seu nome em 1946 para “Voz do Brasil”, continua sendo, até os dias de hoje, um instrumento de divulgação de informação governamental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, podemos salientar que o rádio merece um lugar de destaque, tendo em conta que desde a Era Vargas, já vinha sendo utilizado como a voz do governo para com o seu povo, com a intenção de disseminar uma ideologia.

O rádio obteve um papel de extrema importância, considerando que a princípio era um meio de comunicação considerado das classes de elite e apenas anos depois,

---

7 IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

na década de 1930, com as novas leis, verbas públicas e os anúncios, tornou-se um meio de comunicação de massa.

Pudemos notar que a partir do momento em que as transmissões radiofônicas passaram a atingir um maior número de pessoas, Getúlio Vargas percebeu a oportunidade de explorar esse meio e passou a tê-lo como um aliado político para divulgação de ideologias ligadas ao seu governo. Além de utilizá-lo como um meio de repressão e de controle de informações através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) desta forma difundindo seus interesses durante o período que esteve no poder. Embora, como aponta Contijo (1996), alguns pensadores da época não concordassem muito com o DIP e:

Enquanto o DIP criava um sistema quase perfeito para a formação da imagem pública de Getúlio e do seu governo, que prometia uma rápida ascensão ao desenvolvimento, intelectuais como Monteiro Lobato insistiam em “pensar com a própria cabeça” e desvendar o que a propaganda oficial escondia (CONTIJO, 1996, p.30).

Portanto, podemos afirmar que o meio rádio foi amplamente utilizado por Getúlio Vargas durante o período em que esteve no poder, e teve grande importância sendo a voz de Vargas para com o povo.

## REFERÊNCIAS

**Anuário Estatístico do Brasil 1938.** Rio de Janeiro: IBGE, v. 4, 1939.

CALABRE, Lia. **A era do rádio.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAMPO, Mônica Brincalepe. **O Rádio Como Meio de Persuasão Política.** Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/O-rádio-como-meio-de-persuasão-pol%C3%ADtica.pdf> acesso em: 08 de set. 2017.

CIACCIA, Fabio; MANHANELLI, Carlos. **A História do Rádio na Política Brasileira.** Disponível em: [http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/19/Carlos\\_Manhanelli\\_e\\_Roberto\\_Gondo\\_-\\_trabalho.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/19/Carlos_Manhanelli_e_Roberto_Gondo_-_trabalho.pdf) acesso em: 08 de set. 2017.



COSTA, Edwaldo; GOMES, Gabriel Henrique Silva. **Rádio e Vargas em Sintonia**. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1544-1.pdf> acesso em: 08 de set. 2017.

COSTA, Osmani Ferreira. **Uma História Política do Rádio – a Aventura Eleitoral de Radialistas no Século XX**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Uma%20Historia%20Politica%20do%20Radio%202013%20a%20Aventura%20Eleitoral%20de%20Radialistas%20no%20Seculo%20XX.pdf> acesso em 11 set. 2017.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

GONTIJO, Silvana. **A voz do povo: o Ibope do Brasil**. Objetiva, 1996.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. **Rádio e Política: tempos de Vargas e de Perón**. 2. ed. Porto

Alegre: EDIPUCRS, 2001.

JAMBEIRO, Othon. **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: Edufba, 2003.

LOPES, Dirceu Fernandes. Contra o arbítrio, pela liberdade. *Jornal da USP*, n. 831, jun. 2008. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/boletim/a04n100/forum\\_dirceu.shtml](http://www.intercom.org.br/boletim/a04n100/forum_dirceu.shtml)>. Acesso em: 20 set. 2017.

MOURA, Cristiane S. S. **O Rádio como palco da campanha política: um estudo sobre os programas do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral de Lula em 2006**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

MURCE, R. **Bastidores do rádio**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus Editirial, 1985.

REIS, Clóvis. **Propaganda no Rádio: os formatos de anúncio**. Blumenau: EDI-FURB, 2008.

SANTOS, Ébida Rosa. **A propaganda eleitoral no rádio: aspectos históricos e legais**. Florianópolis: ALCAR SUL, 2014.

SENADO FEDERAL, SUBSECRETARIA DE INFORMAÇÕES. **Decreto no 20.047, de 27 de maio de 1931**, que “Regula a execução dos serviços de radio-co-

municação no território nacional”. Sistema de Informações do Congresso Nacional. Acesso em 26 mai. 2001.

SENADO FEDERAL, SUBSECRETARIA DE INFORMAÇÕES. **Decreto no 21.111, de 1o de março de 1932**, que “Aprova o regulamento para a execução dos serviços de radiocomunicação no território nacional”. Sistema de Informações do Congresso Nacional. Acesso em 26 mai. 2001.

SENADO FEDERAL, SUBSECRETARIA DE INFORMAÇÕES. **Decreto no 1.720, de 28 de novembro de 1995**, que “Altera dispositivos do Regulamento dos Serviços de Radiofusão aprovado pelo Decreto no 52.795, de 31 de outubro de 1963 , e modificado por disposições posteriores”. Sistema de Informações do Congresso Nacional. Acesso em 26 mai. 2001.

SENADO FEDERAL, SUBSECRETARIA DE INFORMAÇÕES. **Decreto no 2.108, de 24 de dezembro de 1996**, que “Altera dispositivos do Regulamento dos Serviços de Radiofusão aprovado pelo Decreto no 52.795, de 31 outubro de 1963 , e modificado por disposições posteriores”. Sistema de Informações do Congresso Nacional. Acesso em 26 mai. 2001.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**. 2. ed. São Paulo: Harbra, 1999.

## PARTE IV

# RÁDIO , GÊNERO E JUVENTUDE

# A HISTÓRIA DAS MULHERES NO RÁDIO CATARINENSE: PERFIL E CONTRIBUIÇÕES DA RADIALISTA KÁTIA BROLEIS

Ediane Teles de Mattos<sup>1</sup>  
Karina Woehl de Farias<sup>2</sup>

Juliana Gobbi Betti<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Santa Catarina/UFSC

## INTRODUÇÃO

De acordo com Michelle Perrot (2017, p.16), “a história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso”. O relato, na concepção proposta pela autora, pode ser entendido como o registro que passa a integrar a narrativa sobre determinado acontecimento ou tempo, direcionando a forma como compreendemos não somente o passado, mas também as estruturas e relações contemporâneas. Assim, ao colocar em questão a presença/ausência da figura feminina na história, Perrot identifica o silêncio, no sentido da não menção, como uma espécie de exclusão existente desde a antiguidade grega, observando que “as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento” (PERROT, 2017, p.16). A autora explica que, de maneira geral, foi somente a partir de estudos empre-

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Jornalista pela UFSC. Bolsista Capes. Email: edimattos@gmail.com

2 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense. Jornalista e professora da Faculdade SATC, em Criciúma/SC. Email: fariaskaki@gmail.com

3 Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-Graduada em Filosofia e Direitos Humanos pela PUC-PR. Jornalista pela Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista Capes. Email: jugobbibetti@gmail.com

didados nos anos 1960 que este cenário começou a ser revisto, tanto na perspectiva das historiadoras feministas quanto de pesquisadores interessados em desvelar as nuances da vida privada.

Embora muitos avanços tenham sido empreendidos desde então, a falta de fontes e materiais de pesquisa ainda hoje se constitui um desafio para a construção desse conhecimento. Nas palavras de Perrot, “há um déficit, uma falta de vestígios” (2017, p.21). Sua crítica se refere mais diretamente à história no sentido disciplinar, no entanto, é igualmente adequada ao microcosmo dos meios de comunicação e, por conseguinte, do rádio, aqui destacado. Uma falta que, somada à problemática da preservação da memória sonora e radiofônica, faz com que existam pouquíssimos registros sobre a atuação das mulheres no rádio brasileiro, ainda que se reconheça que elas são parte importante desta história, integrando o quadro de profissionais desde a criação das primeiras emissoras.

O pioneirismo é atribuído à Maria Beatriz Roquette-Pinto, que nos idos de 1923 exerceu a função de locutora na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, emissora fundada por seu pai, Edgar Roquette-Pinto (TAVARES, 2014). Nas décadas seguintes, se registram nomes como o de Maria de Lourdes Souza Andrade, que atuou em programas direcionados ao público feminino na emissora paulista, PRB-6 Rádio Cruzeiro do Sul e o de Natália Peres, que locutava na PRB-9 Rádio Record de São Paulo sob o pseudônimo de Elizabeth Darcy (TAVARES, 2014, p.386).

Em alguns campos a atuação das mulheres no rádio se deu de forma mais perceptível que em outros (GUERRA, 2012), foi durante a chamada “era de ouro”, período marcado pelos concursos de calouros, programas de auditório, radiodramas e fã-clubes, que esta participação se ampliou, com destaque para as funções de atriz e cantora. Os concursos de Rainha do Rádio, que tiveram início em 1937, contribuíram para a visibilidade e o sucesso das cantoras, principalmente nas grandes emissoras cariocas.

Assim como ocorreu na radiodifusão nacional, em Santa Catarina, as mulheres começaram cedo sua trajetória na radiofonia. A PRC-4 Rádio Clube de Blumenau, primeira emissora do estado, data da década de 1930 e já contava com a participação

de Atalá Branco como locutora. Contudo, conforme anteriormente comentado, se são escassas as informações sobre atuação e a trajetória profissional destas mulheres, são ainda mais raros os registros pessoais. Neste contexto, o presente artigo integra um projeto mais amplo que objetiva contribuir com a recuperação da memória da presença feminina no meio. Para isso, vem sendo realizada uma pesquisa bibliográfica e documental para levantar e sistematizar os dados, complementada, sempre que possível, por procedimentos da história oral para a coleta de depoimentos.

Deste percurso, ainda inicial, apresenta-se o perfil e as contribuições da locutora, cantora e atriz, Adelaide Delci Broleis, conhecida pelo nome artístico, Kátia Broleis. Figura de destaque na radiodifusão criciunense, iniciou sua carreira como radialista após fazer um teste ao vivo na Rádio Eldorado, no final dos anos de 1950. Além da característica simpatia, que evidenciou seu talento como comunicadora popular, foi igualmente reconhecida por seu domínio técnico do uso da voz. Ao longo de sua carreira foi apresentadora de diferentes programas de grande audiência e é considerada uma das estrelas do rádio no sul catarinense. À frente de seu tempo, seu estilo e atitude eram, por vezes, ousados e desafiavam os padrões de comportamento impostos às mulheres daquela comunidade.

## AS MULHERES NO RÁDIO E NA SOCIEDADE

O início das transmissões de rádio no Brasil se deu em um período marcado pelos processos de industrialização e imigração que exerceram grande influência na organização das cidades e da sociedade brasileira. Modernidade e conservadorismo estavam em constante tensão nas diferentes esferas sociais, políticas e culturais. No que se refere às mulheres, destacam-se os processos e as conquistas de sua luta pelo direito ao estudo e ao voto, além de sua crescente inserção no mercado de trabalho remunerado.

Em meados dos anos de 1930, com a popularização do rádio e as possibilidades advindas da veiculação de mensagens publicitárias, as emissoras diversificaram sua programação. A partir daí e nas duas décadas seguintes, ganharam espaço as dramatizações, programas de auditório, femininos e infantis e, por conseguinte, se ampliaram as

oportunidades de inserção das mulheres no *cast*. Ainda que, como em outros ambientes do universo intelectual e artístico, o meio permanecesse majoritariamente masculino.

Grandes emissoras, como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, Tupi, Mayrink Veiga, eram exceção e já contavam com mulheres que ocupavam cargos na área administrativa ou atuavam como cantoras, atrizes, locutoras, apresentadoras de programas de auditório ou discotecárias. (MUSTAFÁ, 2009, p.56)

Ao recordar as locutoras pioneiras, Reynaldo Tavares destaca a coragem e despreendimento destas mulheres por atuarem profissionalmente no rádio, afirmando que “a mulher era olhada como simples objeto, relegada a segundo plano, principalmente num veículo formador de opinião pública” (2014, p. 390).

As divas, rainhas e estrelas não estiveram imunes ao julgamento social, ao contrário, suas falas e comportamentos eram foco de interesse na imprensa da época. Contudo, para além de fofocas e críticas, muitas vezes as entrevistas e reportagens enalteciam e reforçavam padrões morais e papéis sexuais.

As tentativas de colocação dessas cantoras, por exemplo, como mulheres que, mesmo com uma vida profissional atribulada, estavam à procura de um casamento feliz com um homem dos sonhos eram recorrentes na publicação. A partir do momento em que o casamento acontecia, a rotina doméstica do casal se tornava um dos assuntos principais da revista que não poupava especulações sobre filhos e felicidade conjugal (BORGES, 2017, p. 3)

Um ponto constantemente em pauta era a escolha de continuar ou não trabalhando após o casamento (TESSER, 1994, p.156). Em partes, pois a responsabilidade com os cuidados da família e da casa são bastante atreladas à figura feminina. Mas também porque, o rádio “era o lugar da fama e da ascensão social, e ao mesmo tempo o ambiente da marginalidade e dos marginais, proibido às pessoas de “boa família” (CALABRE, 2004, p. 25). Izani Mustafá destaca essa relação ao afirmar que as mulheres, embora cientes de “que poderiam ser confundidas com prostitutas, falavam e cantavam

ao microfone, ocupavam cargos administrativos e apresentavam programas de auditório, ao lado de homens, seus colegas de trabalho” (MUSTAFÁ, 2009, p.63). Ainda sobre esta dicotomia, Tereza Cristina Tesser (1994) salienta que as profissionais relatavam com seriedade, em suas entrevistas, as dificuldades que enfrentavam, evidenciando de forma consciente as barreiras por não se adequarem aos padrões impostos.

## AS MULHERES NO RÁDIO CATARINENSE

O rádio catarinense tem suas primeiras histórias datadas no final da década de 1920, aproximadamente dez anos depois das primeiras transmissões no Brasil. Músicas eram irradiadas em alto-falantes instalados pelo pioneiro, João Medeiros Júnior. A experiência foi o embrião do que seria a primeira emissora do estado, a Rádio Clube, no município de Blumenau. “Em fins de 1931, com um transmissor Collins de 150 watts de potência e uma antena Marconi tipo L com contra-antena, iniciou-se a experiência das transmissões. A programação era basicamente musical. (MEDEIROS; VIEIRA, 1999, p. 27).

Foi em 1936 que a Rádio Clube deu início as suas transmissões de forma oficial e por meio de licença. Na fase inicial, o prefixo de João Medeiros Júnior funcionava com uma programação não linear, transmitindo músicas em horários esporádicos. O funcionamento só foi possível com a participação e cooperação de muitos colaboradores. José Ferreira da Silva, historiador e mais tarde foi prefeito de Blumenau, foi o primeiro speaker da emissora e trabalhou por mais de oito meses sem receber pelos serviços. Juntamente com Silva, alguns empresários e gestores políticos blumenauense foram artistas dos primeiros programas. Entre eles, uma apresentadora já fazia história como a primeira mulher da radiofonia catarinense, Atalá Branco.

De acordo com Medeiros e Vieira (1999), a emissora irradiava músicas, anúncios dos ouvintes e, eventualmente, alguma nota retirada dos jornais, mas inicialmente possuía uma programação esporádica por conta da limitação dos equipamentos e da disponibilidade dos colaboradores. Atalá Branco trabalhou na Rádio Clube desde a sua



fundação, a radialista foi responsável por um programa ao vivo, no horário da manhã, das 9h às 11h (MEDEIROS; VIEIRA, 1999).

No final da década, em 1938, foram realizadas as primeiras transmissões sonoras que antecederiam a criação da segunda emissora de Santa Catarina: a Difusora de Joinville (MUSTAFÁ, 2009, p. 40). A Rádio Difusora AM - ZYA-5 foi oficialmente inaugurada em fevereiro de 1941, por iniciativa de Wolfgang Brosig, técnico em eletrônica e descendente de alemães. Sua esposa, Juracy Brosig, atuou como “secretária, responsável pela área comercial, atriz, produtora das radionovelas e apresentadora de programas de auditório” (MUSTAFÁ, 2009, p.59). Outras mulheres citadas entre as pioneiras das emissoras joinvillenses são: a pianista e professora Laura Andrade, a cantora Eleda de Sá Moreira e a locutora Luiza Ruth da Costa. Ainda, Medeiros e Vieira (1999) citam outras profissionais que contribuíram com o desenvolvimento do rádio catarinense, atuando profissionalmente nas primeiras emissoras, entre as quais elencamos: Irene Souza Boemer e sua irmã, Hilda Souza (Difusora de Itajaí), Maria Gonçalves (Difusora de Joinville) e Maura Regina Andrade (Catarinense).

A participação das mulheres na radiodifusão catarinense era conhecida nacionalmente e conquistava espaço na seção Rádio nos Estados da Revista do Rádio. Exemplo disso pode ser conferido na edição nº 63, de novembro de 1950, que traz uma foto de Maria Ina, com a seguinte legenda “Maria Ina, locutora da Rádio Clube de Lages, de Santa Catarina, é uma das mais populares figuras do rádio sulino”. Já na edição nº 190, de 1953, quem ganha destaque é Neyde Maria, “do rádio de Florianópolis, é um dos valores positivos do progressivo rádio de Santa Catarina. No ano de 1955, Elizabeth Lena é citada pelo seu destaque no elenco de rádio-teatro na Rádio Tubá, de Tubarão, na edição nº 302, que traz também uma nota sobre outra mulher da radiodifusão catarinense “Sandra tem recebido referências elogiosas pelas suas atuações em diversos programas da “Caçula” de Florianópolis”. A transferência de Iracema Andrade, “uma das melhores locutoras do Estado”, da Rádio Anita Garibaldi, de Florianópolis, para a Rádio Miramar, de Camboriú, é notícia na edição 395, de 1957.

Depois da Rádio Difusora de Joinville, foram instaladas rádios nas cidades de Itajaí, Florianópolis, Joaçaba, Laguna e Criciúma, sendo a última de maior relevância para esta pesquisa, conforme detalharemos a seguir.

## KÁTIA BROLEIS, A VOZ DE VELUDO DO SUL CATARINENSE

Criciúma foi fundada em 1880 com forte influência dos imigrantes italianos. Localizada no Sul do Estado, ficou conhecida por ser polo da indústria carbonífera. Eram anos de progresso e desenvolvimento impulsionados pelo carvão, o chamado ouro negro criciumense. E, é diante deste cenário, e por influência de empresários do setor que a Rádio Difusora Eldorado Catarinense (ZYR-6), nasce no “coração” do município, a Praça Nereu Ramos.

Em 1946, por iniciativa de Hercílio Amante, funcionário público municipal, José de Patta, médico e Cláudio Schüller, alto funcionário da Companhia Siderúrgica Nacional, setor de Siderópolis, fundava-se a Voz de Cresciúma. Tratava-se de um serviço de alto-falante, com estúdio localizado no Edifício Filhinho (edifício que abriga o famoso Café São Paulo) e as cornetas de som fixadas em postes especialmente erguidos para este fim, no Jardim da Praça Nereu Ramos (AUGUSTINHO, 2007, p.113-114).

O médico italiano José de Patta foi o responsável pelo início do que seria a radiodifusão de Criciúma. Assim que chegou à cidade, se envolveu nos costumes e tradições da região e passou a exercer serviços de utilidade pública através dos alto-falantes. Conforme Oliveira (2011), as cornetas foram instaladas na praça para avisar a população sobre campanhas de vacinação e outros comunicados ligados à prestação de serviço da época. O autor lembra que a “inspiração do nome Eldorado veio da prosperidade que já vivia a região, principalmente fruto do progresso da extração de carvão” (OLIVEIRA, 2011, p.19). Em 17 de novembro de 1948 foi oficialmente inaugurada a Rádio Difusora Eldorado Catarinense, de Criciúma (ZYR-6). De acordo com Antunes Severo (2005), o pioneirismo feminino no *cast* da emissora foi de Dalcy Rovaris

(Margô), primeira locutora e radioatriz no sul catarinense<sup>4</sup>. Chamada popularmente de Rádio Eldorado, a emissora consolida-se impulsionada pela economia em ascensão da indústria carbonífera da região.

Na década seguinte, o rádio local ganha ares das emissoras maiores e nomes importantes da radiodifusão catarinense começam a despontar nos microfones de Criciúma. Entre eles, uma voz marcante “cai no gosto” dos criciumenses, consagrando-se com uma das mais importantes comunicadoras do Sul. Segundo Saviato e Cardoso (2012), no documentário *Uma dama no rádio Criciumense*, Adelaide Delci Broleis, adotou Kátia Broleis como seu nome artístico e foi assim que ficou conhecida no meio radiofônico. Com voz aveludada e inconfundível, a radialista começou a carreira na emissora pioneira, a Rádio Eldorado, em 1958. A relação de Kátia com os microfones já era antiga, graças a sua precoce carreira como cantora. Antes de assumir os microfones de uma emissora, Kátia e sua irmã Dione Broleis se apresentavam em festas e salões de Meleiro-PR, além de irradiarem suas vozes nos serviços de alto-falantes da cidade natal.

Em Criciúma, a locutora ficou conhecida por programas de sucesso, como o *Correio do Ouvinte*, radiofônico pioneiro na interação com os ouvintes e estava entre os mais ouvidos da época, com recorde de correspondências na sede da rádio. O recebimento de cartas era a maneira como a emissora media o nível de audiência dos programas. Kátia dividia a apresentação do programa com Antônio Luís.

Em agosto de 1962, a partir da influência política do deputado federal Doutel de Andrade, foi implantada a segunda emissora de Criciúma, a Rádio Difusora. Kátia foi uma das contratadas para integrar a primeira equipe da Difa, como era carinhosamente chamada pelos ouvintes. Seu sucesso profissional como locutora na Rádio Eldorado continuou na nova casa, onde liderava programas de auditórios, lotando o cinema aos domingos. Além de locutora, Kátia era atriz, apresentadora, fazia teatro e radionovelas com scripts que chegavam de Porto Alegre. “Ela sempre era a figura principal, a atriz principal, uma referência” (TREVISOL, 2012)<sup>5</sup>.

---

4 SEVERO, Antunes. *As pioneiras: Rádio Eldorado de Criciúma*. Texto disponível em: <http://www2.carosouvintes.org.br/as-pioneiras-radio-eldorado-de-criciuma>.

5 Entrevista concedida para o documentário *Kátia Broleis: uma dama no rádio Criciumense* (2012).

No comando da Difa, estava Addo Vânio de Aquino Faraco, um dos primeiros líderes do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em Santa Catarina. Com uma proposta alinhada ao pensamento político de esquerda, tornou-se a emissora mais popular da cidade, conhecida como a rádio do trabalhador. Já sua concorrente, a pioneira Eldorado, que neste período estava nas mãos de empresários do carvão, tinha uma audiência mais elitizada.

Com a instauração da Ditadura Militar, em 1964, a Difusora passa a sofrer censura em toda a sua programação por fazer oposição ao governo vigente na época, logo se constitui como local de resistência e comando grevista. Em abril daquele ano, a emissora foi lacrada em uma operação do Exército na região, o que calou sua voz por alguns meses (ZANELATTO; TRICHÊS; CAROJA, 2016). Em 1º de janeiro de 1965 a emissora voltou a funcionar e, a partir daí, viveu sua época de ouro, com uma programação popular, que manteve o vínculo com a comunidade e os trabalhadores, abrindo espaço, por exemplo, aos sindicatos. Para Oliveira (2011, p.26) a Difa teve duas fases em suas operações até sair definitivamente do ar.

Na primeira, até 1964, absolutamente engajada politicamente, vindo a sofrer restrições em seu funcionamento permanecendo lacrada por cerca de seis meses com a queda do presidente João Goulart [...] e voltou a operar em 1965 sob nova direção e impôs um perfil popular à sua programação até sair definitivamente do ar, em 1977 (OLIVEIRA, 2011, p. 12).

Na Difa, Kátia Broleis apresentou programas populares e de muito envolvimento com os ouvintes, marcando ainda mais seu nome na radiodifusão catarinense. A interação com a audiência era uma das características que a colocaram como uma comunicadora diferenciada para a época.

Kátia Broleis apresentava o *Atendendo Você*, a partir das 13 horas. A locutora estava em sua segunda passagem pela Difusora, pois havia participado dos primórdios, ainda sob a gestão do PTB na rua João Pessoa, em 1962. Depois, atuou um período na Rádio Eldorado antes de retornar à Difa em 1965, já na sede da

Ediane Teles de Mattos -Karina Woehl de Farias - Juliana Gobbi Betti

Galeria Bristot. O programa de Kátia consistia em atender pedidos musicais de ouvintes (OLIVEIRA, 2011, p.54).

**Imagem 1:** A locutora deitada nas correspondências que chegavam para o seu programa na rádio Difusora

**Uma equipe que trabalha**  
(cont. da pág. 1)

faz tudo em rádio.  
Ezio Lima — Diretor-Comercial. Velho radialista criciunense, também exerce as funções de locutor e redator.  
José Gentil de Assis — Diretor-Técnico. Sem ele a Difa não poderia funcionar, e justamente com ele é que funciona bem.  
Valdeir Zanette — O famoso Zé do Mato. Animador de programas.  
João Sáez — Outro velho homem de rádio de Criciúma. Locutor e comentarista esportivo.  
Kátia — Locutera. Também com larga experiência em nossa radiofonia.  
Sílvio Juarez Trevisol — Locutor e redator comercial.  
Paulo de Lima — Locutor, redator, rádio-repórter, sempre «ufando».  
Darcioy Silva — Locutor, redator. Também bom rádio-repórter.  
Sebastião Farias — Redator e locutor, especialmente de esportes.  
Sandoval — Locutor e redator esportivo.  
Oswaldo Costa — O popular «Bolacha». Discotecário, responsável pela programação musical.  
Laênio Ghisi — Desempenha as funções de tesoureiro, e locutor.  
Látricio Ghisi — Trabalha no serviço de captação de notícias.  
Paulo Cardoso — Sonotécnico  
Antônio Cardoso — Sonotécnico  
Orivaldo Machado — Sonotécnico  
Edson Abreu — Sonotécnico  
Lourdes Antunes — Sempre zelando pelo bom aspecto interno da Difa.  
Antônio Goulart — Operador do transmissor.

**DIFA...lando**

\* O Waldir está preocupado, tal como o Tio Patinhas. Vai ter que fazer novo cálculo para distribuição equitativa a seus herdeiros de sua fortuna. É que em breve um outro bigorilho estará dando as caras por aí.

\* Quanto ao mesmo assunto, o FILHO e a BETI não conseguem esconder um sorriso permanente de felicidade...

\* Tristeza do Paulo: ausência de fatos policiais: mortes, tiros, facadas e embarradas. Alegria do Paulo: ocorrência das mesmas, o maior número possível. Do contrário, não há «furo».

\* O Zé do Mato ainda sempre com os cantos da boca nas orelhas. Seu programa das madrugadas continua cada vez mais sucesso.

\* Não é que o reumatismo deu para incomodar o braço esquerdo do Gentil? Velhice não é, temos certeza... Não deixa passar também para a direita, porque aí a Difa está «ralada»...

\* Como é duro arrancar um vale do Laênio. Aliás ninguém arranca mesmo. É dureza de verdade. Então, é um tal de pedir cigarro emprestado...

\* Vocês querem ver o Darcioy contente é mandá-lo transmitir um baile. Depois que o homem se desgarrá do microfone, não arreda mais o pé do meio do salão.

**Vamos Bater Novo Recorde**

Ne ano que passou, ao completarmos 6 anos, recebemos para serem sorteadas nada menos que 20 mil cartas de nossos ouvintes. Este ano tudo faz crer que surgirá novo recorde. Centenas de cartas vêm chegando diariamente para tomar parte nos sorteios que de hora em hora, de 11 a 16, distribuído milhares de prêmios aos participantes. Dia 13, valiosos brindes serão distribuídos de meia em meia hora.



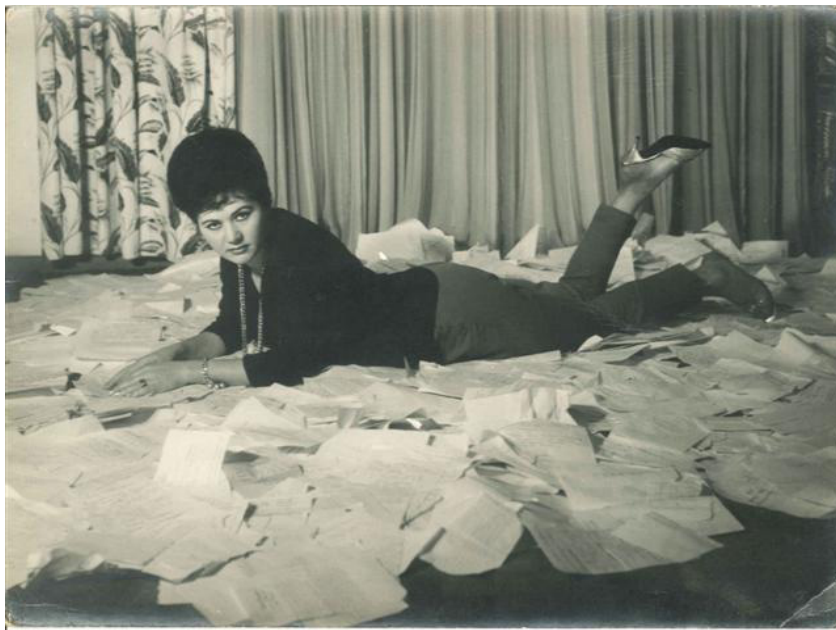
**E a Difa continua colhendo êxito sobre êxito**

Constituiu novo e significativo sucesso para nossa emissora a programação que realizamos domingo, dia 20 durante todo o dia, diretamente de Cocal. Jovens, adultos, crianças, autoridades, todo o povo, enfim, deixou-se contagiar pelo entusiasmo reinante em torno dos programas da Difa. Muita música, informações importantes sobre a história e a vida de Cocal estiveram em evidência durante o domingo inteiro.

ANEXO 21 – Jornal da Difa, Junho/Julho de 1969. Acervo particular, Antônio Colossi.

**Fonte:** Arquivo pessoal da família de Kátia Broles.

**Imagem 2:** Jornal da Difa, Junho/Julho de 1969.



**Fonte:** Arquivo OLIVEIRA, 2011.

Os pedidos citados pelo autor (2011) eram constantemente solicitados em cartas que chegavam à emissora. Na imagem do Jornal da Difa (1969) é possível perceber Kátia e os colegas José Gentil de Assis e Sebastião Farias recebendo correspondências de ouvintes que eram atendidos nos programas da rádio. A primeira parte do Jornal da Difa também confirma o profissionalismo da comunicadora, com a frase: Kátia: Locutora. Também com vasta experiência em nossa radiofonia.

Outra marca que Kátia Broleis carrega, segundo Milioli Neto (2012), é de ter sido a primeira contratação da extinta Rádio Difusora. Conforme o radialista, a dona da voz aveludada do rádio cricumense era uma profissional única. “Era cantora, famosa, dicção e comunicação muito agradável. Uma mulher versátil que surpreendia quem a conhecia” (MILIOLI NETO, 2012)<sup>6</sup>. E é assim que ela é lembrada pelos ouvintes.



A exemplo dos escritos memorialísticos que a citam, encontra-se o texto do radialista Aderbal Machado (2006) para a sua coluna na Caros Ouvintes, definindo-a como “locutora de voz maviosa e olhos brilhantes, andar altivo e soberano”<sup>7</sup>.

O perfil de Kátia, publicado originalmente no Portal Satc em junho de 2012, traz detalhes sobre sua personalidade:

Além de ser dona de uma das maiores vozes radiofônicas no rádio sul catarinense, Kátia também ditou moda. Era ousada, corajosa, tinha atitude, realizava tarefas inimagináveis para as mulheres na época. Nos anos 60, eram poucas as criciu-menses que usavam maquiagem, mas Kátia já usava e causava pelas ruas da maior cidade do sul do Estado. Para as mulheres, Kátia foi referência na busca pela liberdade feminina. A comunicadora era uma mulher que estava à frente do seu tempo e não se importava com que o povo pensava. “Acho que todos devem respeitar a maneira de ser do outro. Todo mundo tem liberdade de falar o que quiser, mas mexer não” (SAVIATO; FARIAS, 2015).

Sua coragem fica evidente também no trecho de áudio disponibilizado. Nele, Kátia relembra que tirou o sapato de salto para bater com ele no homem que assediou sua irmã e as ofendeu.

Pode-se afirmar que a trajetória de Kátia na radiodifusão iniciou quase conjuntamente com a história da radiodifusão catarinense. Por ser uma das raras mulheres nas equipes radiofônicas nos anos iniciais, ela se tornou uma profissional engajada no auxílio às demais colegas que optavam pela comunicação e repassava os ensinamentos adquiridos na prática.

Em 1969, Kátia abandona a radiodifusão criciumense e vai morar em Florianópolis, onde marca a carreira com uma breve passagem pela TV Cultura. Em janeiro de 2015, aos 78 anos, falece.

## CONSIDERAÇÕES

A história do rádio é um tema bastante presente nos estudos do meio, conforme observado em estudos epistemológicos (HAUSSEN, 2004; KISCHINHEVSKY, 2017). No entanto, a participação das mulheres na produção radiofônica permanece pouco documentada, principalmente, faltam registros sonoros que permitam analisar de forma mais aprofundada as contribuições femininas, bem como suas relações com as lutas das mulheres em cada período e local.

O esquecimento destas profissionais apaga uma importante parte da história do rádio. Em tom de alerta, Tesser afirma que

[...] poucas mulheres que atuaram no início do rádio conseguiram o reconhecimento da sociedade. Muitas abandonaram o microfone, morreram sozinhas sem ao menos serem lembradas. Suas vozes ficaram esquecidas num texto qualquer de uma velha revista, e se perderam da memória dos estudantes e profissionais de comunicação. (TESSER, 1994, p. 160)

Kátia Broleis é uma das muitas mulheres cuja voz e personalidade ficaram marcadas na memória dos ouvintes, mas fora dos registros documentais. Ainda inicial, esse esforço de recuperação e registro soma-se a outras iniciativas e demonstra que há muito para se fazer para que possamos superar o silêncio que exclui as mulheres da história do rádio.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTINHO, Aguinaldo. **Praça Nereu Ramos: o coração de Criciúma**. Criciúma: SAMEC, 2007.

BORGES, Paola Giuliana. Cantoras do rádio e mulheres: um estudo sobre representações femininas no Brasil na década de 1950 construídas pela Revista do Rádio. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**. Disponível em: [http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502287340\\_ARQUIVO\\_ANPUH.pdf](http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502287340_ARQUIVO_ANPUH.pdf), acesso em 2018.



CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GUERRA, Márcio. O. **Rádio X TV: o jogo da narração**. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

HAUSSEN, Doris. A produção científica sobre o rádio no Brasil: livros, artigos, dissertações e teses (1991-2001). **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.25, p.119-126, 2004.

**KÁTIA BROLEIS: UMA DAMA NO RÁDIO CRICIUMENSE**. Documentário de Rádio produzido por Douglas Saviato e Mayara Cardoso. Criciúma: Faculdade Satc, 2012. Duração de 26 minutos. Disponível no acervo fonográfico do curso de Jornalismo.

KISCHINHEVSKY, Marcelo et al. A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.40, n.3, p.91-108, set./dez. 2017

MEDEIROS, Ricardo; VIEIRA, Lúcia Helena. **História do rádio em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1999.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. IN: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.). Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006.

MOREIRA, Sonia Virginia. **Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil**. IN: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia Virgínia (orgs.). Comunicação, acontecimento e memória. São Paulo: Intercom, 2005, 166p.

MUSTAFÁ, Izani. **Alô, alô, Joinville!** Está no ar a Rádio Difusora AM. A Radiodifusão em Joinville/SC (1941-1961). Joinville: Casamarca Ecodesign, 2009.

OLIVEIRA, Denis Luciano Soares. **O dia em que a “Difa” se calou: a extinção da mais popular rádio AM de Criciúma**. Trabalho de Conclusão de Curso. Criciúma. Faculdade Satc, 2011

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2017.

SAVIATO, Douglas; FARIAS, Karina. **Kátia Broleis: uma dama no rádio criculumense**. **Portal SATC**. Criciúma, 13 de janeiro de 2015. Disponível em: < <http://www.noticias.satc.edu.br/katia-broleis-uma-dama-no-radio-criculumense->>. Acesso em fevereiro de 2018.

SAVIATO, DOUGLAS. **Difusora: hoje ela completaria 50 anos**. 2012. <http://www.engplus.com.br/noticia/geral/2012/difusora-hoje-ela-completaria-50-anos/> Acesso em: 28 mai 2018

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou:** do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo (3ª edição, ampliada e revista). São Paulo: Paulus, 2014.

TESSER, Tereza Cristina. **De passagem pelos estúdios:** A presença feminina no início do rádio no Rio de Janeiro e São Paulo. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

ZANELATTO, João; TRICHÊS, Janete; CAROJA, Carlos Renato. Do Golpe Militar a Instalação do 28º Grupo de Artilharia de Campanha (GAC): à ditadura civil-militar na capital nacional do carvão (1964 -1977). **Antíteses**. Londrina, vol. 9, no. 17, pp. 200-221, jan/jun. 2016.

# PROGRAMA VOZES MULHERES: ECOS DE QUESTÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E ÉTNICO-RACIAL NO RÁDIO

Joanna Carolina Alcântara dos Santos<sup>1</sup>  
Universidade do Estado da Bahia/UNEB

## ANÚNCIO DA PROGRAMAÇÃO: apresentando a pesquisa

Essa pesquisa deriva do ato de ler-pensar-fazer-escrever que converge extensão e pesquisa, de modo a pensar os impactos da teoria numa experiência de estágio supervisionado. Gerando alianças entre feminismos e difusão na Webrádio, de modo a transpassar os muros universitários. Para isso, apresento os caminhos da minha pesquisa implicada, questionando a neutralidade científica e apresentando trajetórias que contribuíram em extensão e pesquisa para que fossem possíveis dialogar feminismos em teoria e prática. A partir disso, esse trabalho visa colaborar com caminhos de pesquisa extensão possíveis que tratem de temas transversais como questões de gênero, étnico-racial e sexualidade, não como recortes, mas como eixos estruturais para concepção do produto.

Dessa forma, é apresentada a metodologia utilizada nos caminhos de elaboração e concepção dos programas, que para além das captação das “Vozes-mulheres”, busca criar mecanismos de escuta que acolham a potencialidade das vozes participantes. De modo a criar novos espaços que não sejam só o da entrevista e permitam outras formas de participação. Assim, para interligar as vozes participantes desse processo, esse trabalho visa apresentar uma rota possível gerada por um processo reflexivo que ques-

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural pelo Pós-crítica/UNEB, bacharel em Comunicação Social Rádio e TV/UNEB. E-mail: joannacomunica@gmail.com

tiona como transformar um programa da web rádio em um suporte para abrir diálogos sobre perspectivas de mulheres sob condição de um agendamento que parta delas e seja inclusivo em sua abordagem.

## OCUPANDO A ESCRITA: SENTIPENSAR A PESQUISA EM EXTENSÃO

Assim como em todo encontro, é importante nessa conversação científica localizar-me em ambientação de fala, que foi muito importante para a (des)construção do projeto do programa de Webrádio “VOZES MULHERES”. Tecido em rede e sobre o qual agora reflito, aliada a algumas leituras importantes que me acompanharam até aqui. Para isso, preciso mencionar o Grupo de Leitura e Estudos Interdisciplinar em Gênero e Sexualidade-GLEIGS, do qual pude fazer parte desde dois mil e doze. Esse espaço de formação somados ao Grupo de Estudo em questões étnicas e cultura afro-brasileira e ao projeto de extensão Lesbianidades em Movimento do qual pude ser monitora em dois mil e dezessete, foram de suma importância para esse agendamento temático e para as escolhas referenciais em que baseio meus escritos, trazendo o agendamento de gênero, sexualidade e étnico-raciais para as minhas visualizações sobre a comunicação, mais especificamente nessa ocasião, a Webrádio.

Portanto, parto da premissa do saber localizado que reflete sobre como o conhecimento científico é fabricado, questionando suas neutralidades, acolhida por Donna Haraway (2015), referência advinda das implicações de pesquisa com o GLEIGS que me possibilitou pensar sobre o saber científico e sua produção. De modo a entender a multiplicidade do saber que não detém um olhar que alcance o todo. Quando pensamos sobre os caminhos da pesquisa e os dualismos acadêmicos entre objeto e autoria, que se neutralizam em análise, caímos na observância dos cânones de corporeidades que se repetem. Essa reflexão me dá chão para me assumir cientificamente parcial, aliada as rotas possíveis que essa localidade fluida de pesquisa proporciona.

Quando Donna Haraway menciona a parcialidade como um lugar também científico, ela abrange essa não neutralidade “pelas suas possibilidades de conexões e

aberturas inesperadas que o conhecimento situado oferece” (HARAWAY, 2015, p.27). Nesse aspecto, sua abordagem visibiliza que para uma visão ampla é preciso enfocar também em particularidades para pensar também sobre de onde se vê, lugar esse em pesquisa muitas vezes não questionado. Desse modo, tanto o projeto quanto os escritos se encontram atreladas ao feminismo interseccional, sobre o qual dialogaremos mais no próximo momento dessa abordagem.

Ainda pensando sobre os caminhos da pesquisa que culminaram nesse trabalho, pensar as relações de conhecimento e verdade trazidas por Michael Foucault (1979, p.11) quando diz que “A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem”, é também pensar sobre a importância de um material produzido e ecoado em extensão que tenha como pauta e participação de mulheres, ocupando lugar de subversão num mecanismo alternativo no que diz respeito a disponibilidade de acesso para produção e veiculação, que é o espaço da Webrádio UNEB no campus de Conceição do Coité. Nesse aspecto, é válido ressaltar também a acessibilidade de linguagem que é regra no rádio para o processo de diálogos em rede.

Quando Foucault (1979) menciona os dispositivos como uma rede de relações de poder, que tem como condicionamento ecoar normatizações de forma capilarizada, ele não só menciona o dito como também o não dito como componente do processo. E é em busca do não dito, ou ao menos no não ouvido até essa minha participação na programação da Webrádio, no tocante a questões que envolvam questões de gênero, sexualidade e étnico-racial que surge a ideia do programa. Não só de uma visibilidade que quebre o silêncio, mas um lugar de possibilidades e questionamentos das colaboradoras em pautas e em quadros na concepção do programa. E é em busca dessas capilaridades estimuladas por indagações que esse estudo propõe se movimentar.

Nesse aspecto, experimento via extensão uma busca contemporânea alardeada por Foucault (1986, p.18) quando menciona o medo científico de “pensar o outro no tempo de nosso próprio pensamento”. Pois, o programa “VOZES MULHERES”, é um espaço para conversação desses conhecimentos adquiridos com a potência do seu

entorno. Que busca se comunicar em rede com os cursos do Campus XIV e com a comunidade externa que integra o movimento de mulheres e movimentos feministas, como também com mulheres que se sensibilizam temas que envolvam fomentações sobre gênero, sexualidade e as questões étnico-raciais.

Sendo assim, esse trabalho tem como intento contribuir com a ruptura das hierarquias do conhecimento de modo a acolher vozes em rede que (des) construam conhecimento por meio de reflexões coletivas em diálogo. Entendendo que historicamente na ciência esses saberes estiveram/estão por muito tempo considerados mal elaborados ou hierarquicamente inferiores. Por isso, percorro esse trajeto me enveredando pelo feminismo interseccional, que fornece mecanismos ao saber científico em deslocar meu olhar para as diferenças, um novo ponto de conexão para essa conversa que segue.

## CONVERSANDO FEMINISMOS: ECOS MULHERES NA PESQUISA

É bem chegada a hora de trazer para roda algumas leituras que considero marcantes para refletirmos sobre o feminismo interseccional. Com ele, para além de pensar sobre o que se passa de forma comum entre as mulheres, reflete-se sobre as diferenças que apontam fissuras em modelos rígidos de identificação que normatizam vivências e corpos. Para tanto, é necessário ressaltar a grande influência do movimento de mulheres lésbicas e negras, inclusive na academia, no processo de ruptura com estruturas engessadas do agendamento feminista, que não questionavam desigualdades de forma transversal, abarcando as diferentes formas de opressão.

No livro, **Não sou eu uma mulher**, Bell Hooks (1981) atenta para os impactos de um feminismo interseccional, que questiona tanto os homens do movimento negro, como as feministas brancas, por meio de um local de experiência da mulher negra. Na sua abordagem, ela traz exemplos de vivências e demarcações do movimento feminista e negro. De maneira a questionar as contradições de uma busca por igualdade e para tal localiza-se nos movimentos dos EUA, que ainda garante a manutenção de um sistema imperialista, racista, sexista e opressivo. Quanto ao feminismo, a autora afirma que:

Para mim o feminismo não é simplesmente a luta para acabar o chauvinismo masculino ou o movimento que assegura que as mulheres terão direitos iguais aos homens; é o compromisso em erradicar a ideologia da dominação que é permeável na cultura ocidental em vários níveis – sexo, raça e classe, para nomear alguns (HOOKS, 1981, p.138)

Assim, os feminismos se dispõem como solo fértil, diferente do da década de 60, marcado pelo movimento sufragista, estruturado por uma hierarquia de direito a voz e acesso a informação, que destacava mulheres em privilégio de renda, branquitude e sexualidade, que tinha a heterossexualidade como norma. A partir da década de 70, numa dialética que o deforma de uma concepção de unidade, o movimento segue impactado a pensar sobre as diferenças. Em dado momento do livro, Hooks (1981) enfoca nos conflitos entre o padrão de papéis sexuais entre a mulher e o homem negro, enquanto um conflito global da sociedade americana e o seu centramento no modo de vida branco. Modo esse, que idealizava papéis que conflitavam vivências e modelos disseminados para homens e mulheres, determinados em ordens binárias opostas, normatizando desde o lugar do homem enquanto provedor do lar até o papel de subordinação da mulher.

Nesse aspecto, ao pensar sobre as implicações da sexualidade para pensar papéis sexuais, foi grande a contribuição da pensadora Adrienne Rich (1990) que faz uma reflexão sistemática via lesbianidade sobre o papel da heterossexualidade normativa enquanto uma instituição política. Em seu conceito a autora analisa a heterossexualidade enquanto compulsória socialmente e faz um alerta para o agendamento do feminismo que não questiona os binarismos e normatizações da heterossexualidade e não inclui a mulher lésbica e suas vivências enquanto experiência feminista.

Ao visualizar a heterossexualidade compulsória como uma instituição política que suprime o poder das mulheres, a autora convida também as mulheres heterossexuais a repensar sobre essas estruturas para que possam agir sobre ela por outras vias que não a sua reprodutibilidade. A autora menciona a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica e a própria heterossexualidade compulsória enquanto mecanis-

mo religioso, midiático e político de subordinação da mulher, tão como a invisibilidade dos registros lésbicos, criando não só a padronização do comportamento da mulher como também criando barreiras de identificação entre elas. Esses questionamentos tiveram grande impacto no processo de concepção do programa “Vozes Mulheres”. Tanto sobre os quadros quanto sobre as entrevistas, no direcionamento das perguntas, de modo a buscar as diferenças como suporte de vínculo sem a padronização de uma voz central regulada, mas de uma voz fomentando e dialogando possibilidades em rede.

Em meio a essa concepção, o conceito de Rich (1990), que entende o continuum **lésbico como uma estratégia política que vai além da identificação via atração** sexual entre mulheres, de modo a gerar apoio, aliança, com reconhecimento das forças conjuntas entre mulheres em (des) construção do vínculo de tirania, também contribui com os norteamentos que configuraram o trabalho. Desde o modo como sua metodologia de escuta é pensada aos questionamentos que não relegam o questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade como um recorte marginal, mas como fio condutor de descobertas que incorporam outras transversalidades das sujeitas participantes. Para ter maior compreensão desse processo é importante nos conectarmos a concepção do produto.

## COMO ELABORAR UMA PERGUNTA? INTERLIGANDO VOZES NA REDE DA WEBRÁDIO

Pensar sobre o projeto do programa envolve todos esses diálogos anteriores, tendo como problema, subverter um programa de web rádio em suporte para abrir diálogos sobre perspectivas de mulheres em diferentes assuntos. Para pensar sobre essa experiência no estágio supervisionado da UNEB e na conceituação dos programas e da programação, foquei na webrádio como espaço de aprendizado e contribuição para diálogos interseccionais. Partindo do anseio da dificuldade histórica de tornar acessível a divulgação de questões voltadas a um feminismo inclusivo, entendo que pensar cri-



ticamente sobre isso, desencadeia na subversão de uma instituição político-social que enquadra a relevância do papel da mulher enquanto lugar estético e de servidão.

Nesse aspecto, quanto à programação, a entrevista foi sempre o foco, mas num programa com o nome “VOZES MULHERES” depois de muita reflexão foram pensados também os formatos de breves relatos de experiência e poesia em cada programa, para dar mais acessibilidade a outras vozes que queriam dialogar com os temas. Uma outra decisão para programas pilotos foi dialogar com mulheres que tivessem vivências no município de Conceição do Coité, já que sabemos que muitas vezes as vozes do interior são tão invisibilizadas como referência em tantos espaços da Comunicação hegemônica. Outra questão que considero importante para a concepção dos programas foi a forma de fala, entendendo o tom do diálogo mais importante que um tom considerado padrão para as locuções. Nesse seguimento, até mesmo para as entrevistas foi buscado um tom de prosa. Essa escolha me exigiu tempo com a edição do material, já que para que a convidada se sentisse a vontade no diálogo, não fiz perguntas limitadas ao tempo do programa, mas as deixei a vontade para responder as perguntas para depois cuidar disso na edição.

Para a concepção da pergunta de onde derivam os recortes de pauta para três programas temáticos, também foi utilizada como orientação teórica Ana Alice Costa (2005). No contexto brasileiro, ela apresenta que, com o desdobramento da segunda onda feminista “pessoal é político”, a visualização das relações pessoais como relações de poder são invisibilizadas pela dicotomia público-privada. Concepção essa, que tem como base o pensamento liberalista que relega ao lugar público questões políticas e ao privado um cunho doméstico e pessoal, alheio à política. Assim, as temáticas que giram em torno da pergunta “O que você mulher quer saber sobre as questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade?”, foram indicadas pelas mulheres interessadas de forma local, sendo colocados cartazes no Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia durante uma semana, como também nos grupos virtuais de pesquisa GLEIGS e o Grupo de Estudo em questões étnicas e cultura afro-brasileira e na página da webrádio UNEB. Após esse processo de recolhimento, foram contabilizados os levantamentos e determinados

os três eixos temáticos que mais apareceram nos resultados: Participação das mulheres na política, relacionamento abusivo e sororidade.

É válido ressaltar a influência de Foucault(1986) no âmbito da sexualidade, em que ao invés de supor uma existência essencializante supõe a sexualidade como dispositivo histórico que deve ser problematizado no tempo e no espaço. E é em meio a junção referencial dessas problematizações agregadas, que surgem no espaço da entrevista, os direcionamentos para os questionamentos levantados para as participantes. Dessa forma, sobre as temáticas acolhidas, foi possível pensar numa possibilidade de trajeto informativo e reflexivo, usando os eixos gênero, sexualidade e questões étnico-raciais para pensar na pluralidade de sujeitas ouvintes do programa, entendendo que até esses eixos não dão conta da fertilidade da transversalidade.

Nesse sentido, os relatos de experiência surge com essa intenção. De desengessar a localidade das sujeitas, colhendo os deslocamentos possibilitados pela experiência. Todos os relatos de experiência e poesias foram colhidos por meio do envio de áudio via aplicativo de whatsapp. O que facilitou o acesso tal como a iniciativa das interessadas em compor o coro do programa, sendo as entrevistas marcadas ao vivo com as colaboradoras. O resultado dessa programação propõe um coro, que se sintoniza na tessitura desses temas político pessoais, que não só atingem ao sujeito mulher, nos questionamentos às suas vivências, mas também possibilita instrumentos que sensibilizam a reconstrução do próprio entorno por meio da reflexão.

Na poesia, a busca de autoras locais também tem a função de dar visibilidade a estas artistas, que possuem muito poucas formas de incentivo a suas expressões artísticas no município de Conceição do Coité. Essa proposta se dá por compreender a arte como via de subversão, sendo mais uma possibilidade de romper com silenciamentos, inclusive os estruturais que fazem uma mulher não investir tempo em atividades que não dialoguem diretamente com a servidão. Recordo que das poesias recebidas a que me deixou mais surpresa foi uma sobre sororidade que afirmava sua negação em vários contextos. O peso da poesia de forma nada panfletária causa um choque de interlocução na reflexão que remonta e na forma como se expõe.

Como já mencionada a forma em diálogo, enquanto apresentadora do programa busquei tecer em rede, conversações, inquietações e acolhimentos, entendendo inclusive a importância estímulo ao “amor interior” conceituado por Bell Hooks (2000). No qual, em substituição ao “amor próprio” que tem mais relação com uma posição ao outro, sugere que as mulheres negras descolonizadas possam por meio das suas definições de experiência expressar a importância da sua vida interior e suas reverberações.

Logo, se a estrutura política carrega em seus pressionamentos sociais uma embalagem modelo de como deve-se ser, para ser “respeitada” enquanto mulher, por meio dos mais diferentes mecanismos sociais, esse caminho de extensão e pesquisa busca visibilizar rotas possíveis de inclusão da mulher como sujeita que transita na comunicação em rede via Webrádio carregando vozes que não visam se estabelecer como modelo, mas como expressão (a)modelada em teia de compartilhamento.

## CONEXÕES

No processo de aprendizado busquei pensar em uma forma simples de elencar esses temas, estabelecendo vínculo com conceitos teóricos. Isso me ocasionou um exercício de reflexão sobre o lugar da escrita na pesquisa. Visto que é importante pensar para quem estamos escrevendo e produzindo, já que a linguagem do rádio evidencia o quanto a escrita acadêmica ainda é inacessível. Dessa maneira, partilho desse caminho possível entendendo-o como um processo de produção de forma conceituada, criativa e experimental, que evidencia a metodologia ler-pensar-fazer-escrever. Tal como demonstra a potência das inquietações alcançadas pela composição da programação por diferentes vozes e experiências colaboradoras. Permitindo a contribuição de diferentes feminismos no seu agendamento.

## REFERÊNCIAS

- BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 458, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16462/15034>> Acesso em setembro, 2017
- COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil. Dinâmicas de uma intervenção política. **Labrys Estudos Feministas**. Jan/Jul. 2005. Disponível em: <<http://www.tanianavarros-wain.com.br/labrys/labrys15/ditadura/analice.htm>> Acesso em junho, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária (1987, 1-20)
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. A vontade de Saber. 10 Ed. Rio de Janeiro: Graal. (1986)
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Edições Graal. Rio de Janeiro (1979).
- HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher**. Mulheres negras e feminismo. 1ª edição, 1981. Disponível em: <[https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher\\_traduzido.pdf](https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf)> Acesso em novembro, 2016
- HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe, v. 2, p. 188-198, 2000. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>> Acesso em março, 2018
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. Revista **Bagoas**, n.5, [1980] 2010. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01\\_rich.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf)> Acesso em agosto, 2017.
- SANTOS, Joanna A dos. **Vozes mulheres** – participação de mulheres na política. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1ZYk\\_qLRpm47gHiywSlCU-DYcId7gSfuty/view?usp=sharingps://drive.google.com/file/d/1bxJnLk2GbcAPUnG-W2hKUFUzwFQStwnIW/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1ZYk_qLRpm47gHiywSlCU-DYcId7gSfuty/view?usp=sharingps://drive.google.com/file/d/1bxJnLk2GbcAPUnG-W2hKUFUzwFQStwnIW/view?usp=sharing)> Acesso em janeiro 2018
- SANTOS, Joanna A dos. **Vozes mulheres** – relacionamento abusivo. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1SnHKhuyibGV8yTHLWoV2rkZ9fdIU\\_GZd/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1SnHKhuyibGV8yTHLWoV2rkZ9fdIU_GZd/view?usp=sharing)> Acesso em janeiro, 2018
- SANTOS, Joanna A dos. **Vozes mulheres** – sororidade. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1bY3PhmID6vyn749sPw3JSyLxvpkz5R5y/view?usp=sharing>> Acesso em janeiro, 2018

# APONTAMENTOS SOBRE COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA<sup>1</sup>

Pricilla de Souza Andrade<sup>2</sup>  
Universidade do Estado da Bahia/UNEB

A menos que nos tornemos a mudança que desejamos ver acontecer no mundo (como diria meu avô) nenhuma mudança jamais acontecerá... Se mudarmos a nós mesmos, podemos mudar o mundo. Essa mudança começará por nossa linguagem e nossos métodos de comunicação (Arun Gandhi. Presidente fundador do Instituto de Não- Violência M. K. Gandhi)

A Comunicação não-violenta se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas. Ela não tem nada de novo: tudo que foi integrado à CNV já era conhecido havia séculos. O objetivo é nos lembrar do que já sabemos, de como nós, humanos, deveríamos nos relacionar uns com os outros e nos ajudar a viver de modo que se manifeste concretamente esse conhecimento.

A CNV nos ajuda a reformular a maneira pela qual nos expressamos e ouvimos os outros. Nossas palavras, em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se respostas conscientes, firmemente baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e desejando. Somos levados a nos expressar com clareza e honestidade, ao mesmo tempo que

damos aos outros uma atenção respeitosa e empática. Em toda troca acabamos escutando nossas necessidades mais profundas e a dos outros. A CNV nos ensina a observarmos cuidadosamente (e sermos capazes de identificar) os comportamentos e as condições que estão nos afetando. Aprendemos a identificar e articular claramente o que de fato desejamos em determinada situação. A forma é simples, mas profundamente transformadora.

À medida que a CNV substitui nossos velhos padrões de defesa, recuo ou ataque diante de julgamentos e críticas, vamos percebendo a nós e aos outros, assim como nossas intenções e relacionamentos, por um enfoque novo. A resistência, a postura defensiva e as reações violentas são minimizadas. Quando nos concentramos em tornar mais claro o que o outro está observando, sentindo e necessitando em vez de diagnosticar e julgar, descobrimos a profundidade. A nós e aos outros, a CNV promove o respeito, a atenção e a empatia e gera o mútuo desejo de nos entregarmos de coração.

Embora eu me refira à CNV como “processo de comunicação” ou “linguagem da compaixão”, ela é mais que processo ou linguagem. Num nível mais profundo, ela é um lembrete permanente para mantermos nossa atenção concentrada lá onde é mais provável acharmos o que procuramos. Existe a história de um homem agachado debaixo de um poste de iluminação, procurando alguma coisa. Um policial passa e pergunta o que ele está fazendo. “Procurando as chaves do carro”, responde o homem, que parece ligeiramente bêbado. “Você as perdeu aqui? pergunta o policial. “Não, perdi no beco”. Vendo a expressão intrigada do policial, o homem se apressa a explicar: “É que a luz está muito melhor aqui”.

Nesse sentido, observa-se que o condicionamento cultural nos leva a concentrar a atenção em lugares onde é improvável que eu consiga o que eu quero. Rosenberg(2006) afirma que desenvolveu a CNV como uma

maneira de fazer brilhar a luz da consciência, de condicionar sua atenção a se concentrar em pontos que tenham o potencial de si dar o que procura. Ele acrescenta “o que almejo em minha vida é compaixão, um fluxo entre mim e os outros com base numa entrega mútua, do fundo do coração” (ROSENBERG, 2006, p.23), essa é característica da compaixão que o pesquisador da CNV denomina entregar-se de coração.

A Web Rádio UNEB, localizada no Campus XIV, em Conceição do Coité/Ba, tem em seus princípios norteadores criar espaços e recursos educativos para experimentação, fazer durar essa necessária experiência comunicativa aberta em tempos de tecnologia digital e móvel. Transformar este espaço colaborativo para a formação e pela busca de conhecimentos aliado às formas alternativas de novos conceitos em Software Livre, conhecimento livre, liberdade de expressão e criação. É pautada pelo experimentalismo em tempos de cultura da convergência (JENKIS, 2009) e de tecnologia digital com software livre, utilizando o Sistema operacional GNU/Linux Etertics v7.1, no meio social e educacional desta territorialidade. Considerando que Web Rádio pode ser entendida como “transmissão radiofônica na internet com tecnologia streaming (processo de transmissão de áudio digital (ou vídeo) que pode ser ouvido ou visto em tempo real”, Priestman (2006, p.25). Entre os processos de transmissão que foram possibilitados pela digitalização está o webcasting, que significa um termo genérico para a transmissão na Internet de conteúdo de áudio ou vídeo por meio de um software de streaming, acompanhado de texto hospedado em um website. No caso da Web Rádio UNEB, tanto a plataforma quanto os periféricos para seu funcionamento são livres, ainda que a política de informática da Universidade funcione com softwares proprietários. Tendo como foco a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, com a participação de áreas do conhecimento de outras instituições e as presentes no

Campus de Coité e inter-departamental, que tenham interesse nas áreas da tecnologia, comunicação e educação, atendendo as especificidades regionais. É transdisciplinar, pois busca dialogar e agregar as redes e movimentos sociais de maneira colaborativa para a produção de seu conteúdo com especial destaque aos produtos da plataforma (programas, podcasts, playlist de músicas) baseados nos modos de escuta (CHION, 1994) e paisagem sonora (SCHAFER, 2001). Acredita-se que a tecnologia do software livre possibilita abrir mais espaços para a criação e expressão da comunicação, de forma mais clara, menos reativa, buscando o colaborativismo e agregação de diversas formas de linguagem com capacidade de promover diálogos potentes em uma cultura plural. Tudo isso, sendo refletido a partir de técnicas da Comunicação Não-Violenta (ROSENBERG, 2006) e do conceito de experiência (DEWEY, 2006; LARROSA, 2002), conceitos e reflexões caras que buscam aprimorar os relacionamentos pessoais, profissionais e o acesso democrático da comunicação nas mais diversas áreas do conhecimento e campos sociais, bem como pensar a ética e estética da comunicação do ponto de vista da experiência.

A atenção para o som, para a comunicação não violenta e para a escuta atenta se torna urgente, pois a escuta se torna cada vez menos um ato da vida cotidiana, entre os seres humanos. A exacerbação da fala e a proliferação das imagens apresentam-se como gestos muitas vezes inevitáveis, incontroláveis. São impulsionados e intensificados pelas inúmeras possibilidades tecnológicas disponíveis nas sociedades atuais. O presente estudo tem como objetivo discutir a experiência da escuta nas estratégias articuladas por uma web rádio universitária, através da utilização de recursos de linguagens e da política, em suas narrativas. A metodologia adotada será composta da análise de conteúdo e análise da experiência estética (de autoria e de estilo) da escuta, a partir do conceito de experiência no proces-



so de aprendizagem elaborado por Larrosa (2002), para o qual a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.

Acredita-se que a Web Rádio utilizando a tecnologia do software livre possibilita abrir mais espaços para a criação e expressão da comunicação, de forma mais clara, menos reativa, busca o colaborativismo e agregação de diversas formas de linguagem com capacidade de promover diálogos potentes em uma cultura plural. Tudo isso, sendo refletido a partir de técnicas da Comunicação Não-Violenta (ROSENBERG, 2006), conceito caro que busca aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais nas mais diversas áreas do conhecimento e campos sociais.

Nesse contexto de apelo aos sentidos, cabe situar a importância das subjetividades dos sujeitos envolvidos na escolha e produção da programação a ser veiculada na Web Rádio. São sujeitos carregados das relações de afetos estabelecidas em sala de aula e fora dela com professores e colegas, nota-se que nesse contexto existe espaços a serem considerados, os lugares de fala e de escuta (como aponta abaixo a autora; vai além da simples observância da audição). No texto; **Educação, Afeto e Representações Sociais**, a pesquisadora Maria de Lourdes Ornellas, observa;

Portanto, a fala e a escuta de professores em sala de aula encontram-se ancoradas em representações de sedução, relação transferencial, ambivalência, repressão e frustração. São as representações sociais carregadas de afetos da cor de Eros e Thanatos. O mestre da psicanálise ajuda a escutar o construto afeto: “um dos estados emocionais, cujo conjunto constitui a gama de todos os sentimentos humanos, do mais agradável ao mais insuportável (CHEMAMA, 1995, p. 10)”. Ou seja, afeto tanto pode estar no campo do prazer como do desprazer. Ambos se tecem e estruturam o sujeito. (ORNELLAS, 2009, p.289)

Considerando esses aspectos da subjetividade e da relação afetiva que ocorre na sala de aula, a nova dimensão do social na contemporaneidade está impregnada também por intervenções tecnológicas e comunicativas que, cada vez mais, agregam indivíduos, associando-os a determinados grupos. Cabe salientar que, para além dessa observação em relação aos meios de comunicação e as relações sociais, o campo educacional vem sendo diretamente afetado e desafiado pelas inovações dos meios digitais. Como apontam as pesquisadoras Cristiana Nova e Lynn Alves, o cyberspaço é um ambiente virtual de aprendizagem, portanto;

O cyberspaço surge não só por conta da digitalização, evolução da informática, e suas interfaces, própria dos computadores individuais, mas da interconexão mundial entre computadores, popularmente conhecida como Rede internet. Da máquina de calcular à internet muita coisa mudou e vem mudando no ciberespaço. Tal mutação se caracteriza, dentre outros fatores pelo movimento do faça você mesmo e de preferência com outros iguais e diferentes de você. A rede é a palavra de ordem do ciberespaço!” (2003, p.148).

Segundo as pesquisadoras, “Rede” aqui está sendo entendida como todo fluxo e feixe de relações entre seres humanos e as interfaces digitais. Ainda nesse estudo, elas abordam as políticas de formação do professor para o uso das tecnologias da Informação e da Comunicação e apontam que, o professor não precisa mais absorver um universo de informação com a preocupação de transmiti-las aos alunos, pois elas estão sendo disponibilizadas pelos meios de comunicação de forma mais atualizada, comparando há 20 ou 30 anos, quando não existia ainda a disseminação da internet. Com isso;

A introdução das tecnologias na sala de aula poderá tornar o processo ensino aprendizagem sintonizado com a vida contemporânea, proporcionando aos alunos o acesso a uma nova forma de comunicação que privilegie a escolha dos próprios caminhos, como ocorre, por exemplo, quando se faz um *zapping* entre sites e canais de televisão. (2003, p.233).

Todas essas modificações culminam no surgimento do que Lèvy (1998), denomina de “Inteligência Coletiva”, “que é uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada e mobilizada em tempo real” (1998, p.30). Nesse sentido o Projeto Web Rádio na UNEB, contribui na formação científica dos discentes e do docente, para que sejam ampliadas, as reflexões acerca da utilização desse meio de comunicação e informação, enquanto um “ator” técnico ou “intermediário” dentro da sociedade midiaticizada, bem como as possibilidades de diálogo no campo da educação, pontualmente, no que corresponde a formação de professores.

Para Nelson Preto (2010), em seu livro *Do MEB à WEB: O rádio na educação tem papel positivo e incitador e o valor educativo, cultural e político da emissora de rádio são inquestionáveis*. Com isso, vale ressaltar a importância de atentar para a comunicação de um modo não violento, já que não é o que podemos observar comumente nos meios de comunicação de massa, de maneira geral.

Como já foi dito anteriormente, o experimentalismo é algo que permeia as atividades da Web Rádio UNEB, aqui entende-se que;

O experimentalismo na comunicação, antigamente, estava associado somente a produções artísticas. Como exemplo, em 1967, o músico Glenn Gould inovou o conceito de documentário radiofônico ao montar suas peças quebrando a linearidade das produções da

emissora britânica BBC. Ele usava formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, de efeitos e do silêncio, não usava narradores e construía a narrativa por meio de depoimentos. A linguagem representa uma das maneiras de experimentalismo. Bertold Brecht, em Teoria do Rádio (1932) propõe que diretores de rádio não se limitem somente a reprodução de conteúdo e a informação, mas que também haja experimentos, e que a arte e o rádio estejam ligados a fins pedagógicos. (FIGUEIREDO, 2013, p.7)

Nessa perspectiva podemos falar em experimentalismo e também em experiência, na experiência da escuta. Na contemporaneidade, nota-se que a escuta se torna cada vez menos um ato da vida cotidiana, entre os seres humanos. A exacerbação da fala e a proliferação das imagens apresentam-se como gestos muitas vezes inevitáveis, incontrolláveis. São impulsionados e intensificados pelas inúmeras possibilidades tecnológicas disponíveis em grande parte, nas sociedades atuais. Sendo assim, ouvir o que o outro tem a dizer se tornou um grande desafio nos jogos da subjetividade. As primeiras ferramentas de expressão da ação humana surgem por meio das pinturas, dos desenhos, da imagem. Enquanto isso surge também outra forma de expressão; os grunhidos, os sons humanos. E a comunicação que se desenvolve assim, por meio do som e da imagem surge como forma de expressão e deve ser considerada sim como uma ferramenta de sobrevivência social, em comunidade.

Diante deste cenário, essa proposta tem como objetivo discutir a experiência da escuta nas estratégias articuladas pelo meio web rádio, ao tramar um diálogo entre vida cotidiana e construção de narrativas radiofônicas, estilo e autoria, encenação e acontecimento, sonho e realidade, os afetos e política, a materialidade e o sensível por meio da utilização de recursos de linguagens midiáticas e da política em suas narrativas. O meio

Web Rádio Universitária, também vem sendo foco das minhas investigações no que tange às transformações do rádio e da linguagem radiofônica no contexto das convergências e das inovações tecnológicas. Aponta para um debate direcionado às abordagens recentes que se dedicam à análise da experiência, considerando materialidade e sensibilidade na sociedade contemporânea, presentes seja no cinema, televisão, publicidade ou nas produções radiofônicas, considero um debate caro, ao campo da radiodifusão, especialmente no Brasil com a influência das redes sociais.

Com isso, busca-se aliar os aparatos conceituais contemporâneos mais suscitados estudos da comunicação na área de som e tecnologia, bem como aos metodológicos específicos de estilo e autoria de Baxandall (2006). Observa-se assim, as possibilidades de alargamento nessa análise, dos elementos que constituem uma estética da escuta nas produções audiovisuais, sonoras e/ou parasonoras. Isso é possível por meio da identificação da produção, do lugar de autoria, que ora envolve comunidades, coletivos e ora a figura de um diretor, considera-se importante também os ambientes de circulação, fruição e consumo dessas produções; da análise das linguagens sonoras nas produções, do conteúdo abordado e do mapeamento dos principais aspectos que caracterizam a indústria atual do gênero, como os festivais, mostras e sua inserção nas mídias livres. Coordeno na Universidade do Estado da Bahia, um projeto de Web Rádio, que tem trazido em seus campos de extensão e pesquisa inúmeros desafios no que diz respeito aos aspectos de experiência e interpretação, política, autoria e estilo, tecnologia e sensibilidades.

Destaco relevância para os autores DEWEY(2005), CARDOSO (2009), que respectivamente, destaca o conceito de experiência e revela padrões de escuta. LATOUR (2012), LEMOS (2013) que apontam para a sensibilidade performativa dos objetos, ao nivelar a função do objeto e

do homem na sociedade contemporânea e de maneira mais específica traz à tona a “comunicação das coisas”, revelando as controvérsias, nos objetos da comunicação.

Retomando o conceito de experiência; DEWEY(2005) ressalta a distinção entre *experiência* e *uma experiência*. Para o autor, *ter experiência* seria como um acontecimento do cotidiano, algo que se repete e relacionado a convenções práticas e procedimentos intelectuais já *uma experiência* seria uma interação integrada às várias dimensões humanas, resultando em uma “experiência forte, integral de rara intensidade” (DEWEY APUD GUIMARAES e LEAL, 2008). Observa-se que ele dialoga com LARROSA(2002), ao concordarem que a experiência é individual, única, algo marcante.

O papel da web rádio nessa experiência única e individual, está conceitualmente e experimentalmente ancorada na perspectiva da Comunicação não Violenta, considerando todos os contextos econômicos, sociais e políticos vislumbra-se que essa abordagem no modo de comunicar perpassa todas as atividades que envolvam as narrativas radiofônicas, bem como as conexões com as mais diversas redes colaborativas.

## REFERÊNCIAS

**BAXANDALL**, Michael. Padrões de intenção. A explicação histórica dos quadros. São Paulo: Companhia das Letras, **2006**, p. 105. BENVENISTE, Émile.

**BONDIA**, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478

**Chion**, Michel. In Audio-Vision: Sound on Screen, French critic and composer Pub Date: May 1994.

**DEWEY, John. Arte como experiência.** Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010

**DO MEB À WEB:** o rádio na Educação/ Nelson de Luca Pretto, Sandra Pereira Tosta (organizadores)- Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2010, Cultura, Mídia e Escola

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA DOCÊNCIA ONLINE/** Marco Silva (Org). São Paulo: Edições Loyola, 2012.

**JENKIS, Henry.** Cultura da Convergência. Tradução: Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

**LEMOS.** Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre. Sulina, 3ª ed., 2007.

**RÁDIO UNIVERSITÁRIA WEB DA UFPE:** O desenvolvimento do conceito de rádio web./ Carolina Figueiredo(Org). Pernambuco/ UFPE. 9º Encontro Nacional História da Mídia. Ouro Preto ( MG)

**ROSENBERG.** Marshall B. **Comunicação Não - Violenta:** técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais/ tradução Mário Vilela. São Paulo, Ágora, 2006.

**SCHAFER, R. M.** O ouvido pensante. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. Educação sonora. São Paulo: Melhoramentos, 2010.



**INTERCOM**

Grupo de Pesquisa  
Rádio e Mídia Sonora

ISBN 978-85-9559-143-1



9 788595 951431